AGENCIA NACIONAL

informações telegráficas para todo o BRASIL

PALÁCIO TIRADENTES
RUA DA MISERICÓRDIA
RIO DE JANEIRO

TELS.: Direção 42-5816
Redação 42-2388
Expedição 42-2575
Oficial 2499

serviço de recortes

DNP

RECORTES REFERENTES AO ULTIMO LEVANTE COMMUNISTA DESCOBERTO PELA NOSSA POLICIA FEDERAL

GV 06 dp E1 Mo 2 Pr 1 Cx 1 27 ABR 1940 (12)

O Estado Novo, pelas imposições da sua própria instituição, exige uma concentração de atividades fóra do comum para tornar possivel a solução dos problemas fundamentais, que o regime anterior vinha protelando indefinidamente. Estamos com um programa de trabalho que compreende os principais setores da vida do país. Êsse programa não é de Ministros, desta ou daquela pessoa: — é o programa do govêrno.

Getulio Vargas.

A grande virtude nacional, neste momento histórico, deve ser uma virtude militar — a disciplina; as circunstancias impõem á nossa conduta o atributo dos povos fortes — a tenacidade. A Nação, disciplinada e tenaz, há de realizar os seus altos objetivos de progresso, sob a proteção do pavilhão auriverde, símbolo da unidade e da grandeza do Brasil.

Getulio Vargas.

O verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o oeste. No século XVIII, de lá jorrou a caudal de ouro que transbordou na Europa e fez da América o continente das cobiças e tentativas aventurosas. E lá teremos de ir buscar: — dos vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das entranhas da terra, o metál com que forjar os instrumentos da nossa defesa e do nosso progresso industrial.

Getulio Vargas.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal NOTICIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

rivel sentença de morte lavrada pelos seus chefes de credo politico, desde que fôra preso, na capital paraense, onde se homisiára, vinha negando com firmeza e impassibilidade a sua participação no monstruoso crime; embora lhe fossem apresentados os documentos de accusação, inclusive a confissão dos demais participantes da trama pavorosa, o indiciado não fugia ás suas primeiras declarações: — estava innocente.

*

A sua figura inspira, logo á primeira vista, repulsa e temor. E', no physico deprimido, vincado de estygmas caracterizadores de degenerescencia, o typo perfeito do tarado, do anormal. Estatura baixa, macrocephalo, physionomia parada, inexpressiva, indifferente, physionomia vulgar, traços marcantes de sub-raça, nada tem do criminoso truculento, terrivel, apavorante que fôra pintado pela imprensa. Não tem os traços ferozes dos retratos lambrosianos; lembra antes, o perigo insidioso das serpentes. E' o matador insensivel, que faz mira e dorme na pontaria, sem expôr a vida, a tanto por morte... No caso em que foi envolvido, serviu apenas de braço executor de uma sentença que foi dictada pelos verdadeiros assassinos, pelos seus chefes — jornalistas, agitadores profissionaes, homens de cultura e de outro nivel intellectual que dirigiam o partido communista e orientavam o meio revolucionario.

*

Mal chegado á Policia Central, e posto em frente ao pessoal habituado a lidar com typos mais perigosos, Francisco Lyra, "O Cabeção", achou melhor confessar tudo... O que não conseguiram as autoridades de varios Estados, inclusive as do Pará, em muitos dias, obteve-o em vinte minutos a policia carioca. O criminoso feroz, sanguinario e impassivel, quebrou logo a camada de gelo da sua alma e fez confissão plena e não se mostra arrenpendido. Cumpriu ordens, executou a sentença que lhe foi dictada pelos chefes. Em sua consciencia insensivel e torva, acha que agiu direito, porque foi disciplinado, obediente, passivo ante a decisão dos verdadeiros autores do crime, os que decidiram o sacrificio da pobre Elza e assistiram á sua morte. O criminoso foi uma decepção; não é o typo pavoroso que já vivia na imaginação popular. Mais monstruosos, sem duvida, e mais perversos, foram os que, aproveitando o seu fanatismo, armaram-lhe o braço e o fizeram carrasco.

*

Uma decepção

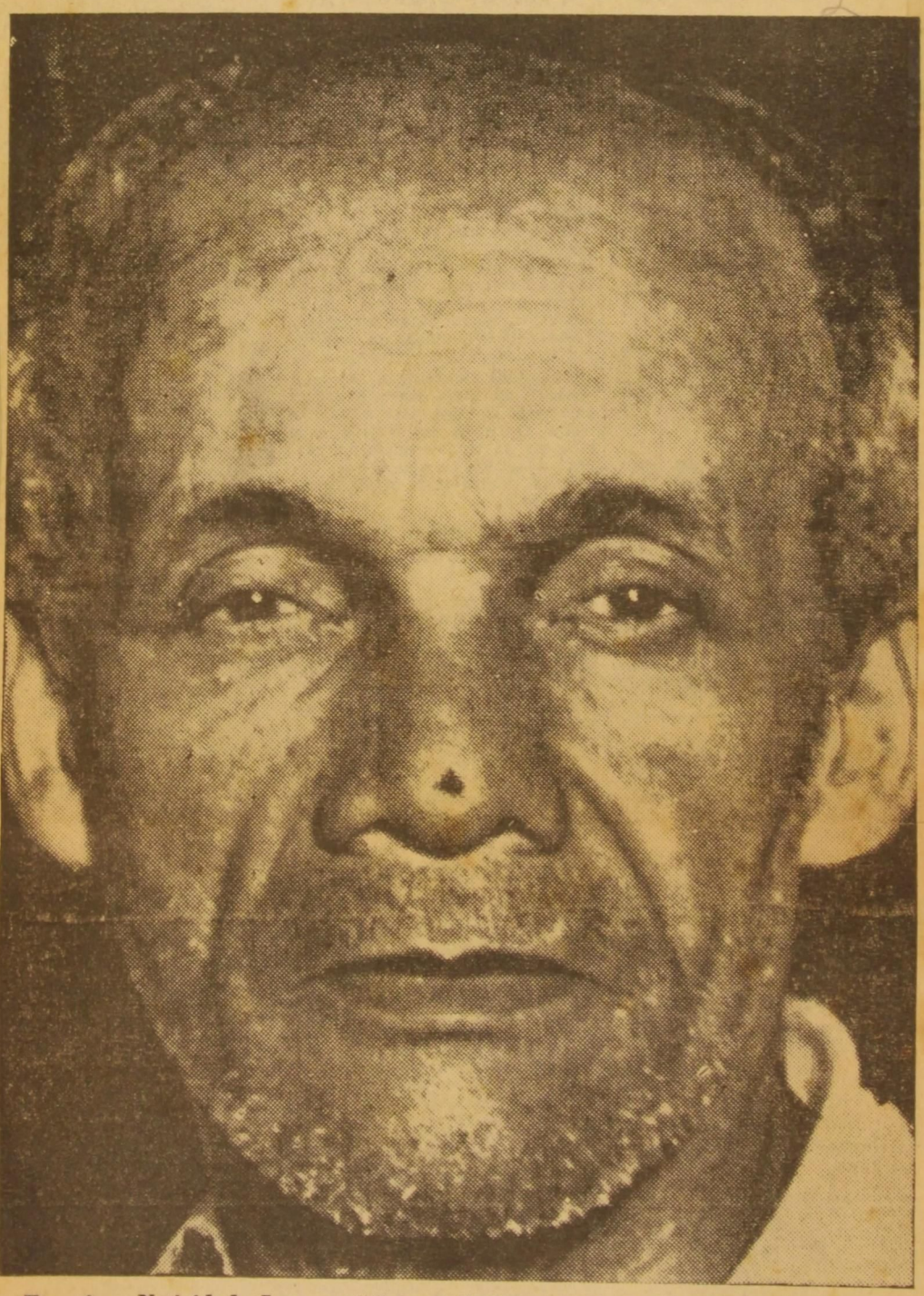
Esperado no aeroporto por uma multidão constituida de muitos milhares de curiosos, chegou, á tarde de hontem, vindo do Pará, o sinistro "Cabeção", figura que nestes ultimos dias tem centralizado todas as attenções pela imputação que lhe era feita da autoria material do assassinio da infeliz Elza Fernandes, a garota leviana e inconsciente sacrificada pela ferocidade brutal da intolerancia communista. O indigitado criminoso, sob quem pesavam gravissimas suspeitas, apontado como o executor frio da ter-

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A NOITE
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Dormiu como um justo o estrangulador

Insensibilidade de fera — O carrasco durante e depois da confissão — Ao cair da tarde, a execução da jovem — Impressionante a frieza com que "Cabeção" relata os pormenores do crime hediondo — Permaneceu ainda varios dias na "Casa da Morte" — Quatro dos monstros agarraram Elza, de surpresa, para que o verdugo a estrangulasse — A acareação com Honorio Guimarães e Eduardo Xavier — A manhã do sinistro personagem



Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", fotografado hoje pela A NOITE, na Policia Central.

CHEGANDO, escoltado e de avião, ao Rio, "Cabeção", o carrasco comunista, foi encaminhado diretamente do aeroporto Santos Dumont para a Delegacia de Ordem Politica e Social, e ali apresentado ao capitão Baptista Teixeira, que o ouviu em longo interrogatorio, no cartorio da referida delegacia, perante varias testemunhas.

A presença de "Cabeção", na Policia Central, como já acontecera no aeroporto, foi motivo de grande curiosidade. Os representantes da imprensa ali estavam, á espera do barbaro estrangulador de Elza Fernandes. "Cabeção" apresentava-se, no entanto, calmo e controlado, como se não lhe pesasse na consciencia a lembrança do medonho crime. Com a maior naturalidade, o carrasco sentou-se numa cadeira, que lhe fora indicada pela autoridade, no cartorio da D.E.S.P.S., e aguardou aí que se iniciasse o interrogatorio. As atenções dos presentes estavam voltadas para o matador da jovem comunista, que continuava frio e impassivel.

Defende-se o verdugo!

Já A NOITE, em sua edição final, noticiara que "Cabeção", durante a viagem aerea persistira em negar qualquer participação no trucidamento de Elza Fernandes, chegando mesmo a dizer que era trabalho inutil o que estavam tendo com ele, trazendo-o pelos

(CONTINUA NA 3ª PAGINA)

E' verdade que só tarde, muito tarde mesmo, já pela madrugada, diminuiu o movimento na Delegacia Especial de Segurança Politica e Social para onde, á tarde, havia sido conduzido Francisco Natividade Lyra, o "Lyra Cabeção". Interrogado, acareado com os antigos companheiros de credo, "Cabeção" foi, cerca de 1 hora de hoje, identificado. Já não sendo precisa a sua presença no cartorio foi ele recolhido á Secção de Toxicos e Explosivos, onde, logo a seguir a sua chegada, pôs-se a dormir. Dormir, não o sono agitado dos assassinos, mas com a placidez venturosa e calma dos justos! Esta manhã, já o sol alto, a reportagem de A NOITE comunicou-se com a Delegacia Especial de Segurança Politica e Social afim de recolher as ultimas notas sobre o barbaro matador de Elvira Cupello Calonio. Dali informaram que "Cabeção" ainda dormia a bom dormir.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A NOITE
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Dormiu como um justo o estrangulador!

(CONTINUAÇÃO DA 8ª PAG.)

ares, de Belém ao Rio de Janeiro, pois se achava alheio á tenebrosa ocorrencia que tivera por teatro uma modesta chacara de suburbio. Ao ser conduzido á Delegacia de Ordem Politica e Social, o carrasco vermelho continuava irredutivel nas suas negativas, respondendo com impressionante sangue frio a todas as perguntas que lhe eram formuladas.

Vendo que "Cabeção" persistia em negar a autoria do trucidamento da jovem comunista, o capitão Baptista ordenou ao seu secretario que lhe mostrasse os depoimentos prestados pelos seus companheiros de credo, nos quais está detalhada a especie de participação que cada um deles teve no monstruoso crime. Após inteirar-se das confissões feitas por Honorio, Deycola e Xavier, o matador de Elza rendeu-se á evidencia daqueles documentos e confessou que fôra, de fato, o estrangulador da moça, sem, no entanto, adiantar maiores detalhes.

Acareação com os cumplices

Desejando inteirar-se minuciosamente dos impressionantes episodios relacionados com a eliminação da jovem amante de Antonio Maciel Bomfim, o capitão Baptista Teixeira, autoridade arguta e já familiarisada com a tecnica simuladora dos vermelhos, fez vir ao cartorio para efeitos de uma acareação com o carrasco, os seus companheiros de partido. Instantes depois Honorio Guimarães e Eduardo Xavier se defrontavam com o estrangulador. Houve então uma rapida troca de olhares entre "Cabeção" e os seus cumplices. Mas tudo foi rapido. Enquanto Honorio e Xavier procuravam desviar a vista dos circunstantes, "Cabeção", ao contrario, mostrava-se, como sempre, calmo e imperturbavel, deitando olhares penetrantes aos antigos companheiros. Já aí, não havia mais duvidas quanto á afinidade ideologica e criminosa que ligava entre si os tres homens. Estava implicitamente comprovada a culpabilidade de Honorio, Deicola, Xavier e "Cabeção", cabendo a este ultimo a tarefa hedionda de trucidar a infeliz menor.

Plena confissão do carrasco

Após a acareação com os cumplices, Francisco da Natividade Lira foi submetido a demorado interrogatorio, naquele cartorio, sendo reduzidas a termo as suas impressionantes declarações. Esse depoimento do barbaro matador foi testemunhado, na sua parte essencial, pelos jornalistas, continuando depois, em carater reservado, pela noite a dentro.

Na sua passagem pela Delegacia de Ordem Politica e Social, a reportagem de A NOITE teve ocasião de ouvir o barbaro estrangulador, que narrava com impressionante sangue frio minucias de sua vida pregressa e emocionantes detalhes do crime tenebroso de que foi o principal autor.

"Cabeção" não foge ao contacto com os rapazes de imprensa. Deixa-se fotografar nas mais variadas poses. E ao cabo de um incessante tagarelar, em que improvisava respostas lucidas e até irreverentes ás perguntas indiscretas que lhe choviam de todos os lados, o trucidador não deixa transparecer nenhum arrependimento, e afirma com certa enfase que não tem remorsos do crime tenebroso que praticou. Falando num intervalo daquela entrevista coletiva com o reporter de A NOITE, declarou-nos "Cabeção" que fora o encarregado do estrangulamento de Elza e que, como comunista disciplinado, não discutiu as ordens dos orientadores de seu partido.

Adiantou que, ao executar o crime, ainda ignorava a existencia de qualquer ordem, ou carta do punho de Luis Carlos Prestes, recomendando o sacrificio de Elza. Interrogado ainda sobre as razões que o levaram á pratica do monstruoso delito, "Cabeção" nos diz textualmente:

— "Matei-a pelo bem do partido".

E frisou, depois:

— Não tenho remorsos, nem me arrependo do que fiz!

Continuando a palestra, o carrasco descreve pormenores arrepiantes do crime de Camboatá. O reporter indaga-lhe se tambem provou do café servido pela infeliz jovem, momentos antes de seu trucidamento, e "Cabeção", sem se alterar, responde:

— Não gosto de café. Minha bebida predileta é o chá.

Brutal!

Pedimos-lhe que narre miudamente os fatos que antecederam ao crime, e "Cabeção" não se faz de rogado. Recompõe para nós, com um sangue frio espantoso o que se passou na modesta casinha de Camboatá. Disse-nos ele que, cerca das 13 horas, achando-se na residencia em questão, onde morava conjuntamente com Elza e Deycola, foi chamado á parte pelos seus cumplices e por estes cientificado de que "Elza havia traido o partido e por isso devia morrer". Diante dessa revelação confidencial dos companheiros, "Cabeção" que, não discutia ordens, logo se prontificou a executar a tarefa que lhe fôra destinada, no plano da eliminação da jovem comunista. Assim, ás 18 horas do mesmo dia, dispôs com os demais todas as providencias para a execução do nefando crime. Descreve sem remorsos as circunstancias dramaticas em que se verificou a morte de Elza, carregando no colorido ao citar as passagens em que ele teve de se utilizar da corda com que a estrangulou, do saco de aniagem, em que recolheu seus despojos e, finalmente, da abertura da cova em que a sepultou.

"Cabeção" faz uma confissão completa do seu crime, insistindo por gosto nos principais detalhes:

— Fui ao quintal e cortei uma corda de estender roupas. No momento combinado, que era justamente quando Elza estivesse entretida, a palestrar com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) eu, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), entrei na sala dos fundos da casa, onde Elza se achava, passei-lhe a corda no pescoço, derrubei-a ao chão e estrangulei-a!

Atenuando de certo modo a sua culpa, "Cabeção" diz nessa altura que foi auxiliado por todos os presentes, não se lembrando, entretanto, de quais foram os que seguraram a vitima e os que lhe auxiliaram a apertar a corda no pescoço de Elza Fernandes.

Após o estrangulamento, conforme narra "Cabeção", auxiliado pelos cumplices, meteu á força o corpo de Elza no saco de aniagem, tendo a impressão de que, em virtude da violencia que usára, tivessem sido fraturados alguns ossos da vitima. E, a seguir, auxiliado por todos, com exceção de Eduardo Xavier, o carrasco diz ter efetuado o enterramento do corpo de Elza em uma cova, aberta nos fundos do quintal, nas proximidades de uma mangueira.

Permaneceu na casa!

No fim do depoimento que prestou na policia, afirma "Cabeção" que, depois do sepultamento de Elza, permaneceu na casa de Camboatá por alguns dias, de onde se mudou dias depois, sendo que Martins (Honorio Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a referida casa no mesmo dia do estrangulamento de Elza.

"Cabeção" mostrava-se loquaz e la atendendo a todas as perguntas, na sala do cartorio. Admoestado por causa de seu crime, teve uma resposta que bem revelou a frieza de seu temperamento:

— Certamente que eu não vou me atirar debaixo do trem!

Interpelado se continuava professando o credo comunista, "Cabeção" respondeu de pronto:

— Sou comunista até morrer!

Respondendo a alguem que estranhara não tivesse ele feito a sua confissão ás autoridades paraenses, o carrasco desabafou-se:

— Não confessei, porque as autoridades de Belem se desinteressaram do meu depoimento, e disseram que o mesmo só interessava á policia carioca.

Falando sobre a arquitetação do plano de eliminação da jovem comunista, "Cabeção" fez outra revelação de certo interesse:

— A idéia não foi minha mas de todos!

Disse por fim o barbaro matador de Elza Fernandes que tomou conhecimento, em Belem, pela leitura dos telegramas estampados na "Folha do Norte" e em outros orgãos locais, do resultado das diligencias efetuadas pela policia carioca, no sentido de esclarecer o tenebroso crime de Camboatá.

Um reporter aludiu ao seu envelhecimento, motivado talvez pelos remorsos que o crime lhe despertara, e o estrangulador, sem perder a calma, obtemperou:

— Isto é da idade, pois já tenho meus 58 anos feitos!

Adiantou que era natural de Paricatuba, municipio do Estado do Pará.

A manhã do carrasco

"Cabeção", ao despertar, apresentava-se tranquilo. O carrasco tomou café com pão e conversou com os detetives encarregados de vigia-lo, e isso como se nada de anormal houvesse em sua vida. Sua noite foi calma. Dormiu sono pesado até depois das 8 horas de hoje.

Os termos do depoimento

O depoimento prestado por Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", perante os jornalistas foi assim anotado no cartorio da Ordem Politica e Social:

"Ao ser interrogado disse que: — Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua atuação na preparação e na execução do ato de estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Calonio), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéia de se cometer o assassinio por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinio de Elza (Elvira Cupello Calonio); que a corda com a qual foi estrangulada Elza (Elvira Cupello Calonio) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Calonio); que, em janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Cupello Calonio) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sita á rua Beco Maria Bastos, n. 48-A, proximo á estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Cupello Calonio) durante cerca de 6 ou 8 dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Comunista tinham de que tivesse sido ela a autora de denuncias feitas á policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que, uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Comunista chegado á conclusão de que realmente Elza (Elvira Cupello Calonio) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangu' (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Cupello Calonio), seria assassinada para o bem do Partido; que, certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), chegara á casa em que o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a efeito o estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Calonio); que debateram todos juntos o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, e que servia para estender roupa; que, ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Cupello Calonio) estivesse conversando entretida com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Cupello Calonio), estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia nas mãos, pelo pescoço de Elza (Elvira Cupello Calonio), derrubou-a no chão e estrangulou-a por sufocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem, qual o que segurava a vitima ou quais os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quais os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no entanto, de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no ato de estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Calonio); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Cupello Calonio) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes o fez meter á força num saco de aniagem, sucedendo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fraturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com exceção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos, com exceção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que, após isso, regressou á casa, permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira (Cupello Calonio), á noite, por volta de vinte e tres ou zero horas; que reconhece, neste ato, a fotografia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exibida, constante do Arquivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social.

Assinaram como testemunhas os jornalistas: João Punchal Galileu, Astianax Leonidas Campos."

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

A NOITE
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

O carrasco silencioso

Em sensacional entrevista para A NOITE o capitão Melchiades Costa, que prendeu "Cabeção", reconstitue todas as fases da diligencia, — A viagem — Um homem desconcertante por sua calma — Olho no revolver — As algemas que não chegaram a ser usadas

O capitão Melchiades Costa, inspetor da Vigilancia e Capturas do Pará, segura as algemas que seriam usadas em caso de necessidade durante a viagem aérea do carrasco para o Rio

(TEXTO NA SEGUNDA PAGINA)

Configuração do crime do carrasco

NO intuito de melhor esclarecer a verdadeira situação de "Cabeção" em face da atual legislação penal, a reportagem de A NOITE procurou o juiz Nelson Hungria, um dos membros da comissão encarregada pelo ministro da Justiça da revisão do ante-projeto do Codigo Penal de autoria do professor Alcantara Machado.

— A pena de morte foi excluida do ante-projeto do Codigo Penal, por isso que fôra desde logo estabelecido que a sua aplicação ficaria dependendo de regulamentação posterior quanto aos crimes comuns. No que concerne aos crimes politicos, ela foi regulamentada pelo Dec. Lei n. 431, de 18 de maio de 1938, declarou-nos de inicio o juiz Nelson Hungria.

— O futuro Codigo Penal do Brasil, como já tive ocasião de dizer á NOITE, apenas compreenderá os crimes comuns e para esses foi posta á margem a pena de morte.

No caso do carrasco do Partido Comunista não haveria a menor duvida quanto á aplicação da pena maxima. Mas, ao que parece, o crime, ou crimes, praticados por "Cabeção" o foram em 1938, ou seja anteriormente á cominação da pena de morte. O principio de que a lei penal não tem efeitos retroativos continúa de pé na legislação brasileira e, assim sendo, não se pode impôr a pena maxima ao matador de Elza Fernandes porque ela foi cominada em maio de 1938 e o seu crime data de 1936. No caso em especie ela se adaptaria perfeitamente, pois o delito é politico.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A NOITE
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

SERIA O CASO DA PENA DE MORTE!

O juiz Nelson Hungria configura para A NOITE o crime do carrasco -- Ante o monstro silencioso -- "Tenho horror ao riso!" -- exclama "Cabeção" falando-nos, esta tarde, novamente, na Policia Central -- Olho atento aos revolveres dos policiais, dentro do avião -- As algemas que não chegaram a ser usadas

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A NOITE
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

AS MÃOS DO CARRASCO. — Foram estas mãos, enormes e brutais, que estrangularam friamente Elza Fernandes, a infeliz menina, a mais recente vitima da furia assassina do Partido Comunista do Brasil. Na sua desconformidade, mostram bem o individuo anormal, o homem sem alma, o delinquente perigoso que é "Cabeção". Pela fotografia, feita hoje pela A NOITE, vê-se bem que essas mãos não são afeitas aos misteres comuns da existencia. Não. As mãos de "Cabeção" foram feitas para a morte, para o exterminio, para o estrangulamento

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
VANGUARDA
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Cabeção confessou o seu hediondo crime!

Matou e não está arrependido

"Matei-a porque ella traiu o meu partido!"

Francisco Natividade Lyra, "Cabeção", carrasco das hostes vermelhas, estrangulador de Elza Fernandes, chegou hontem, a esta capital, desembarcando no aeroporto Santos Dumont, ás 15,30 horas.

Viajou o criminoso num avião da Panair, escoltado pelo Capitão Melchiades Costa, delegado da Segurança Politica e Social do Pará, e pelo investigador Orozimbo Tavares. Após o desembarque, foi "Cabeção" conduzido á Policia Central e apresentado ao capitão Baptista Teixeira, sendo recolhido a uma sala da Delegacia de Segurança Politica e Social.

Interrogado á noite, Lyra confessou amplamente o assassinio de Elza Fernandes, que lhe era imputado pelos companheiros da direcção do Partido Communista Brasileiro.

Embora anteriormente, em Belém e em Recife o houvesse negado sua participação no drama sangrento da immolação da "Garota", o criminoso não fugiu á responsabilidade de seu delicto, confirmando ter sido o autor da morte da amante de "Miranda", após ter ouvido os depoimentos peremptorios de seus companheiros de actividades subversivas.

Foi o seguinte o depoimento de Francisco Natividade Lyra:

Ao ser interrogado disse que: — Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), confirma tudo que, nos referidos depoimentos é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copolo Caloni), negando, no emtanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de Elza (Elvira Copelo Caloni); que a corda com a qual foi estrangulada (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir, passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, em janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sita á rua Beco Maria Bastos n.º 48-A, proximo á Estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Copelo Caloni), durante cerca de 6 ou 8 dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que, uma vez terminado o interrogatório e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que realmente Elza (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangú (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que, certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), chegaram á casa em que o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficando resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, a que servia para estender roupa; que, ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando entretida com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copelo Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia nas mãos, pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem, qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no emtanto, de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo á uma arvore; que, após isso regressou á casa, permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de vinte e tres ou zero horas; que reconhece, neste acto a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Galileu, Astianax Leonidas Campos.

No alto, Francisco Natividade de Lyra, vulgo "Cabeção". Embaixo, um instantaneo do Carrasco Vermelho, tomado no aeroporto Santos Dumont, hontem, á tarde, na occasião em que elle chegava ao Rio

Não está arrependido

Falando com "Cabeção", a reportagem teve occasião de observar-lhe o typo anthropomorphico. Trata-se de um homem primitivo, de raciocinio rudimentar, bronco. Na cabeça grande da qual lhe deriva o appellido salienta-se o frontal. E' mulato e calvo. Tem cabellos duros grizalhos. Palpebras avermelhadas, olhos pardos, cavados, pouco distantes entre si. Denota grande força muscular, apesar dos 58 annos. Curtos e rombudos são os seus dedos, e a mão grossa e rude.

Mas o que caracteriza bem o seu typo, é a ausencia absoluta de remorsos. Narra friamente o estrangulamento. A maneira de matar, era-lhe indifferente. Qualquer outra serviria igualmente. Declara que não está arrependido, pois está convencido de que Elza Fernandes traira o partido.

Detalhes do drama da estrada de Camboatá

""Cabeção" confirmou tudo que seus companheiros haviam confessado, em seus depoimentos. E esclareceu alguns detalhes. Disse não ter tomado parte nas reuniões do Partido em que foi apurada a responsabilidade da "Garota", como traidora. Sómente estava presente, quando foi discutida a forma da execução do crime. Concordou com o estrangulamento, escolhido por seus companheiros.

Elle proprio cortou a corda, utilizando-se de uma que era utilizada num varal, no quintal da casa sinistra da estrada de Camboatá.

Sómente ali conheceu Elza Fernandes. Conforme estava combinado, na hora justa atirou a corda ao pescoço da victima e lançou ao solo, estrangulando-a.

Todos os presentes ajudaram-no, na barbara empreitada. Elza Fernandes, colhida de surpreza, não pôde siquer articular uma ultima palavra.

Quando os jornalistas lhe perguntaram o que pensava da pena de morte applicada ao seu caso, "Cabeção" ficou meio irritado, respondendo com enfado que não lhe importada. E disse:

— "Si quizerem me fuzilar agora mesmo, estou prompto. Não estou ligando a cousa nenhuma".

A idéa de communismo que Lyra tem, é a de que as riquezas devem ser tomadas dos ricos e distribuidas aos miseraveis. Como se julga candidato, na hora da redistribuição, segue de olhos fechados os postulados vermelhos. Seu nivel mental somente o induz a um materialismo grosseiro, interesseiro.

Perguntado se desejava renegar o credo moscovita, respondeu com um olhar fuzilante, deixando transparecer seu profundo desprezo pelos companheiros que confessaram o crime.

A' certa altura do seu depoimento, foi chamado "Xavier" afim de esclarecer um ponto obscuro. "Cabeção" não lhe dirigiu um olhar siquer, durante todo o tempo em que o companheiro esteve no gabinete.

Tres, fizeram a cova

Em seu depoimento, Lyra salienta o auxilio que lhe prestaram os

Houve então uma ultima reunião no Becco de Maria Bastos, em que os ultimos detalhes foram discutidos. Estrangulada quando servia café, foi a joven em seguida mettida num sacco de aniagem e enterrada na cóva cavada em baixo da mangueira por Honorio, "Cabeção" e Deycola.

Acareados

Ficou assim esclarecida a participação activa dos demais assassinos. Houve acareação dos criminosos. Honorio negara que tivesse auxiliado o carrasco e Xavier dissera que o proprio Lyra fôra buscar Elza em Campo Grande. Mas tudo ficou em pratos limpos, comprovada a participação dos companheiros do carpinteiro.

"São uns covardes"

Interrogado sobre Honorio de Freitas Guimarães, o substituto de Prestes na direcção do partido, "Bangú e "Abobora", disse o seguinte:

— "São uns covardes. Nem sob ameaça de fuzilamento confessaria, se tivesse sido o primeiro a ser preso. Elles renegaram, mas eu não renego."

Mataria mais

Manifestando sua ausencia de arrependimnto pelo estrangulamento da jovem, que o partido lhe entregara para matar, accrescentou:

— "Se fosse preciso, mataria mais!"

Viajou separado

No hydro-avião em que viajou o carrasco, acompanhado de sua escolta, os passageiros não tiveram sua presença, porquanto viajou o criminoso em compartimento separado.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A TARDE
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Porque a lei não retroage, "Cabeção" está livre da pena de morte

A TARDE ouve varios juristas sobre a situação do CARRASCO VERMELHO

Texto na pagina 11

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

PORQUE A LEI NÃO RETROAGE, "Cabeção" está livre da pena de morte

Está nesta capital, desde hontem, Francisco da Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", o carrasco do Partido Communista, accusado de em dias do mez de janeiro de 1936, na casa n. 48 A do Becco Maria Bastos, ter executado a jovem Elvira Copelo Calonio, mais conhecida por Elza Fernandes e pelo alcunha de "Garota".

Além das autoridades policiaes incumbidas de receber o carrasco, um grande numero de curiosos aguardou durante horas na certa do aeroporto, a chegada do hydro-avião da Panair em que viajou o assassino da "Garota".

Pouco se demourou "Cabeção" no aeroporto. Rapidamente pousou para os photographos, attendeu á ordem de tirar o chapéo descobrindo, assim, cabeça famosa, balbuciou umas palavras e brincando com uma maçã, caminhou com passo firme para o automovel em que foi conduzido á Chefatura de Policia.

Nada perguntou ao policial que o acompanrava diante da limousine. Entrou nella elegantemente e sentou-se. Se "Cabeção" se trajasse com elegancia dir-se-ia tratar-se de um personagem convencido da sua importancia.

Na Policia Central, minutos depois de ter ali chegado, Francisco da Natividade Lyra confessou ter matado Elvira Copelo Calonio e detalhou a participação que no caso tiveram Honorio de Freitas Guimarães, Eduardo Ribeiro Xavier, Adelino Deycola dos Santos e Lauro Reginaldo da Rorha.

Com a chegada de "Cabeção" estão reunidos nesta capital os componentes do Tribunal Vermelho e os executores da sentença contra a "Garota". Aos nomes já citados como responsaveis pela morte de Elvira Copelo Colonio, deve ser accrescentado o de Luiz Carlos Prestes, que foi quem venceu as ultimas resistencias dos seus correligionarios, mandando executar o crime.

CRIME COMMUM OU POLITICO? — E' APPLICAVEL A PENA DE MORTE

Em seguida á divulgação do assassinato de Elvira Copelo Colonio e dos moveis determinantes do crime, uma duvida se levantou sobre a especie do crime de que é accusado "Cabeção" e seus culpices.

Trata-se de crime commum ou de crime politico? E' applicavel a pena de morte no caso?

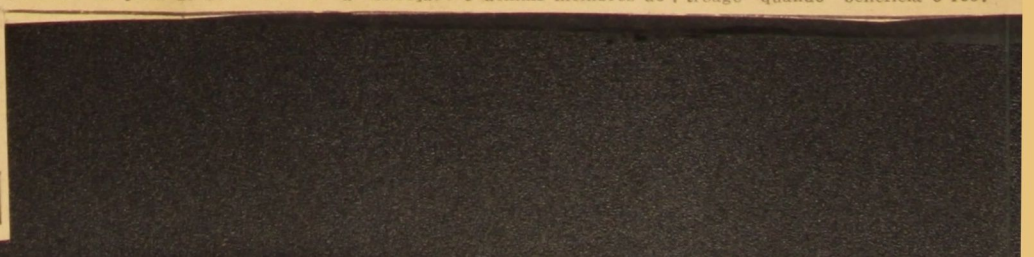
Ouvimos a proposito, pelo telephone, o professor Demosthenes Madureira do Pinho, cathedratico interino de Direito Penal da Faculdade Nacional de Direito. Sua senhoria acha tratar-se de um crime mixto dados os moveis que o determinaram, devendo elle ser julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional. Aos seus autores, como succedeu com o assaltante do Palacio Guanabara accusado de ter atirado na sentinella, caberão penas pelo crime politico propriamente dito e penas pelo crime de homicidio.

Quanto á applicação da pena de morte no caso, acha o professor Madureira do Pinho não haver possibilidade de ser a pena maxima pedida para os responsaveis pela morte de Elvira Copelo Colonio ou mesmo para "Cabeção", em virtude de ter sido o crime praticado em janeiro de 1936 e a lei reguladora da pena de morte ser de 1938. A lei penal só retroage quando beneficia o réo.

DIFFICIL CLASSIFICAR O CRIME

Ouvido por nós o conhecido criminalista dr. Romeiro Netto disse-nos não conhecer quasi nada do facto. Comtudo acha difficil a classificação do crime attribuido a "Cabeção" e demais membros do Partido Communista. A classificação como crime mixto ainda é mais difficil. Acha o dr. Romeiro Netto que antes da phase da instrucção criminal, quando o processo tem outro valor é leviano opinar. Quanto á applicação da pena de morte no caso lembra o principio de que a lei penal só retroage quando beneficia o réo.

"Cabeção" desembarcando no aeroporto



DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal NOTICIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Impassivel o carrasco vermelho aguarda novos interrogatorios

(00)

"Lyra Cabeção" dormiu bem e tomou chá com torradas pela manhã

(00)

ESPERAM-SE OUTRAS REVELAÇÕES DO ASSASSINO DE ELZA FERNANDES

Para assistir a chegada do carrasco "Lyra Cabeção", agglomerou-se hontem, á tarde, o aeroporto Santos Dumont, enorme multidão de curiosos, manifestando viva ansiedade para ver de perto o sinistro assassino que estrangulou a joven extremista Elvira Copello Caloni, conhecida no seio do Partido Communista pela alcunha de Elsa Fernandes.

Após o rapido desembarque dos demais passageiros do "clipper" chegou a vez de Francisco Natividade Lyra, que foi immediatamente entregue pelos policiaes que o conduziam de Belem ao Rio, ás autoridades da delegacia de Segurança Politica e Social, onde, minutos após, era interrogado.

Francisco Natividade Lyra, conta 57 annos de idade e é um typo caracteristico do sertanejo rude das regiões do norte, de cabeça grande, donde lhe vem a alcunha, calva da frente para traz, olhos pequenos sob fronte larga, nariz achatado, restando-lhe poucos dentes na bocca. De estatura baixa, tem os braços e as pernas arqueados, não sendo um typo aggressivo.

Na Policia Central, Lyra persistiu na negativa. Após ouvir a leitura das declarações dos seus companheiros e de ser collocado frente á frente com Honorio de Freitas Guimarães, confessou tudo, sem mais relutancia, conforme é do dominio publico.

Ouvido pelos jornalistas

Terminado esse depoimento, que foi feito vinte minutos após a sua chegada na Policia Central, o delegado, capitão Baptista Teixeira, convidou os jornalistas a ouvirem o assassino na sala da Delegacia.

Quando penetramos na sala, ainda alli se encontrava Honorio Guimarães, que fôra acareado com o carrasco, estando este ultimo sentado numa cadeira, em mangas de camisa.

A autoridade franqueou aos jornalistas as perguntas que desejassem fazer ao estrangulador.

Por sua vez, o carrasco mantinha-se sereno, impressionantemente calmo, não demonstrando a minima emoção deante das machinas photographicas que se preparavam com as objectivas assestadas para a sua pessoa.

Choveram as perguntas.

"Matei e não tenho remorsos de nada"

A' primeira pergunta que lhe foi feita, respondeu com segurança absoluta, com serenidade surprehendente:

— "Matei e não tenho remorsos de nada. Ella foi enforcada por mim e por meus companheiros. O Xavier foi quem a trouxe da casa de Francisco Meirelles para a nossa casa e eu arranjei a corda num varal de estender roupa."

— E o Honorio?

— "Elle ajudou a fazer a cova e a enterrar a "garota".

"Lyra Cabeção" não se limita a responder somente as perguntas que lhe são feitas pelos reporters, accrescenta detalhes e approveita para expender conceitos estupidos a favor do seu Partido e contra o regimen.

— Por sentença ou ordem de quem você matou a Elza?

— Não sei de sentenças, nem de ordens. Somente no dia é que os companheiros me disseram que era necessario matar a pequena, porque ella era uma denunciadora.

— Mas você commetteu um crime horrivel que lhe levará á cadeia para o resto da vida...

— "Ora, a vida! A causa está acima de tudo."

— Ha quantos annos você é communista?

— "Desde 1926. O Honorio entrou depois. Os outros tambem entraram depois."

— Então você já é graduado?

— "Não, nunca tomei parte nas reuniões dos chefes. Sempre cumpri meus deveres."

"Imprensa de venaes !"

Repentinamente, um reporter faz-lhe outra pergunta:

— Você matou tambem o Tobias?

— "Não matei mais ninguem. O que eu fiz já confessei e assumi a responsabilidade. Lá em Belem eu li os jornaes que diziam que eu matei esse e um tenente, que eu nunca vi e outros. Tudo mentira. Esses jornaes não valem nada. E' uma imprensa de venaes!"

"Lyra Cabeção" é um individuo estupido, analphabeto, exprime-se com rudeza, mas não perde aquella attitude. Aggride a imprensa e o governo com desfaçatez.

Não nega o seu credo

Fizemos, então, ver a "Cabeção" que varios companheiros seus haviam, em vista das atrocidades commettidas em nome da ideologia que professavam, tornado publico as suas renuncias ao credo vermelho e perguntamos-lhe se não pretendia fazer o mesmo. O communismo — argumentamos — fracassára no Brasil e persistir em ser seu adepto significava um erro maior ainda.

Ao ouvir essas palavras, "Cabeção" tem um assomo de colera; seus olhos relampejam e esbraveja:

— Renegar o que? Elles fizeram isso porque são uns covardes. Pertenço ao partido, matei a "garota", não estou arrependido e continuarei a ser communista durante toda a vida.

Novas revelações

Acredita a Policia que deante de novos interrogatorios, Francisco Natividade Lyra venha a adeantar novos informes relacionados com as actividades communistas e assim é que deverá ouvil-o outra vez.

Dormiu bem e tomou chá com torradas

"Cabeção" foi recolhido, incommunicavel, após ser ouvido pela reportagem, a uma sala contigua á Secção de Explosivos e ali passou a noite. Dormiu calmamente e ao acordar, hoje, pediu chá preto com torradas, no que foi attendido.

O assassino de Tobias Warchawsky

Após as diligencias referentes ao processo do assassinato de Elvira Copello Caloni, a Elza Fernandes, dos communistas, a Delegacia Especial de Segurança Politica e Social reencetará os seus trabalhos para esclarecer definitivamente o mysterioso homicidio de Tobias Warchawsky, outro joven communista, sacrificado em circumstancias brutaes, no anno de 1934, na estrada dos Macacos, na Gavea, como é do conhecimento publico.

Naquella época foram realizadas numerosas diligencias para elucidar a trama criminosa em que fôra envolvido o caricaturista, que era membro de destaque da Juventude Communista e que teria incorrido em pena de morte por se ter tornado suspeito de delação dos seus "camaradas" de crédo.

Com a recente desarticulação do Partido Communista levada a effeito pela Delegacia Especial de Seguranca Politica e Social e prisão da maioria dos elementos que se encontravam em actividade, tendo sido descobertos os membros do "tribunal vermelho", conduzindo ás autoridades ao completo conhecimento da trama subversiva, empenham-se agora em revelar o crime de que foi victima Tobias Warchawsky.

Esses trabalhos, aliás, segundo estamos informados, já se encontram bem adeantados, esperando-se que com a prisão de Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", venha a se esclarecer definitivamente quem foram os autores da morte do joven communista.

ACREDITA EM DEUS E VENERA A MEMORIA DE SUA MÃE...

O estrangulador vive fóra da lei ha mais de 20 annos

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", tinha no Partido Communista a missão de cumprir as ordens sem discutir, como fervoroso adepto da causa subversiva.

Não tinha elle outra actuação, além de ser incumbido de por em pratica os actos sinistros, de deshumanidade, que exigissem absoluta ausencia de bons sentimentos e uma grande dóse de crueldade.

Observado com segurança pelos chefes da doutrina vermelha, facil tarefa foi a de conquistal-o para as hostes de Moscou, fanatizando-o logo depois.

Ignorante, analphabeto, ambicioso e máu, "Lyra Cabeção", seduzido por promessas falsas, teria entrado para o Partido, cujos elementos se lhe tornavam dignos de admiração e respeito, de idolatria mesmo.

Communista desde 1926, antes disso, entretanto, annos atraz, tomára parte nos movimentos e conspiratas anarchistas e outras que se verificaram entre nós.

Sem nenhuma preparação intellectual a proposito da doutrina dissolvente, nada mais sabe, além de que o nosso regimen não interessa ao seu Partido e que só este é que convém aos seus interesses pessoaes e, por isso, obedece aos seus "chefes" e não renega, de forma nenhuma, o credo.

Tanto assim que, em determinado momento de sua entrevista com os jornalistas, lembram-lhe a invocação que fez ao embarcar, preso, em Belém para esta capital, dizendo que tinha fé em Deus e que, por isso, breve regressaria, reaffirmou:

— "Tenho fé em Deus, sim. Foi Elle o constructor de todas as cousas..."

E em outro momento, no decorrer da palestra:

— "Fiquei indignado porque falaram em minha mãe, que já está morta".

— Mas os communistas não têm Deus, nem mãe...

— Ah! mas eu tenho. Acredito em Deus e não admitto que falem da minha pobre mãe que já morreu ha muito tempo. E depois isso não interessa para a Policia. O que interessa é o que eu já disse".

Estava conhecida mais essa faceta da estranha personalidade do carrasco official do Partido Communista.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal NOTICIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

QUATRO FLAGRANTES DO CARRASCO COMMUNISTA

O cliché acima apresenta quatro flagrantes de Francisco Natividade Lyra, o terrivel "Cabecão" — No primeiro, vemol-o pouco depois de chegar á Central de Policia; no segundo, o desembarque do facinora no Aeroporto Santos Dumont, trazendo na mão a maçã, que guardou do almoço; no terceiro, quando elle era interrogado pela reportagem e, por ultimo, "Cabeção" após a confissão do estrangulamento de Elza Fernandes.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal MEIO DIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Cantava a 3ª Internacional nos estaleiros da Port Of Pará

"LIRA CABEÇÃO" FOI PRESO QUANDO DOUTRINAVA OS COMPANHEIROS DE TRABALHO

DETALHES DA DETENÇÃO DO CARRASCO, RELATADOS PELO CHEFE DO GABINETE DE INVESTIGAÇÕES DA POLICIA PARAENSE — LUIZ COPELO, O IRMÃO DE ELZA, JÁ FÔRA PRESO NO PARÁ

Repercutiu, de modo impressionante, o noticiario detalhado da iria confissão feita no cartorio da Delegacia Especial de Sepurança Politica e Social, pelo perigoso individuo Francisco Natividade Lira, vulgo "Cabeção", assassino frio, deshumano e hediondo da desventurada jovem Elza Fernandes, conhecida entre os comunistas pelo apelido de "Garota".

"Cabeção", um tipo vulgar de criminoso, homem rude e ignorante, não tem preparo ideologico nenhum. Doutrinado pelos maiorais do Partido Comunista do Brasil, de maneira especial, era um instrumento nas mãos daqueles com que podiam contar com ele para empresas sinistras e perigosas.

Tendo negado a autoria do assassinio de Elza até o ultimo momento, não pôde ele resistir á evidencia dos fatos tão bem esclarecidos pelas autoridades da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social.

Cantava a Terceira Internacional

Pela manhã de hoje a reportagem de MEIO-DIA, procurou ouvir o chefe do Gabinete de Investigações da policia paraense, o capitão Melquiades Costa, que em companhia do investigador Orozimbo Tavares, conduziu o facinora para esta capital. Fomos encontra-lo no Hotel Avenida. Queriamos saber de detalhes acerca da descoberta e a consequente prisão de Francisco Natividade Lira.

O capitão Melquiades Costa, chefe do Gabinete de Investigações da Policia do Pará, quando conversava com o reporter do MEIO-DIA

A autoridade paraense poz-se á nossa disposição.

Por intermedio dos funcionarios dos escritorios dos estaleiros da Companhia Port of Pará, soube aquela autoridade que um operario daquela companhia andava doutrinando os companheiros com grave perigo não para a referida companhia como para a tranquilidade do Estado.

Nessa ocasião já estavam as autoridades policiais de posse dos dados a respeito das atividades criminosas de Natividade Lira, o "Cabeção". Imediatamente o capitão Melquiades dirigiu-se para os estaleiros de Valdecanes, localidade distante de Belem, cerca de doze quilometros, e ali ouviu as informações sobre o perigoso individuo.

Francisco Lira na hora de espera da entrada do serviço e no intervalo do almoço, doutrinava os companheiros de trabalho e cantava algumas vezes, a Terceira Internacinal, o hino dos comunistas.

Imediatamente o operario foi mandado buscar no dique onde trabalhava e dali mesmo seguiu para a policia de Belem. Ao ser preso "Cabeção" não se perturbou e nem tampouco perguntou porque o prendiam.

Perguntado apenas onde morava, indicou a residencia de suas irmãs, na capital Paraense.

O capitão Melquiades foi até o local indicado por "Cabeção" e ali encontrou as irmãs desta, Bemvinda e Januaria Natividade Lira. Ambas negaram que Francisco morasse ali. A autoridade voltou á policia e pos "Cabeção" num carro celular dirigindo-se em seguida para aquele endereço. Por entre as grades do carro Lira apontou a casa em que morava, dizendo que apenas tinha ali uma maleta com os seus documentos.

Dois contos de réis guardados

Diante da presença do irmão, as duas mulheres não puderam mais negar o parentesco e os investigadores entraram na casa afim de dar uma busca. A mala de "Cabeção" estava escondida debaixo do assoalho do banheiro da casa. Nela, dentro de um envelope comercial, o capitão Melquiades encontrou a quantia de 1:300$000 em cedulas de 100$000 e em outro, 700$, em notas de cincoenta mil réis, além da carteira de carpinteiro naval e dois recibos do Sindicato dos Calafates e Carpinteiros Navais. O dinheiro foi entregue ás irmãs de "Cabeção", com o testemunho de varias pessoas que acorreram ao local.

Negando sempre

Levado para a policia, o criminoso foi ouvido pelo proprio chefe de policia do Estado do Pará, dr. Salvador Borborema. Foi irredutivel. Nada confessou aquela autoridade. E' verdade que a policia paraense não tinha informações detalhadas de datas e outros elementos que

Conclue na pag. seguinte

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

CANTAVA A TERCEIRA INTERNACIONAL

Conclusão d.. pag. anterior

pudessem esclarecer toda a culpabilidade do criminoso e arrancar-lhe a confissão.

A viagem para o Rio

O dr. Salvador Borborema, chefe de policia do Pará, resolveu que o preso fosse conduzido para a capital da Republica pelo proprio chefe de investigações e mais um policial. E assim, "Cabeção" embarcou no "comodore" da Panair, acompanhado do capitão Melquiades e do investigador Orozimbo, este pessoa de confiança do chefe de investigações.

Natividade Lira, durante a viagem, não se mostrou surpeendido. Durante a travessia ele reparava os revolveres dos policiais que de vez em quando apareciam debaixo do paletot. Esse movimento foi observado pelos condutores do preso, sendo então redobrada a vigilancia.

Informado a respeito de Santos Dumont

Quando "Cabeção" se dirigia para a estação dos aviões em Belém, o capitão Melquiades perguntou-lhe se já havia viajado por via aerea. O matador de Elza respondeu que nunca e, em seguida, fez uma pergunta ao seu interlocutor: "O senhor sabe quem inventou a aviação?" A autoridade, fazendo-se de ignorante no assunto, respondeu negativamente. "Cabeção" admirado disse: "O senhor é brasileiro e não sabe? Pois foi o grande brasileiro Santos Dumont. Nasceu ele na cidade de Palmira, em Minas Gerais. No entanto, pensa o senhor que o governo brasileiro o auxiliou para o desenvolvimento da sua idéa? Nada. Foi na França que ele pôde realizar as suas experiencias com o auxilio direto do governo francês. Ele adorava a França e dizia que a grande nação era a sua segunda patria, quando era interrogado sobre a sua nacionalidade." Iria adeante o criminoso ,se no momento não tivesse de desembarcar do automovel. Chegara á estação de aviões.

O irmão de Elza teria sido preso no Pará

O capitão Melquiades, quando viu os primeiros retratos de Luiz Copelo Caloni, irmão da infortunada Elza Fernandes, publicados nos jornais do Rio, lembrou-se de que havia um comunista no fichario da sua seção, cujos traços fisionomicos coincidiam com os de Luiz. O referido comunista dera o nome de Antonio Moreira, quando foi preso em 1935, naquela capital, por exercer atividades conspiratorias.

Afim de apurar se o Antonio Moreira, preso no Pará é o mesmo Luiz Copelo Caloni, o capitão Melquiades trouxe para a policia carioca o retrato do mesmo tirado naquela ocasião e a sua ficha datiloscópia.

Os condutores de "Cabeção" retornarão ao seu Estado natal na proxima semana, por via maritima.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal MEIO DIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

RELATO FRIO E IMPASSIVEL DO HEDIONDO CRIME PELO SINISTRO «CARRASCO VERMELHO»

MATOU, PORQUE ASSIM O EXIGIA O INTERESSE DO PARTIDO COMUNISTA !

Militante do credo de Moscou, ha 14 anos -- Um tipo estranho de criminoso -- Palavras do barbaro estrangulador aos jornalistas -- Os termos da confissão no Cartorio da Policia

Francisco Natividade Lira, vulgo "Cabeção", quando repetia ao reporter do MEIO-DIA a sua fria confissão

Quando o avião da Panair atracou no Aeroporto Santos Dumont já uma densa multidão de curiosos se aglomerava em volta do grande pateo de desembarque da empresa, havendo um outro grupo, um tanto numeroso de policiais, jornalistas, fotografos da imprensa e cinematografistas a postos nas proximidades da ponte onde deviam saltar os passageiros da aeronave P-P-P A U, que conduzia, escoltado por dois investigadores paraenses o famigerado carrasco do Partido Comunista, acusado de ter estrangulado a infeliz jovem Elvira Copelo Caloni, cognominada Elza Fernandes, vitima dos seus proprios camaradas adeptos do credo de Moscou.

Toda aquela multidão se comprimia ali, numa expressão extraordinaria de curiosidade despertada pela figura singular do matador, apenas conhecida nestes ultimos dias através da vasta publicidade feita em toda a imprensa do país, apontando-o como o mais barbaro assassino que a cronica policial tem registado ultimamente, autor de um crime ou de outros mais que encheu de repulsa a opinião publica.

Uma figura decepcionante

Atracado o aparelho ao flutuante, depois de terem saltado os passageiros classificados, viu-se subir o feroz algoz comunista, acompanhado pelos investigadores que o escoltavam, e ser, em seguida, apresentado ao representante do delegado especial da Segurança Politica e Social, já na ponte flutuante.

Do seio da multidão sairam exclamações que traduziam a decepção causada pela figura ridicula do velho assassino, um homem de estatura mediana, muito calvo, de pernas e braços encarquilhados, mal vestido, de paletot curto e calça pelos tornozelos, chapéu de palha muito velho, andando firme, com rudeza, como um sertanejo ignorante, cretino, sem a cara patibular dos classicos criminosos natos, mas um tipo quasi desprezivel, em quem não se crê a capacidade de matar estupidamente uma menina inofensiva, inerme, desgraçada e infeliz como foi a desventurada presa dos terriveis membros do "tribunal vermelho".

E foi sem o minimo constrangimento, antes com certa presença, que o criminoso, chegando ao pateo, perfilou-se para os fotografos, cercado de policiais e jornalistas, dando a compreender que nada de todo aquele aparato lhe produzia impressão.

Desembaraçadamente tirou o chapéu para "posar", a pedido dos fotografos da imprensa, e esperou que todos se dessem por satisfeitos, sem ter esboçado um gesto qualquer de impaciencia.

Na Policia Central

Uma longa caravana de automoveis, conduzindo investigadores da Delegacia de Segurança Politica e Social e jornalistas, partiu, momentos depois, do aeroporto, conduzindo o carrasco Francisco Natividade Lira, o "Lira Cabeção", para a séde da Policia Central.

A' porta do edificio, em todo o espaço fronteiro, tambem uma grande multidão esperava ansiosa a chegada do temivel estrangulador, certo com a espectativa de que "Lira Cabeção" era um individuo de grande estatura, fisico agigantado, figura agressiva, tipo, enfim, de barbaro de novela, bruto, monstruoso.

Repetiu-se ali a decepção do publico, ao ver saltar do automovel da Policia o homem ridiculo, atarracado e desprezivel que é "Lira Cabeção".

Chegado na Central de Policia, foi ele imediatamente transportado para a Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, onde passou a ser interrogado numa das salas do segundo andar.

Viajou separado dos passageiros

O carrasco do Partido Comunista viajou da capital paraense no hidro-avião da linha do Pará daquela companhia que partiu de Belém na quarta-feira ultima pela manhã e pernoitou em Fortaleza, alcançando quinta-feira Recife, onde tambem pernoitou, para chegar finalmente a esta capital, precisamente ás 16,20 horas, ao aerodromo Santos Dumont, nesta capital.

A viagem foi feita nesse hidro-avião e não no "cliper" internacional, devido ao fato de estar o ultimo, que tambem partiu na quarta-feira de Belém mas chegou ao Rio no dia imediato, completamente lotado, não sendo possivel assim acomodar o preso e os dois policiais que o escoltaram num compartimento separado dos demais passageiros, de acordo com as praxes adotadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "comodore" em que Natividade Lira viajou de Belém a Fortaleza e ao Recife, como no "baby-cliper" em que completou a viagem de Recife ao Rio de Janeiro, existem compartimentos separados, de forma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

A confissão do hediondo estrangulador

As primeiras declarações de Francisco Natividade Lira foram tomadas apenas com a presença das testemunhas indispensaveis, inclusive dois jornalistas.

E' a confissão impressionante da autoria do assassinio da jovem comunista Elza Fernandes, que Francisco Lira, apesar de se ter mantido em irredutivel negativa até chegar na Policia Central, resolveu fazer cinicamente, sem o menor constrangimento.

Eis as suas declarações prestadas:

"Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos é dito sobre sua atuação na preparação e na execução do ato de estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se cometer o assassinato por meio de um estrangulamento por corda esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de ELZA (Elvira Copelo Coloni); que, a corda com a qual foi estrangulada ELZA (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, sendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir, passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, em janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos), sita á rua Beco Maria de CamboatádsIETAO co Marias Bastos, 48-A, proximo á estrada de Camboatá; que ELZA (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de seis ou oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Comunista tinham de que tivesse sido ela a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Comunista chegado á conclusão de que, realmente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos), BANGU' (Lauro Reginaldo da Rocha) e o declarante que ELZA (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado á efeito o estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, a que servia para estender roupas; que ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando ELZA (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando entretida com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) e TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde ELZA (Elvira Copelo Caloni) estava com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de ELZA (Elvira Copelo Caloni) derrubuou-a no chão e estrangulou-a por sufocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a vitima ou quais os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quais os que o auxiliaram; que tem certeza, no entanto, de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no ato de estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que depois o corpo de ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha, onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez meter á força num saco de aniagem, supondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fraturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com exceção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos, com exceção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) no fundo do quintal da casa, proximo á uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamenot de ELZA (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 (vinte e três) ou zero hora; que reconhece, neste ato, a fotografia de Adelio Deycola dos Santos, vulgo TMPINHA, que lhe é exibida, constante do Arquivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social".

Varios aspectos da chegada do carrasco vermelho, obtidas pela nossa objetiva, no Aeroporto Santos Dumont, ontem, á tarde. A multidão, que aguardava, curiosa, a chegada do facinora, "Lira Cabeção", logo depois de desembarcar do avião e o povo acompanhando o automovel que conduziu o criminoso á Policia Central

A figura grotesca de "Lira Cabeção", logo depois do desembarque no Aeroporto Santos Dumont

Sem a minima coação

E voz corrente no seio da opinião publica de que essas confissões obtidas na Policia, desses individuos já marcados como comunistas, ou mesmo outros, decorrem de coação violenta, chegando-se mesmo a crêr que, em geral são os presos esbordoados para dizerem até o que jamais pensaram em dizer.

Quanto a precedentes desses fatos, absolutamente, não contrariamos, mas, durante as diligencias que têm sido feitas ultimamente, para esclarecimento das atividades dos comunistas, é de encarecer-se esse escrupulo das autoridades em não molestarem de forma nenhuma os detidos.

O caso de Lira "Cabeção" torna-se extraordinariamente claro, quando se verifica que o barbaro matador, ainda não tinha uma hora de permanencia na Policia Central e já havia confessado toda a sua culpabilidade e assumido a responsabilidade do seu barbaro crime, num ambiente perfeitamente tranquilo em que a lei foi resguardada da maneira mais significativa.

Assim é que logo depois muito antes das 19 horas, foi chamada toda a reportagem para ouvir, de viva voz, o feroz carrasco oficial do Partido Comunista.

Reproduz a sua confissão

A pequena sala da Delegacia, onde se encontrava Lira "Cabeção", ficou cheia de reporters e fotografos, rodeando o facinora, na disputa de declarações do mesmo, quando ainda todos julgavam que o deshumano estrangulador ia manter-se irredutivel na negativa, muito embora, fosse pouca a duvida que restava de participação na execução feita por ordem de Luiz Carlos Prestes, homologada pelo famoso "tribunal vermelho".

Nova decepção estava reservada á reportagem. O homem inteiramente descoberto na sua verdadeira personalidade de carrasco, frio, indiferente, presente de corpo e espirito, respondeu, logo ás primeiras perguntas, com uma clareza de pasmar, revelando sua capacidade e calma, em toda a plenitude.

E reproduziu a confissão momentos antes feita, sendo ai explicado que, ao ser posto frente á frente com Honorio de Freitas Guimarães, contou tudo, sem omitir nenhum detalhe.

E falando aos jornalistas, declarou:

— Foi Xavier quem levou a "Garota" para a casa do beco Maria Bastos, tendo ido busca-la na casa de Francisco Meireles, onde fora escondida pelos companheiros. Já sabia o que tinha a fazer, em virtude de preparação anterior, assentada numa reunião. E, não tive duvidas; com uma corda que cortei de um varal de roupa no quintal, matei a pequena, enforcando-a.

— O senhor foi obrigado a matar a "Garota", foi forçado por seus companheiros a cometer o crime ?

— Não, responde ele. Mat porque havia necessidade par bom andamento da organização Ela, morta, era uma denunciante a menos.

— Mas a pequena não denunciou ninguem, isso é mentira !

— Isso não se discute mais. Assumo inteira responsabilidade do que fiz.

— E você não tem remorsos disso, desse crime horrivel de matar uma menina indefesa, sem forças para se defender, sem poder reagir ?...

— Remorso de que ? — indaga na sua irritante resposta, o barbaro assassino e continua: — Sempre fui homem calmo nunca ri, nem nunca chorei de coisa alguma.

— Ha quanto tempo pertence ao Partido Comunista ?

— Desde 1926. Sempre trabalhei para o bem da organização.

O carrasco fala com o maior desembaraço, como que sem dar a minima importancia ao fato de se encontrar preso na Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, tendo deante de si, grande numero de policiais e jornalistas, todos manifestamente contra as suas idéas dissolventes contra a desfaçatez com que ele se está comportando, julgada mesmo, inconveniente. E-lhe., porém, dada toda liberdade de falar, para que se possa colher uma impressão exata de sua personalidade.

E mais uma pergunta;

— Por que você negava, então, até chegar aqui na Delegacia ?

— Ora, por que. Eu não tinha visto prova nenhuma contra mim. Depois que vi o Honorio dizer na minha presença... aí sim, confessei tudo.

— Enquanto não visse o Honorio, não confessaria nada ?

— Nem que me fuzilassem.

Fanático perigosissimo

Francisco Natividade Lira, demonstra durante toda a sua narrativa feita aos jornalistas, ser um individuo fanatico pelo credo que abraçou, ha cerca de 14 anos, dedicando-se á causa de corpo e alma, de vida e de morte. É um tipo desses muito escolhidos, inteligentemente, pelos disseminadores da doutrina, para serem empregados como elementos de "ação", isto é, para fazerem desordens, provocações arriscadissimas e se encarregarem de executar os crimes considerados necessarios a não perturbação das campanhas de propaganda. Esses individuos fazem parte do partido, como elementos de primeira linha, sendo-lhes vedado, no entanto, opiniões ou discussões sobre o que decidem os chefes. Cumpre-lhes somente, executar e falar, falar muito a favor da doutrina, toda vez que lhe for favoravel o ambiente, mesmo que haja perigo iminente de vida. Falar muito, antes de morrer, porque só "os mortos não falam". E esses elementos, os comunistas vão tirar da massa dos ignorantes, analfabetos, brutos, cretinos, incutindo-lhes idéas e arrastando-os para o fanatismo, exacerbando-lhes a ambição. Tanto assim, que Lira "Cabeção", julgando-se importante, toma atitudes afrontosas, injuriando a imprensa e as autoridades com desfaçatez.

E a certa altura, diz com superioridade:

— Estão satisfeitos ? Nada mais tenho a dizer. Já confessei o crime e já assumi a responsabilidade, nada mais tenho a dizer...

Está, pois, na Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, o mais perigoso bandido que temos visto nestes ultimos tempos, assassino por indole, por consciencia, sanguinario de rara e indescritivel maldade.

DIARIO DA NOITE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

A CONFISSÃO

TODOS OS DETALHES DO BARBARO CRIME ESCLARECIDOS POR FRANCISCO LYRA — NÃO ESTA' ARREPENDIDO

O Rio esperava com ansiedade a chegada de "Cabeção", o verdugo do Partido Communista. Tão grande foi a emoção causada pela horrorosa revelação da morte da infortunada Elza Fernandes, que o povo brasileiro perdeu seu sentimentalismo e concentrou todo um odio, perfaitamente .azoavel, nessa figura grotesca de carrasco, que hontem chegou a esta capital, para confessar seus tenebrosos crimes e soffrer a punição da autoridade legal, de vez que a condemnação da consciencia publica caiu já, justiceiramente, sobre a sua cabeça.

Logo depois de sua chegada á Policia começou "Cabeção" a ser interrogado.

A principio manteve a mesma attitude que assumira quando preso pelas autoridades do Pará. Negou que fosse o autor do enforcamento de Elza Fernandes.

As autoridades, porém, querendo atordoal-o, agiram rapidamente, pondo a prova a sua resistencia em dizer a verdade.

E mandaram buscar e lhe apresentaram Honorio de Freitas Guimarães, Xavier e Bomfim.

"Cabeção", deante de seus comparsas, arregalou os olhos, vacilou, mas por fim reconheceu-os.

— E' o meu chefe Honorio — disse referindo-se ao substituto de Prestes.

CONFESSA, EMFIM, A MACHINA DE MATAR!

A seguir, não insistiram logo os seus interrogadores, por uma resposta decisiva.

Leram, pausadamente, o depoimento de Honorio no qual toda a sua acção na scena tenebrosa era descripta com pormenores.

A sua physionomia até ahi continuava impassivel. Não se decidia o homem a falar.

Até que occorreu esse accidente, estranho, mas commum, mesmo na psychologia das féras humanas como é "Cabeção".

A visão do estrangulamento de Elza era novamente recomposto com a leitura de um novo depoimento, o de Xavier.

A voz do lêdor deu entonações dramaticas a certos detalhes. O ambiente era de horror.

E o carrasco, então, solemne, de cabeça erguida, olhos duros, fez um gesto. E veiu o inesperado.

TUDO ISSO E' VERDADE, E NÃO ESTOU ARREPENDIDO!

Francisco Natividade Lyra é uma perfeita machina de matar. Tem a frieza, a insensibilidade a dureza das coisas, dos objectos de que se serviu para eliminar suas victimas.

E' um bronco. Um ignorante, um tarado em cujo cerebro estreito inocularam o virus communista para servir-se delle os elementos vermelhos olhos na brutalidade de suas vindictas.

Quando elle esboçou o gesto que promettia a esperada confissão o reporter se approximou, e ouviu-lhe as primeiras palavras que bem demonstram a sua obsecação doentia, perigosa.

Primeiro diz:

— "Tudo isso é verdade, e não estou arrependido."

E accrescenta:

— "Matei como teria assassinado a quantos trahidores tivesse o Partido".

— Mas "Cabeção"...

E elle se irrita. Não gosta que lhe chamem pelo appellido.

— Mas Lyra — objectou-lhe, rectificando, o reporter.

— Elsa era uma pobre criança nas mãos de vocês. Você não vê que commetteu um crime barbaro, injustificavel"? Você não tem remorsos? A sua resposta é desconcertante e demonstra a sua perigosidade.

— "Que me adeanta esse remorso. Eu tenho arrependimento não "sô" solto por isso".

"Não houve negocio de serrá de cortá, tivemos que quebrar os ossos da menina p'ra cabê no sacco."

"Cabeção" está cercado de jornalistas que o interrogam sem cessar. A sua naturalidade espanta á todos. Elle não se atrapalha. Por vezes chega a sorrir.

E diz dahi ha pouco uma coisa horrenda.

Quando se encontrou o corpo de Elza teve-se a impressão de a joven havia sido esquartejada.

O carrasco exclarece esse ponto numa voz e com uma calma que faz calefrios na espinha:

— "Não houve negocio de serrá, de cortá. O sacco era pequeno. Tivemos que quebrá os ossos. Juntar os pés com a cabeça e partir a espinhéla.

"SI EU PASSASSE UMA CORDA NO SEU PESCOÇO O SENHOR DIZIA ALGUMA COISA"?

Foi um momento de sensação na entrevista dos reporters com o carasco vermelho.

O homem gosta de fallar. Diz verdadeiras sandices. Mas o auditorio é incançavel na sua curiosidade profissional.

E surge uma pergunta.

— Quando você passou a corda no pescoço da Elza, "Cabeção", que disse ella?

O caboclo paraense, voltou para o seu interlocutor espantado como se fosse um absurdo o que lhe arguiam.

O reporter insistiu:

— Não teria ella chamado vocês de covardes!

O carrasco vermelho, num gesto caracteristico, apavorante, crispando os dedos, virou-se para o reporter e respondeu, calmo, rangendo os dentes:

— "SI eu passasse uma corda no seu pescoço o senhor teria tempo de dizer alguma coisa"?

A resposta causou estupefacção.

"SO' QUERO DIZER A VERDADE"

A seguir, "Cabeção" se refere aos actos preparatorios para o estrangulamento da infeliz Elvira Copelo Caloni ou Elza Fernandes, e a parte que lhe coube.

Nega que tenha sido sua a idéa de enforcar a garota com uma corda, decisão essa que attribue a Honorio.

Esse ponto aliás é o unico que elle contesta porque como affirma "só quer dizer a verdade".

CONDUZIDA PARA O MATADOURO POR XAVIER

Conta Lyra a seguir novos detalhes te antecederam á scena tragica.

Disse que em janeiro de 1936, em a que não se lembra, Elza foi conzida por Xavier (Eduardo Ribeiro avier) á casa sita no becco Maria astos n. 48-A, proximo á estrada do amboatá, onde residia com "Tamnha" (Adelino Deycola dos Santos). Suspeitavam todos os dirigentes do artido Communista que a "Garota" a autora de denuncias feitas á poia e que resultaram na prisão de guns membros da organização.

A SENTENÇA DE MORTE

A "Garota" foi interrogada muito mpo — continúa Natividade Lyra - e no fim os chefes do Secretaado Nacional concluindo pela sua lpa decidiram eliminal-a.

Isso foi resolvido por Martins (Horio de Freitas Guimarães), Tampia (Adelino Deycola dos Santos), ngú (Lauro Reginaldo da Rocha). concordei com tudo. Era para bem Partido.

DEBATE MACABRO!

Depois do julgamento — prosegue nda "Cabeção" — passaram-se uns s.

Uma manhã, Martins e Xavier cheram á casa de Camboatá. Estava solvido que seria naquelle dia a ecução da "Garota". Ella de nada speitava.

— "Debatemos todos juntos a fórma de matar a Elza."

E, finalmente, ficou decidido que ria usada uma corda, a qual, para esse fim, foi cortada do varal estender roupa. Eu mesmo a ouxe para dentro de casa.

PARA DE TARDE, QUANDO ESTIVESSE ENTRETIDA"

Depois passa o verdugo a narrar, m a calma que o caracteriza, a ena horrivelmente tragica.

— Tinha sido tudo combinado pade tarde, quando a "Garota" esvesse distraida.

E assim foi. Ella se achava enetida, conversando com o Honoo.

O carrasco entra, seguido de Xaer e Deycola, o "Tampinha". Elsa i colhida de surpresa. Rapido, o rdugo passou a corda no pescoço infeliz. Ella cáe. Elle piza. Aperu o laço, ajudado por todos. A jon, apenas, estrebuchou, sem temde dizer uma palavra de prosto. E estava consummada a inme execução.

ETTIDO, A' FORÇA, NUM SACCO

Conta "Cabeção", a seguir, as nas posteriores ao crime.

Contesta o desmaio de Xavier. o se lembra disso — diz.

Depois de morta, foi o corpo de a Fernandes carregado para uma a vizinha, onde o metteram, á rça, num sacco de aniagem. O cco era pequeno e tiveram de cturar-lhe os ossos.

O ENTERRAMENTO

Lyra chega ao final de sua narativa sem denotar o menor abamento.

Constantemente diz:

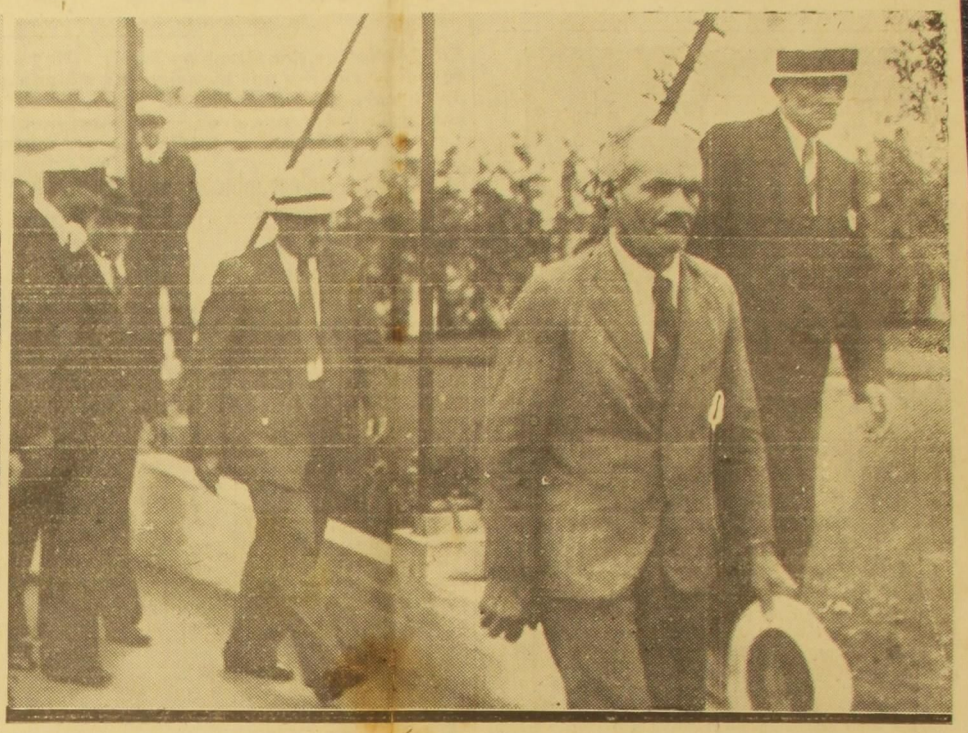
— Não me arrependo de nada.

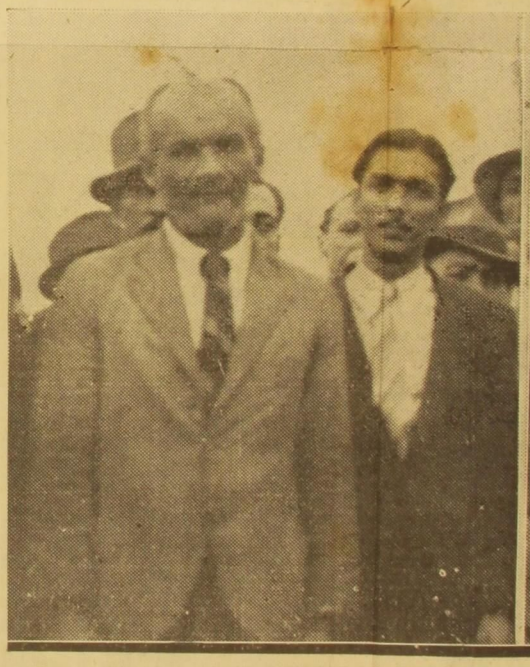
E prosegue esclarecendo que, com cepção de Xavier, todos tomaram rte no preparo da cova de Elsa.

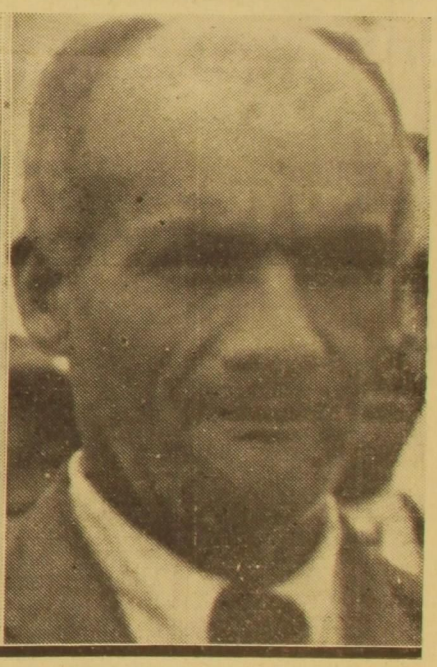
Proxima a uma arvore, no fundo quintal, foi furado o buraco, e rca de 23 horas, ou "0" hora, do esmo dia, foi a "Garota" enterada.

DIARIO DA NOITE
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

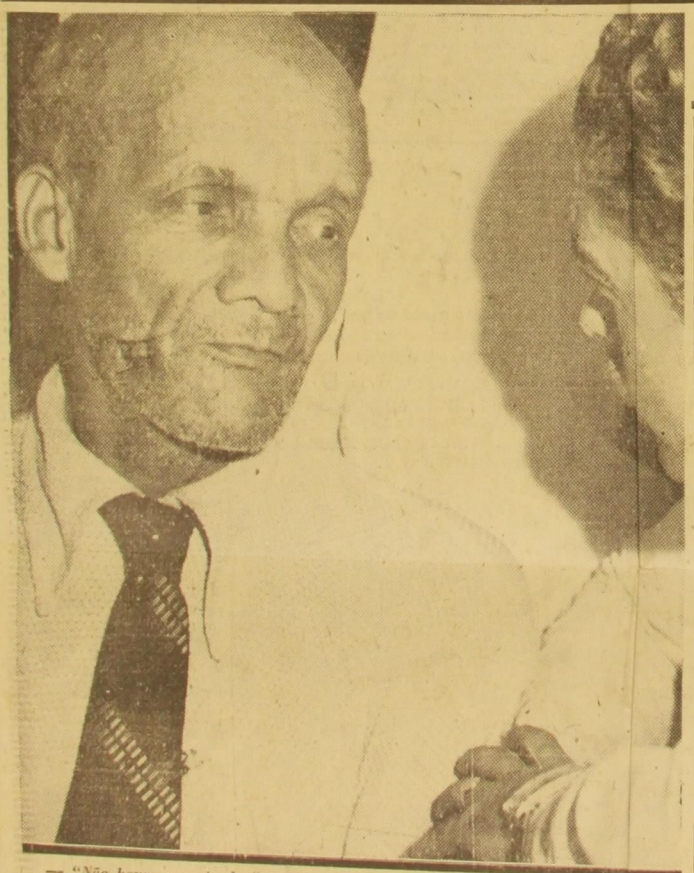
CABEÇÃO, O CARRASCO DO PARTIDO COMMUNISTA







Em cima: "Cabeção", num gesto, annunciou que ia contar tudo e confessou friamente todo o trucidamento da joven Elza Fernandes



— "Não houve negocio de "serrá", nem de "cortá". Quebramos os ossos da menina p'ra ella "cabê" no sacco" — confessa o carrasco, friamente, ao reporter

Dr. Capistrano DUVIDOS NARIZ GARGANTA
DOCENTE. Medalha Ouro Fac. Med. Alcindo Guanabara. 15-A—2 às 7 hs. Telephones: 22-8868 e 23-4477

O PASSAGEIRO FANTASMA

DIARIO DA NOITE iniciará, segunda-feira, a pupublicação, em folhetim, do sensacional romance de aventuras, "O Passageiro Fantasma", de Mansfield Scott, e traduzido para o portuguez por Adolpho Coelho.

A edição portugueza desse famoso romance policial, considerado um dos mais emocionantes ultimamente apparecidos, foi lançado pela Livraria Classica de Lisboa e distribuido em nosso paiz pela Livraria Editora H. Antunes, rua Buenos Aires n. 111, a cuja gentileza DIARIO DA NOITE póde offerecer aos seus leitores as paginas apaixonantes de Mansfield Scott.

Em cima: Dois flagrantes de Natividade Lyra, quando desembarcava no aeroporto Santos Dumont; ao lado, o capitão Melchiades Costa, falando ao reporter.

METRO
AR CONDICIONADO
MEIO DIA 2 4 6 8 e 10 Hs
"BALALAIKA"
NELSON EDDY
ILONA MASSEY
CHARLIE RUGGLES · FRANK MORGAN · LIONEL ATWILL
AVISO IMPORTANTE! este film não será exhibido em nenhum cinema do districto federal, pelo menos durante um anno, a não ser no cine metro!
CINE-JORNAL BRASILEIRO (a D.L.R.)

O aéroporto do Calabouço apinhado de populares aguardando a chegada do assassir

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
DIARIO DA NOITE
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

"CABEÇAO", UM TYPO PARA EXAME DOS PSYCHIATRAS

DORMIU COMO UM JUSTO quasi dez horas seguidas

Ronca fragorosamente, mas não acorda... O carrasco faz "blague" na prisão — A chave dos enigmas da morte de Tobias e do capitão Malheiros

Todas as attenções da cidade estão agora centralisadas em torno da figura de Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", o sinistro carrasco vermelho que se encontra preso na Policia Central.

Já em outra edição traçamos o perfil psychologico do barbaro communista. Podemos resumir esse retrato nesta phrase: "Cabeção" é uma verdadeira féra em figura de gente.

No olhar, no semblante, no sorriso, na voz, nas palavras, nas idéas, no porte do corpo, nos menores gestos, emfim, em tudo, "Cabeção" espelha o typo acabado de um monstro.

Tudo nelle é simplesmente instincto bestial. Não tem o menor requisito de sentimento. Haja vista a sua confissão, detalhando com indisfarçavel prazer a sua hedionda façanha:

— Matei a "Garota", sim — disse elle com revoltante sangue-frio. E não tenho remorso...

"Cabeção" sorriu de zombaria quando alguem lhe perguntou se Elza Fernandes havia soltado alguma exclamação no momento da execução:

— Ora — foi a resposta do monstro — se eu passasse uma corda no seu pescoço o senhor teria tempo de dizer alguma coisa?!

HEDIONDO

A confissão causou calafrio nos que a ouviram. "Cabeção" fez questão de contar tudo, tim-tim por tim-tim:

— Ella estava conversando com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) quando entrei na sala com o Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e o Tampinha (Adelino Deycola dos Santos). Foi tudo feito com a rapidez de um relampago. Passei a corda no pescoço da moça e dei um puxão. A "garota" não resistiu e caiu no chão. Acabei o serviço sem difficuldade. Depois foi o enterro...

— E retalharam o corpo para caber no sacco?

"Cabeção" não se alterou com a pergunta, respondendo:

— P'ra que? Elle era muito fraquinha. Juntamos o corpo e... zaz! Nisso, é claro, houve muitos ossos que não aguentaram e ficaram partidos...

A confissão retrata bem esse typo monstruoso, verdadeira machina de matar, de que se servia o Partido Communista no Brasil para realizar os seus sinistros objectivos.

TYPO INTERESSANTE PARA ESTUDOS

A figura de "Cabeção" vem interessando tambem particularmente aos nossos circulos sicentificos. Varios medicos psychiatras já se offereceram para examinal-o detidamente. Elle é de facto um typo curioso para estudos e observações por parte dos peritos no assumpto.

DORMIU COMO UM JUSTO

Hoje, pela manhã a nossa reportagem esteve na Policia Central para saber como "Cabeção" havia passado a noite.

Como já publicamos, após prestar depoimento, hontem, cerca das 23 horas, foi elle recolhido a uma cella da Delegacia de Ordem Politica e Social. Antes, tomou chá com torradas.

— Não quero jantar — declarou. Estou um pouco enjoado...

E passou a mão sobre o estomago.

— Por causa da confissão? — indagou-lhe alguem.

De novo com um sorriso, "Cabeção" affirmou:

— Não. Estou enjoado por causa do vôo. Voar é bom, mas... é igual viajar em navio com o mar agitado...

Mettido na cella, "Cabeção" arrancou os sapatos, dependurou o paletot, a gravata e o chapéo num cabide e se estendeu sobre a cama. Em poucos minutos estava immerso no mais profundo somno, roncando com impressionante fragor. Dormiu, assim, como um justo, durante quasi dez horas seguidas.

Observado hoje, ao despertar, a respeito dos roncos, declarou:

— Eu sempre ronquei, assim. E os roncos nunca me acordaram...

Disse isso e soltou uma gargalhada impressionante.

NÃO PROCURA NOTICIAS DOS OUTROS COMMUNISTAS

Na cella fronteira á de "Cabeção", encontra-se recolhido o seu antigo chefe, Honorio de Freitas Guimarães. O carrasco, mesmo sabendo desse facto, não tentou ainda entabolar palestra com o vizinho. Nem com Honorio nem com outros communistas distribuidos pelos demais cubiculos.

— Não quer saber noticias dos outros? — indagaram-lhe.

— Não — respondeu. Noticias, p'ra que? Eu estou aqui, muito bem, obrigado...

ACAREAÇÃO, HOJE

O delegado de Ordem Politica e Social, capitão Baptista Teixeira, que vem exercendo, tambem interinamente o cargo de chefe de Policia, pretende, ainda hoje, realisar a acareação entre "Cabeção" e os outros implicados no trucidamento de Elza Fernandes.

OS CASOS DE TOBIAS E DO CAPITÃO MEDEIROS

A policia está convicta de que Natividade Lyra foi tambem o executor do desenhista Tobias Warchavsky e do capitão Augusto Medeiros, pertencente á Reserva do Exercito, o primeiro encontrado morto na estrada da Gavea e o segundo na Vista Chineza.

Ao que parece, Tobias e o capitão Medeiros foram executados, tal qual aconteceu com a infeliz Elvira Copello Caloni, como traidores do Partido Communista.

Em proximos interrogatorios a policia espera encontrar a chave para o completo esclarecimento dos dois enygmas que durante longos annos vêm desafiando a argucia dos nossos reporteres.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal O GLOBO
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

TENTOU FUGIR DO AVIÃO!

EDIÇÃO FINAL

O carrasco do Partido Communista fez duas investidas para se apoderar de armas dos policiaes que o escoltavam

Ineditas revelações á reportagem do GLOBO — «Cabeção» affirma que mataria quem quer que fosse, se tivesse recebido ordem para tanto! — Novos detalhes sobre a viagem — Pela manhã, exigiu café com pão e manteiga

O carrasco, sorridente, mostra ao GLOBO as mãos com que estrangulou Elza Fernandes

A confissão do carrasco do Partido Communista espantou pela frieza com que o monstro descreveu o proprio crime, como se estivesse contando um acto de heroismo, com naturalidade e orgulho, arrematando por dizer, diante da estupefacção de jornalistas e autoridades:

— Mataria e matarei todos os camaradas, e os que não o sejam, indicados pelo Partido como merecedores de tal punição.

Ao contrário dos outros, affirmou que continuará communista até a morte, pouco lhe preoccupando a perspectiva de ficar o resto da vida na cadeia ou ser logo fuzilado.

Um monstro a serviço de uma causa que, por si só, já é capaz das mais impressionantes e hediondas deformações moraes. Horripilante, não ha duvida, esse "Cabeção". Seu retrato está no amplo noticiario do GLOBO, na primeira edição. E' a alma tenebrosa do delinquente reflectindo-se nas menores phrases, em todos os gestos.

Sua figura, por si mesma, constitue uma condemnação. Um libello contra o bolchevismo. Nada compro-

(Conclue na 3ª. pagina)

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Tentou fugir do avião!

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA

metteria mais uma organização do que a presença em seu seio (aliás, no caso delle, no cargo de direcção...) de um energumeno, como Francisco Natividade Lyra.

Homem absolutamente ignorante, inculto, portador de horriveis taras, obsecado por uma crença perigosa, só mesmo o communismo poderia arregimental-o. "Cabeção" é digno dos seus "camaradas"...

Sensacional revelação do capitão Melchiades Costa

Sensacional revelação foi feita ao GLOBO, hoje, pelo capitão Melchiades Costa, encarregado de trazer ao Rio o carrasco vermelho. As declarações que anteriormente o chefe do Gabinete de Investigações e Capturas do Pará havia prestado á nossa reportagem, tinham se revestido do maior interesse. Mas o detalhe emocionante da travessia aerea de Belém ao Rio, sómente hoje foi conhecido pelo reporter. "Cabeção" tentou fugir durante a viagem, de maneira sensacional, quando o avião sobrevoava a grande altura, em direcção ás costas do Ceará. A revelação foi feita, no decorrer da palestra que mantivemos hoje com o chefe do G. I. C. de Belém, quando uma ligeira referencia ao facto provocou a curiosidade do reporter, levando o capitão a detalhar a tentativa de fuga.

Tentou roubar a arma de um dos seus captores!

Trazia o capitão Melchiades, como medida de precaução, dois grossos pares de algemas; um, destinado aos pés e outro ás mãos do assassino. Em qualquer eventualidade, poderiam os policiaes paraenses, immobilizar o perigoso agitador. Mas só em certa occasião pensou o capitão em utilizar as algemas. O episodio aconteceu, depois que o avião da Panair decollara do porto de S. Luiz do Maranhão, em demanda do Ceará.

"Cabeção" estava sentado em uma poltrona, no compartimento especial, ao lado do investigador Orozimbo. No banco fronteiro, o capitão Melchiades não perdia um unico movimento do preso. Era uma questão de cautela. E logo, fingindo que dormia, percebeu o capitão que o assassino fitava, furtivamente, o revolver do investigador. Naturalmente, "Cabeção" não suppunha que estivesse sendo observado. Seu olhar, coado por entre as palpebras semi-cerradas, não parecia despertar a attenção. E a certa altura, o criminoso estendeu subtilmente a mão direita, em direcção ao coldre do revolver. O capitão Melchiades abriu os olhos. "Cabeção" assustou-se. Teriam percebido a sua intenção?

Tentativa suprema dentro do avião!

O capitão Melchiades não se deu por achado. Minutos depois, sob um pretexto qualquer, trocou de logar com o investigador. E por sua vez, fingiu cochilar, novamente. Queria experimentar a tempera do assassino. Na poltrona fronteira, o seu auxiliar, attendendo a um signal, fechou os olhos, numa attitude de cansaço e em pouco fingia resomnar.

Ahi, "Cabeção" fez a ultima tentativa para se apoderar da arma de um dos policiaes. Desta vez, como o seu companheiro de banco, fosse o capitão, esperou que se apresentasse a opportunidade esperada. E pouco depois, sua mão avançou lentamente. Quando já estava bem proxima do revolver, deu um salto, inesperado.

IMPRESSIONANTE! — Algemado com os ferros que se vêem acima, trazidos no avião pelo Sr. Melchiades Costa, é que "Cabeção" viajaria até o Rio. E, apenas uma vez, pensou o chefe de Investigações de Belém em immobilizar o assassino: foi quando "Cabeção" tentou apoderar-se das armas dos seus captores.

Mas o capitão, attento, interceptou o golpe. Colheu a mão do matador, ainda no alto.

— Que foi isso, "seu" Lyra?...

O homem ficou interdicto, por alguns segundos, e depois respondeu:

— Não foi nada, capitão. Tive um accesso... um accesso...

— Está bem; mas não tenha outro. Do contrario, ficará algemado.

De então para diante, "Cabeção" comportou-se magnificamente. Era uma suprema tentativa para a fuga.

Armado, dominaria até o piloto.

E assim, forçaria a descida do avião para a fuga!

Dormiu como um justo! — E pela manhã pediu café e pão com manteiga...

Depois de ter tomado chá com torradas, durante o depoimento que prestou na Delegacia Especial, Natividade Lyra não quiz jantar.

Preenchidas todas as formalidades legaes e ouvido demoradamente pela reportagem, "Cabeção" foi recolhido incommunicavel a um dos compartimentos individuaes da sala dos detidos da Policia Central.

Dormiu até a manhã de hoje, tranquillamente, como um justo. Os investigadores collocados no serviço de vigilancia durante a noite inteira não notaram na physionomia de Natividade Lyra, qualquer alteração. O homem dormiu placidamente...

Pela manhã, logo ao despertar, pediu café com pão e manteiga.

Fala ao GLOBO, no Rio, o homem que prendeu "Cabeção"

O capitão Melchiades Costa, que, juntamente com o investigador Orozimbo Moraes, trouxe "Cabeção" até o Rio, é um nomem simples que na tres dias quasi não dormia, preoccupado em evitar qualquer tentativa de evasão ou de suicidio do assassino.

— Eu estava naturalmente preoccupado com a enorme responsabilidade que pesava sobre os meus hombros — disse-nos a autoridade, no hotel onde se hospedou. Suppohamos que "Cabeção" se atirasse ao mar. Como iria eu explicar o facto?

E, depois de uma pausa, adduziu:

— Não seria tambem impossivel que, em um desses portos em que o avião tocou, um grupo de communistas atacasse o homem ou tentasse libertal-o. Por isso mesmo, além de outras precauções, trouxe algemas. Mas só as usaria em caso de necessidade. Até os pés de "Cabeção" eu podia immobilizar, com as algemas de que me armei...

Atacando o regimen durante a viagem

—A viagem até ao Rio decorreu normalmente, graças a Deus. Mas "Cabeção" não se cansava de invectivar o regimen democratico que apontava como responsavel pelas desgraças do mundo. A's vezes, tornava-se insupportavel. Mas não valia a pena irritar o homem. Eu o tratava como a uma criança, receoso de que, de um momento para outro, quizesse insubordinar-se, o que traria certamente aborrecimentos. Em Fortaleza, um investigador perguntou a "Cabeção" qual o seu crédo politico. O homem respondeu incontinenti:

— Ah! E' o Partido Economico Social, o unico que garante o operariado. E', a bem dizer, uma instituição; não é um partido de parasitas, como o regimen em que nós vivemos. Os governos de hoje só querem dinheiro...

Queria cobrar as proprias photographias...

— De outra feita, já em caminho para Recife, o homem declarou que não queria retratos em jornal. E accrescentou que isso era bom para os burguezes. Em Recife, notando que havia sido photographado, disse para o reporter:

— Você vae pagar-me dez mil réis por cada chapa. Commigo é assim.

E passou a atacar os jornalistas que dizia estarem vendidos á Policia, para macular a honra dos homens de bem. Durante toda a viagem, negava systematicamente qualquer participação no assassinio de Elza Fernandes. E é bem capaz de ainda continuar negando.

Foi então que o reporter abriu um parenthesis na palestra com o capitão Melchiades, para telephonar para a Policia. E a resposta foi surprehendente. "Cabeção" confessára. Ao saber do facto, o capitão Melchiades não conteve uma exclamação:

— Ah! O patife...

Não pouparia ninguem

O chefe do Gabinete de Investigações do Pará contou, depois, como occorrera a captura de "Cabeção". Na segunda-feira da semana corrente, recebera uma denuncia sobre certo individuo que fazia propaganda communista nas officinas da "Port of Pará". Fizera então uma diligencia no local citado e ouvira operarios que disseram algo de importante. O individuo em questão costumava dizer, para os que liam noticias sobre a Russia, que aquillo tudo era mentira.

— Nada disso é verdade. Quando o communismo triumphar, vocês verão como o trabalho será modificado e como passarão melhor.

Outros operarios haviam ouvido o homem dizer que, participara da revolução vermelha de 1935 e que só não procurara matar "a" ou "b" porque essa missão não lhe fôra confiada. Deante das accusações, o capitão Melchiades procurou saber de quem se tratava e constatou, com surpresa, que o individuo apontado tinha o mesmo nome do carrasco do Partido Communista: Francisco Natividade Lyra. Conta o capitão Melchiades que, ao prender "Cabeção", ficara surpreso com a calma do assassino. O homem não procurara saber por que estava preso, nem para aonde ia.

A sala mysteriosa

— Estranhei o caso, pois não ha quem não proteste contra a prisão, quando esta sobrevém inesperadamente. Natividade Lyra, entretanto, parece que já esperava a sua detenção. Não fez a menor objecção. E desde logo contou que morava á rua Boaventura da Silva n. 212, em companhia de duas irmãs idosas, e que ali se encontrava uma mala de sua propriedade, onde guardava a roupa.

E o capitão Melchiades adduziu:

— Fiz duas diligencias na casa referida. Da primeira, a senhora que me attendeu declarou que ali não morava ninguem com o nome de Francisco Lyra. Da segunda, levei commigo, convenientemente escoltado, o proprio "Cabeção". Ao vel-o, sua irmã não demonstrou surpresa e continuou dizendo que o não conhecia. E, o que era peor, não achavamos a tal mala. Por fim, a irmã de "Cabeção", vendo que era inutil qualquer negativa, resolveu dizer onde estava a mala. Occultara-a debaixo do soalho do banheiro. Não havia ladrilhos no compartimento e sim, madeiramento. Alguem levantara uma das taboas e ali escondera a mala. Abrimo-la então. Continha peças de roupa, cadernetas e dois enveloppes. Em um, encontramos a quantia de 1:300$000 e, em outro, a importancia de 700$000. Total: dois contos de réis que, mais tarde, "Cabeção" declarou serem de sua irmã, mas que na realidade eram muito seus. Por ahi, se póde calcular o gráo de dissimulação do carrasco vermelho.

Se o communismo viesse...

"Cabeção" não pode ser contrariado. Comprehendemos isso e evitámos contradizel-o. Mostrámos-lhe, então, vivo interesse pela vida do operario no Pará. A sua satisfação foi enorme. O carrasco tornou-se de uma docilidade espantosa e começou a falar com enthusiasmo:

— Sómente com a vinda do communismo isto endireita. O senhor não queira saber o que é a nossa organização, o nosso regimen. E' uma maravilha. No poder, nós fariamos grandes coisas. Eu seria importante, mas não desses que gostam de apparecer em photographias de jornal. Reconheço que não sou bonito e por isso pouco me interessa. O principal é que a gente trabalhe pela grandeza do proletariado...

Em seguida, se estende em commentarios sobre a vida no Pará:

— O coitado do proletario ganha a insignificancia de 10$000 por dia. Tudo lá é muito caro. O pirarucú custa dois e oitocentos o kilo. O arroz, 1$900; o feijão, outro tanto; emfim, tudo é pela hora da morte. Se o communismo viesse, nós teriamos tudo isso de graça, porque, conforme o senhor deve saber, nesse regimen não circula dinheiro...

Bebida é para os burguezes...

Alguem lhe perguntou, empregando um termo da gyria, se havia recebido muita "grana" do partido.

— Não senhor. Nunca bebi "grana". O verdadeiro communista não se embriaga. Isso é bom para os burguezes...

— Mas Francisco, "grana" não é bebida. "Grana" é dinheiro.

— Ah! — respondeu perturbado. Não me interessa. Eu sei que não se deve beber. Bebida é para os burguezes...

— Isso já foi dito.

— E', mas bebida é coisa que não existe no communismo...

Quer falar com Prestes

"Cabeção" não pôde esconder o seu desgosto quando teve que se referir á connivencia de Prestes no estrangulamento de Elza.

— Se elle ordenou a sua morte, eu não sei; sómente digo a verdade. Recebi instrucções para estrangulal-a, naquella reunião, na casa de Camboatá. E, assim, o fiz, como faria tantas vezes quantas fossem necessarias, para o bem do partido. E' o destino que damos aos traidores e delatores, como Elza...

Meditando ainda, o carrasco diz:

— Não guardo remorsos. Daria tudo por compensado se pudesse vêr e falar, pelo menos uma vez, com o chefe Luiz Carlos Prestes. Elle é o maior homem do Brasil. Tenho certeza de que elle não se acovardaria como os outros "camaradas" que renegaram o partido. Elle diria aqui, a todos vocês, o que é o verdadeiro communismo. Elle sim, saberia explicar tudo. Deixem que elle venha aqui, para todos vocês verem um verdadeiro patriota.

O desarchivamento do processo

O GLOBO noticiou, com exclusividade, a solicitação do delegado Hugo Auler, feita ao procurador geral do Districto, no sentido de ser desarchivado o processo instaurado, em março de 1936, por occasião da prisão de Luiz Carlos Prestes, para apurar a causa do desapparecimento da infortunada Elza Fernandes, pois, já naquella época, suspeitava a Policia que teria sido ella victima dos communistas.

Nesse inquerito, que foi presidido pelo delegado Democrito de Almeida, embora a autoridade policial empregasse todos os esforços, nada ficou apurado de positivo. Após cerca de dois annos de intensas diligencias, foi o processo encaminhado ao Juizo da 4.ª Vara Criminal, tendo o promotor ali em exercicio, Sr. Velloso Rebello, pedido o seu archivamento.

Citado "Cabeção"

No entanto, ha no processo um detalhe interessante. No documento encontrado pela Policia, e ali junto por copia, em que estão transcriptas as respostas de Elza Fernandes ao questionario feito pelo chefe vermelho, está consignado que a joven sacrificada respondera ás perguntas na presença de "Cabeção", para que ella, mais tarde, não contestasse as suas declarações.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal O GLOBO
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

SENSACIONAL A CONFISSÃO DO CARRASCO COMMUNISTA

"Cabeção" descreve o crime hediondo como se tivesse praticado uma acção heroica...

E affirma que seria capaz de matar todos os demais "camaradas" condemnados pelo Tribunal Vermelho — Assegura fidelidade ao credo de Moscou até á morte e considera covarde a attitude dos companheiros — Procurando innocentar, complica ainda mais a situação dos "leaders" bolchevistas — Quer ser martyr... — "Blagues" entre declarações sinistras — É um monstro! — Suas revelações á reportagem do GLOBO

Como O GLOBO antecipou, na edição final de hontem, verdadeira multidão affluiu ao Aeroporto Santos Dumont, á chegada do "Baby-Clipper", da Panair que conduzia preso, Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção".

Muito antes da hora determinada, já era compacta a massa que se deslocava até á Praça Marechal Ancora, comprimindo-se na grade que separa o campo de pouso dos apparelhos, da estação de hydros e da via publica. As sacadas do restaurante do aeroporto, foram tambem tomadas pelo povo, que queria ver "Cabeção" a todo o custo.

Uma circumstancia que, desde logo chamava a attenção da reportagem, é que, entre os curiosos, havia tambem, e não em numero pequeno, representantes do sexo fragil e muitos collegiaes, ainda sobraçando as malletas pejadas de livros e cadernos escolares.

"Cabeção" attrahiu as attenções geraes.

Como medida de prevenção, como tambem adiantavamos nas nossas edições de hontem, um contingente regular de investigadores dirigidos pessoalmente pelo Sr. Clodomir Collaço Véras, chefe de gabinete do delegado especial de Segurança Politica e Social, levou a effeito o policiamento interno e externo do aeroporto, concorrendo para que não houvesse o menor incidente e tudo decorresse em meio da maior ordem possivel.

Tres automoveis foram préviamente localizados no campo de pouso, nas proximidades da estação de hydros, aguardando a chegada de "Cabeção", que seria conduzido em um delles. Nada menos de oitenta e cinco cordas foram levadas para o interior do aeroporto.

"Automovel não é delegacia de Policia..."

Francisco Natividade Lyra durante o trajecto de automovel até a Policia Central, mantinha-se na mesma attitude.

— Não conheço Elza Fernandes, nem nunca matei ninguem. E' mentira tudo o que dizem de mim. E depois, automovel, não é delegacia de policia..."

Logo á sua chegada, Natividade Lyra foi conduzido ao gabinete do capitão Baptista Teixeira, sendo pela primeira vez, interrogado, na Policia Central.

Eram sempre as mesmas as respostas. Persistia em dizer que estava innocente, que jámais matara quem quer que fosse.

Resolve confessar!

A' vista disto o Sr. Clodomir Véras, secretario da Delegacia Especial procedeu á leitura dos depoimentos de Honorio de Freitas Guimarães, Lauro Reginaldo da Rocha e Eduardo Xavier.

Mas a leitura não chegou até o fim. Cabeção, que permanecia sentado, o tempo todo, levanta-se, de repente, inesperadamente:

— Já que elles confessaram, eu tambem vou contar tudo...

Acareado com Honorio, "Bangú" e Xavier — Começam as tristes revelações

A esse tempo, Honorio, Bangú e Xavier, são conduzidos á sala em que se encontra "Cabeção". Apenas um ligeiro olhar é trocado, entre cada um delles e Natividade Lyra. Aquelles confirmam todas as declarações que haviam feito anteriormente. "Cabeção", sempre calmo, impassivel, corrige alguns pontos.

— "Honorio me ajudou a fazer a cova sim... E Xavier, foi elle mesmo em companhia de outro companheiro que foi buscar Elza, em Campo Grande. Depois, sempre em companhia daquelle outro camarada que eu não me lembro do nome levou-a para a casa de Deycola, na estrada do Camboatá.

O estrangulamento — Faz questão de dizer que não esquartejou...

A reportagem póde ouvir dos proprios labios de "Cabeção" a sua confissão. Elle jámais se transtornou durante o tempo em que falou. Ramente se assiste a uma confissão detalhada desta natureza. O homem não se transfigou u mso momento. Foi simplesmente impressionante.

Elle falava pausadamente:

— Honorio, Xavier e Deycola, ficaram na sala conversando com Elza. Eu fui para o quintal e apanhei uma corda que havia dependurada nuns bambús, para botar roupa para seccar... Quando cheguei á sala, Elza offereceu café a Honorio. De costas, passei a corda em torno do seu pescoço... Depois, collocamos o corpo no sacco. Mas não esquartejamos como disseram, absolutamente... Apenas collocamos no sacco e empurramos para que o corpo coubesse ali... Xavier, segurou, então fortemente no sacco e carregou-o no hombro, até o quintal. Ahi, nós enterramos, eu e Deycola... E foi só..."

Ouvido pela reportagem do GLOBO — Communista desde a fundação do partido

"Cabeção", começa a responder ás perguntas da reportagem do GLOBO. Continúa imperturbavel. Parece que aquillo tudo de que elle fala, não se passou com a sua pessoa.

— Ah! Sim. Eu não era membro do Secretariado Nacional! não. Era da Commissão de Organização. Fui escolhido para aquella tarefa, naturalmente por ser um dos mais antigos e dedicados membros do Partido. Desde 1926, que faço parte do Partido Communista, que, foi fundado neste anno. Foi desde o dia em que fui preso pela primeira vez.

Desde ahi, eu passei a ser communista.

Ir para a Russia, o maior desejo do facinora

Depois elle accrescenta, tranquillamente:

— O communismo é uma idéa boa para o proletariado e ruim para a burguezia e o meu maior desejo, neste momento, é estar na Russia.

Depois, "Cabeção" começa novamente a falar do estrangulamento de Elza Fernandes.

Não repudia o communismo nem está arrependido — Mataria mais, inda...

— Sou communista e não repudio o communismo. Não sou covarde, como os demais camaradas que negaram o communismo. Tambem não tenho o menor remorso do que praticquei. Se o Partido ordenasse que eu matasse outra joven qualquer, eu cumpriria immediatamente as ordens. Eu mataria quantas me mandassem, quantas fosse preciso. O Partido, eu o colloco acima da minha propria vida.

Ao pôr do sol

Alguem interroga "Cabeção" sobre a hora certa em que Elza Fernandes teria sido degollada.

— Foi ao pôr do sol, ás 18 horas, mais ou menos...

Quer uma rectificação

Elle agora não é mais interrogado pela reportagem. "Cabeção" é que se dirige aos representantes dos jornaes cariocas:

— Eu queria que vocês desmentissem uma coisa pelos jornaes. Eu só tomei parte no estrangulamento de Elza e mais nada. Não matei mais ninguem. Foi só uma vez.

Acha que os "camaradas" foram covardes...

— Outra coisa — continuou "Lyra Cabeção", dirigindo-se aos jornalistas — se eu não tivesse feito coisa alguma, claro que não confessaria nada, nem que me fuzilassem. E tambem, fiquem sabendo de uma coisa: se eu tivesse sido o primeiro a ser preso, não confessaria nada. Esses meus camaradas são uns covardes. Nada me atemorisa. E faço questão de frizar se eu não tivesse feito aquillo... eu não contaria nada deste mundo...

E respondendo a uma pergunta:

— Sempre dormi calmamente, despreoccupadamente... Não sinto remorsos. E depois, Elza era um caso passado, estava fóra das minhas cogitações, ha muito tempo... Era uma trahidora, a serviço da Policia.

Fazendo "blague"

— O caso foi decidido pela direcção do Partido e, portanto, estava resolvido. Tambem não sei, nem me interessa, se foi ou não mandado por Prestes, o Partido resolveu e mandou e não precisava mais nada...

Alguem obtemperou:

— Você sabe que, no minimo, vae pegar trinta annos de prisão?

— Certamente, eu havia de me atirar em baixo de um trem, por causa disto? Ora esta...

Era sempre o mesmo tom. Confessou calmamente, tranquillamente, fazendo, ás vezes, "blagues" e piadas...

Não quer que o chamem de "Cabeção"

E' simplesmente fantastico, esse "Cabeção"!

Admitte que se diga que elle é a criatura mais perversa do mundo, que é a maldade personificada, emfim, tudo que ha de peor sobre a face da terra. Mas para que elle se transforme numa féra indomavel, brutal, aterrorizador, capaz de commetter as maiores loucuras, é só chamal-o por "Cabeção".

— Nunca fui "Cabeção" na minha vida, responde. "Cabeção" é você que está dizendo. Eu sou Francisco Lyra. Mesmo Natividade eu não uso. "Cabeção"... "Cabeção"... é só o que ouço dizerem. Fiquem sabendo, explodo numa ira incontida, não sou "Cabeção". Meu nome não é "Cabeção".

E completamente atrapalhado, confuso mesmo, sem saber o que mais dizer, repete gesticulando nervosamente sempre a mesma palavra:

— "Cabeção"... "Cabeção"...

A testa de Lenine...

Outro detalhe impressionante é quando o carrasco do Partido Communista do Brasil se refere á semelhança de sua testa com a de Lenine. Com orgulho e demonstrando uma physionomia de profunda satisfação, Natividade passa as suas mãos calosas pela fronte, acariciando-a com prazer.

— Aqui dentro não tenho a intelligencia daquelle homem, mas pelo menos todos vocês reconhecem que alguma coisa de aproveitavel encontraram em mim. A testa de Lenine reproduzida num brasileiro; brasileirissimo.

E sorri, contente...

"Cabeção" diz uma porção de bobagens, sem pés nem cabeça.

Descontrola-se facilmente, mesmo quando está compenetrado em interpretar claramente, o credo communista. As phrases feitas que lhe vêm á memoria, são interceptadas a meio, e não querendo deixar de completar o seu pensamento, accrescenta:

— "Prestes é quem sabe"... "Na Russia é assim"... "E' como está escripto no livro de Economia Social"...

Todos ajudaram!

Todo o seu depoimento foi prestado na presença da reportagem. "Cabeção" reconstituiu todo o crime, conforme publicamos em outro local. Entretanto esse depoimento é dos mais embaraçosos possiveis.

Observava-se que o carrasco tinha a constante preoccupação de não accusar directamente os seus "camaradas". Entretanto ante a evidencia dos factos, acabava por assentir, dizendo sempre:

— E' sim. Se elles disseram isso é porque é mesmo. Elles não mentem. Tudo é verdade. Pura verdade. Só digo o que sei.

E foi assim que todos os detalhes da reunião em que se decidiu como seria executada a sentença do Tribunal Vermelho contra Elza Fernandes, tiveram a sua mais ampla confirmação da bôca do proprio carrasco.

"Cabeção" sómente em um ponto está contra os seus camaradas. Insiste em contrarial-os na parte em que a accusado de ter sido o unico autor do estrangulamento. Diz que realmente estrangulou, mas que, nesse trabalho, fôra ajudado por todos os presentes. Honorio, Bangú e Xavier. Cada um teve a sua parte no covarde crime.

Não se incommoda de ser fuzilado...

Francisco Natividade Lyra está bastante contrariado com a attitude de seus "camaradas", renegando o credo. Esta é sua unica queixa. Diz não se importar de ter sido accusado por elles. Estão perdoados, mas elle será do Partido até á hora da morte.

"Cabeção" quando fala gesticula muito. Não encontrando palavras para expressar o seu pensamento, o que acontece na maioria das vezes, irrita-se e, ameaçadoramente, cerra os punhos, dando a impressão de que a sua colera vae desabar sobre o seu proximo. Não fôra a sensação de segurança que se sente na Policia Central, muitas das pessôas presentes não se atreveriam em taes momentos a permanecer ao seu calcance. O homem parece uma féra mesmo. Comtudo, a sua psychologia offerece contrastes desconcertantes.

De uma feita, a sua ira provocada por um chamado de "Cabeção" ainda não tinha explodido, quando alguem lhe disse que pagaria com trinta annos de prisão pelo crime nefando. Uma gargalha gostosa foi a resposta.

— Pouco estou me importando. Tanto me faz trinta ou cem. Não vou viver este tempo todo. Se quizerem podem me matar agora mesmo!

E assumindo novamente um ar severo accrescentou:

— Pelo partido morrerei feliz. Pelo partido matarei quantas vezes fôr preciso. Pelo partido tudo farei...

A essa altura elle não póde conter a sua calma e começa a fazer a apothologia do credo vermelho. Porque o communismo é isso... Porque o communismo é aquillo... Porque Prestes é o tal... Porque a Russia é poderosa...

Ficaria falando eternamente se alguem não desviasse o rumo da conversação para outro terreno.

Quasi uma experiencia na delegacia...

Alguem então, lhe perguntou, se na occasião do estrangulamento, Elza tivera tempo de proferir alguma palavra... "Cabeção", visivelmente irritado, volta-se para o interlocutor e, franzindo ameaçadoramente a testa enorme, cerra os punhos e exclama:

— Quer saber? Então me dê uma corda que eu mostro a você!

Não é preciso dizer que o interlocutor colhido de surpresa nada mais disse e tratou de se afastar o mais depressa possivel...

Atacados os jornalistas — Visão do "paraiso sovietico..."

O carrasco do Partido Communista do Brasil é revoltante na sua imbecilidade. Quer fazer-se passar por pessoa culta e de leitura selecciona. Patriotismo é para elle uma palavra empregada com assiduidade sempre que tem que se referir ao credo vermelho. Entretanto, tratando-se de outros regimens, patriotismo é synonymo de dinheiro no bolso, segundo sua propria expressão. Falando sobre os jornalistas, disse que são burguezes e sómente fazemos as coisas por interesses financeiros ou estomacaes! Mudando de um polo a outro, aproveita então, e diz que tudo o que nós publicámos sobre a Russia é pura mentira. Aquillo lá é um mar de rosas, um paraiso encantado e que o seu maior sentimento é não poder ter estado lá. "Na Russia todos são iguaes". "O proletariado anda de barriga cheia" e "leva uma vida de millionario".

Em seguida diz outra série de tolices e classifica Moscou como sendo a mais bella capital do mundo e que o povo russo é o mais civilizado possuindo reservas financeiras capazes de comprar o universo...

Seria o "martyr" vermelho...

Pouco antes de serem dados por encerrados o depoimento e a palestra com os jornalistas, alguem suggeriu aos ouvidos de "Cabeção" a possibilidade de ser elle sentenciado á morte. Incontinenti, o carrasco do partido vermelho interuretou a idéa como sendo muito honrosa para elle que se veria assim, um martyr pela causa communista, qual Tiradentes pela Independencia...

— Não me amedronto, disse. Serei o Tiradentes do communismo no Brasil. Meu nome ficará na historia e o meu sacrificio viverá para sempre na consagração de todos os brasileiros quando o communismo vencer no Brasil...

Disse isso com eloquencia, com "pôse" de heroe...

"Estou em casa"...

Mais alguns minutos e tudo estava terminado. Habituado a cumprir sempre as ordens superiores, "Cabeção", qual um automato, ao ser convidado a se retirar, levanta-se incontinenti e acompanha os policiaes.

— Nada mais posso dizer agora. Recebi ordem de abandonar a sala.

Instantes mais tarde, encontramol-o já commodamente installado, de chinellos, na saleta ao lado da Secção de Explosivos.

— Satisfeito? perguntamos.

— Ah! estou em casa...

O depoimento á Policia

Damos, a seguir, o depoimento prestado por "Cabeção", ao Sr. Collaço Véras, chefe de gabinete do delegado especial, capitão Felisberto Baptista:

"Disse que: após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) ex-Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinio por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinio de Elza (Elvira Copelo Caloni); que a corda com a qual fôra estrangulada Elza (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da mesma em que estava amarrada pelo declarante; que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que em janeiro de 1938, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), á casa na qual o declarante residia em companhia de "Tampinha" (Adelino Deycola dos Santos), sita á rua Beco Maria Bastos, 48-A, proximo á estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de 6 a 8 mezes foi, digo 6 a 8 dias foi, por diversas vezes, interrogada por "Tampinha" (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que, uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do secretariado nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, Elza (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), "Tampinha" (Adelino Deycola dos Santos), "Bangú" (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que, certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de "Tampinha" (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que debateram, todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou-a para esse fim, e que servia para estender roupa; que ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando, entretida, com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e "Tampinha" (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copelo Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni) derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que a auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no entanto, de que todos os presentes que os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 ou zero horas; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delgesaia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Gallilei e Astianax Leonidas Campos."

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
JORNAL DO BRASIL
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

O, 27 DE ABRIL DE 1940

NA POLICIA E NAS RUAS

O CARRASCO VERMELHO

CHEGOU HONTEM A' TARDE DE AVIÃO, ESCOLTADO POR POLICIAIS PARAENSES, O INDIVIDUO FRANCISCO NATIVIDADE LIRA

A confissão do assassino de Elza Fernandes

Francisco da Natividade de Lira, o "Lira Cabeção" logo após desembarcar do avião que o trouxe da capital paraense

No avião da *Panair* da carreira, chegou hontem a esta capital, escoltado pelo Capitão Melchiades e do investigador Orozimbo, da policia paraense, o individuo Francisco Natividade Lira, o "Lira Cabeção", assassino da jovem Elza Fernandes ou Elvira Copelo Caloni e cuja prisão foi efetuada na cidade de Belem, quando trabalhava nas oficinas da Port of Pará.

O carrasco do Partido Comunista viajou da capital paraense no hidro avião da linha do Pará daquela companhia que partiu de Belem na Quarta-feira ultima pela manhã e pernoitou em Fortaleza, alcançando Quinta-feira Recife onde tambem pernoitou, para chegar finalmente a esta capital precisamente ás 16.20 horas ao aerodromo Santos Dumont nesta capital.

A viagem foi feita nesse hidro-avião e não no "cliper" internacional, devido ao fato de estar o ultimo, que tambem partiu na Quarta-feira de Belem mas chegou ao Rio no dia imediato, completamente lotado, não sendo possivel assim acomodar o preso e os dois policiais que o escoltaram num compartimento separado dos demais passageiros, de acordo com as praxes adotadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "comodore" em que Natividade Lira viajou de Belem a Fortaleza e o Recife, como no "baby-cliper" em que completou a viagem de Recife ao Rio de Janeiro, existem compartimentos separados de forma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

GRANDE CURIOSIDADE

Ao chegar o avião, consideravel massa de curiosos se encontrava no aerodromo Santos Dumont afim de assistir o desembarque do carrasco vermelho.

Vinte investigadores chefiados pelo Dr. Colaço Veras, secretario da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social estabeleceram o cordão de isolamento em torno do local de desembarque dos passageiros.

O DESEMBARQUE

Após a amarração do hidro-avião á boia desceram todos os seus passageiros, desembarcando tambem "Lira Cabeção" o Capitão Melchiades e o investigador Orozimbo. Vinha o criminoso cabisbaixo e ao perceber a multidão encarou-a friamente para em seguida sorrir ligeiramente como que admirado da recepção.

PARA A POLICIA CENTRAL

Metido então, num automovel seguiu para a Policia Central, onde ao chegar foi imediatamente conduzido para a Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, e apresentado ao respectivo delegado Capitão Pellaberto Batista Teixeira.

CONFESSOU TER ASSASSINADO ELZA FERNANDES

Logo após ter feito ligeiras inquirições ao criminoso, o Capitão Batista Teixeira, percebeu estar diante de um individuo completamente fanatisado pelo credo vermelho. Fanatico perigosissimo que executava as ordens dos dirigentes de seu partido sem relutar.

Quasi analfabeto, mas falando com facilidade, "Lira Cabeção" a principio procurou sempre desviar o assunto quando era interrogado sobre a morte de Elza Fernandes, mas finalmente resolveu confessar, depois de terem sido lidos para que ele ouvisse os depoimentos de seus companheiros Honorio de Freitas Guimarães, Xavier e "Banguê", que foram postos á sua frente.

Lida toda a descrição do crime do qual foi o principal protagonista, "Cabeção" sem qualquer contração fisionomica e com incrivel serenidade, disse como quem se sente enfadado: "Foi isso mesmo..."

O DEPOIMENTO PRESTADO POR "CABEÇÃO"

E' do seguinte teôr o depoimento prestado por Francisco Natividade Lira, o "Cabeção" ás autoridades da Delegacia de Segurança Politica e Social:

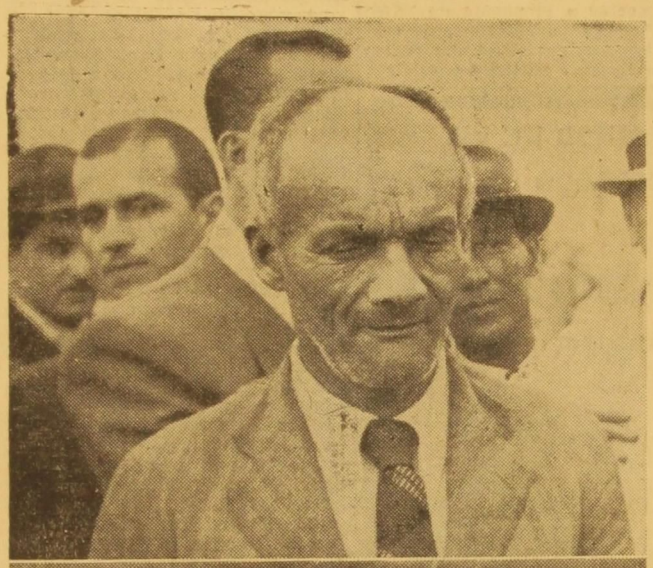
Ao ser interrogado, disse que: "Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua atuação na preparação e na execução do ato de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéia de se cometer o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de Elza (Elvira Copelo Caloni); que a corda com a qual foi estrangulada Elza (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante; que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, em Janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sita á rua Béco Maria Bastos n. 48-A, proximo á Estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de 6 ou 8 dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Comunista tinham de que tivesse sido ela a autora de denuncias feitas á policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que, uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Comunista chegado á conclusão de que realmente Elza (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangu' (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que, certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), chegaram á casa em que o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria efetuado o estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou para esse fim, e que servia para estender roupa; que, ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando entretida com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copelo Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia nas mãos pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por sufocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem, qual o que segurava a vitima ou quais os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quais os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no entanto, de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no ato de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante auxiliado tambem por todos os presentes o fez meter á força num saco de aniagem, supondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fraturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com exceção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu ao enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos, com exceção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que, após isso regressou á casa, permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando, que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de vinte e três ou zero horas; que reconhece, neste ato, a fotografia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exibida, constante do Arquivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assinaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Galileu, Astianax Leonidas Campos."

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal O RADICAL
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

"Cabeção" confessou o crime de que era accusado

Ao ser inquerido, na Delegacia da Segurança Politica e Social, Francisco Natividade Lyra confirmou os depoimentos dos seus accusadores, declarando-se autor do estrangulamento de Elza Fernandes — A integra do depoimento do communista



Flagrantes da chegada, hontem, á tarde, ao Aeroporto Santos Dumont, de Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", apontado como matador da jovem Elza Fernandes.

Como era esperado, chegou, hontem, a esta capital, Francisco Natividade Lyra preso em Belém, por solicitação das autoridades policias desta capital, em vista da accusação que sobre o mesmo pesava, de haver sido o assassino da joven Elvira Copello Caloni, envolvida na trama communista de 1935, sob o nome de "Elza Fernandes".

O avião da Panair, em que viajou "Cabeção", amerissou no aeroporto Santos Dumont, cerca das 15.30 horas, desembarcando o prisioneiro em companhia do capitão Melchiades Costa, delegado da Segurança Politica e Social do Para, e do investigador Orozimbo Tavares. Recebidos pelas autoridades cariocas, rumaram, todos, para a Policia Central, onde "Cabeção" foi recolhido a uma sala da Delegacia de Segurança Politica e Social depois de haver sido apresentado ao capitão Baptista Teixeira e demais autoridades daquella dependencia da nossa Policia.

A' noite teve logar o interrogatorio de Francisco Natividade Lyra, que confessou o crime que lhe era imputado pelos companheiros de credo, cujos depoimentos o publico teve conhecimento, recentemente.

Dada a attitude assumida por "Cabeção", desde que foi preso, em Belém, negando, obstinadamente, a autoria do impressionante homicidio da joven Elza Fernandes, causou surpreza o facto de haver o mesmo confessado, sem relutancia, a sua autoria, ao ser inquirido pelas autoridades locaes, quando era de esperar que elle, quando menos, envidasse esforços para protelar a sua sensacional confissão. Esse facto nos mostra uma nova face da estranha personalidade de "Cabeção", que, desta forma, desconcertou quantos acreditavam que o mesmo procurasse, na peor das hypotheses, dar maiores trabalhos á policia.

O DEPOIMENTO DE "CABEÇÃO"

Está concebido nos seguintes termos o depoimento prestado, hontem, á noite, por Francisco Natividade Lyra, na Policia Central:

Ao ser interrogado disse que: após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), ex-Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza

(Continúa na 2ª pag.)

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

"Cabeção" confessou o crime de que era accusado!

(Continuação da 1ª pag.)

(Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tivera antes do assassinato de Elza (Elvira Copelo Caloni); que a corda com a qual fôra estrangulada Elza (Elvira Copelo Caloni), servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada, pelo declarante; a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que em janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sita ao becco Maria Bastos, 48-A, proximo á estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Copelo Caloni), durante cerca de seis a oito mezes foi, digo seis a oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que, uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do secretariado nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, Elza (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangú (Lauro Reginaldo da Rocha) e o declarante que Elza (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que, certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que debateram, todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou para esse fim, a qual servia para estender roupa; que ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando, entretida, com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copelo Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni) derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no entanto, de que todos os presentes já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala visinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam todos com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 ou zéro hora; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Gallileu e Astianax Leonidas Campos

NEGANDO, A PRINCIPIO

Ao chegar á Policia Central, foi "Cabecão" levado á presença do capitão Baptista Teixeira, a quem negou ter sido o assassino de Elza, ao ser inquerido pelo mesmo. Levado, a seguir, para a Secção de Explosivos ali foi mostrado o depoimento de Honorio de Freitas Guimarães, finda a leitura do qual elle persistiu na negativa. Leram, então, os investigadores o depoimento de Xavier. Nesse momento, o velho carrasco não póde mais negar. Sem nenhum constrangimento, confirmou o que lhe acabava de ser lido, confessando, assim, o seu crime.

Levado, a seguir, para o cartorio da Delegacia, Lyra prestou o depoimento que acima divulgamos.

MATOU PORQUE ELZA TRAHIRA O SEU PARTIDO

Mais tarde foi permittido á reportagem dos jornaes falar com "Cabeção". Elle é um homem quasi analphabeto, bronco mesmo, de raciocinio rudimentar. Metteram-lhe, na cabeça, a idéa do communismo, pintado com as côres roseas que os seus propagandistas lhe attribuem. E ninguem o convence do contrario. A proposito do assassinato de Elza, "Cabeção" declarou que a matou porque lhe haviam dito que ella trahira o seu partido. Matou-a do mesmo modo que mataria qualquer um que trahisse o partido, fosse quem fosse. A uma pergunta se estava arrependido do crime, respondeu que não. E accrescentou que nada lhe adeantava dizer-se arrependido visto que as autoridades não lhe iriam pôr em liberdade, por isso.

"Cabeção" se encontra preso na Delegacia de Segurança Politica e Social.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal A BATALHA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

SERENAMENTE
confessou o crime revoltante!

Natividade Lyra, o "Cabeção", narrou, calma e minuciosamente, os detalhes do estrangulamento de Elza Fernandes, inspirando revolta em quantos assistiram a narrativa

O TEXTO DAS DECLARAÇÕES PRESTADAS Á POLICIA, NA PRESENÇA DE JORNALISTAS, PELO CARRASCO DO —— PARTIDO COMMUNISTA ——

Despertou grande curiosidade a chegada, hontem, a esta capital, de Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", o carrasco do Partido Communista.

Preso em Belém, nas circumstancias que são do conhecimento publico e noticiadas com detalhes pela imprensa, "Cabeção" viajou de avião, escoltado pelo capitão Melchiades e pelo investigador Orozimbo.

Chegando a esta capital ás 16 horas e 30 minutos, Francisco Natividade Lyra foi logo conduzido á Policia Central onde, na presença de jornalistas, passou a ser interrogado.

O desembarque se fez entre cordões de isolamento tal o numero de curiosos que accorreram ao aeroporto.

Ali se encontravam numerosas autoridades que o acompanharam até a Policia Central.

"CABEÇÃO"

"Cabeção" é um homem que merece um estudo psychologico minucioso. Frio, physionomia parada, elle não se mostra propenso a qualquer impressão momentanea.

Em determinado momento, após a confissão cynica do crime frio e premeditado, declarou que delle não se arrependia, nem tinha o menor remorço. Como estrangulou Elza teria morto tantas outras mulheres indefesas que se apresentassem!

O cynismo de Natividade Lyra, que foi reconhecido por Honorio, é revoltante.

A principio esboçou um pequeno movimento de resistencia. Tentou negar. Mas, após o reconhecimento pelo seu companheiro de delicto, resolveu confessar tudo.

E o fez calma e meticulosamente, prestando esclarecimentos e dando detalhes com precisão sobre o tenebroso crime.

O TEXTO DAS SUAS DECLARAÇÕES

O texto das suas declarações, que são a confissão tacita do crime revoltante, é o seguinte:

Ao ser interrogado disse que: — após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) ex-Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copello Caloni), negando, no emtanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tivéra antes do assassinato de Elza (Elvira Copel-

(Conclue na 3.ª pagina)

Natividade Lyra, "Cabeção", após ser embarcar, escoltado pelos policiaes

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

SERENAMENTE CONFESSOU O CRIME REVOLTANTE

(Conclusão da 1.ª pagina)

lo Caloni); que a corda com a qual fôra estrangulada Elza (Elvira Copello Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Copello Caloni); que em Janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copello Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) a casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sita á rua Becco Maria Bastos, 48-A, proximo a estrada de Camboata; que Elza (Elvira Copello Caloni) durante cerca de 6 a 8 mezes foi, digo, 6 a 8 dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do secretariado nacional o Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, Elza (Elvira Copello Caloni) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangu' (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Copello Caloni) seria assassinada para o bem do partido; que, certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Coppello Caloni); que debateram, todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou-o para esse fim, e que servia para estender roupa; que no cahir da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Copello Caloni) estivesse conversando, entretida, com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copello Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de Elza (Elvira Copello Caloni) derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no emtanto, de que todos os presentes que os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copello Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copello Caloni) foi carregado para um sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com exepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cóva que prepararam, todos com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copello Caloni), á noite, por volta de 23 ou zero horas; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Gallileu e Astianex Leonidas Campos.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A PATRIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

FIEL ANALYSE

Chegou hontem o "Cabeção". A notoriedade do carrasco vermelho movimentou a reportagem. O publico, como é natural, reclama pormenores e, na impossibilidade de um contacto directo com o facinora, contenta-se em sentir essa aberração humana atravéz das informações e photographias da imprensa.

Já agora, será mais difficil, sinão imposivel, a propaganda vermelha. O serviço da Policia foi completo. Esclarecidas as actividades e os crimes dos communistas — que muita gente assentia em attribuir ás autoridades — esclarecida, diziamos, essa acção criminosa dos adeptos de Moscou, a opinião publica pôde certificar-se, inclusive pela documentação photographica, qual a especie de gente e com que processos, pretendia conjurar a liberdade e a iguaudade !

"C a b e ç ã o" desembarcou. Basta olhal-o, ver-lhe a physionomia para se ter, idéa da monstruosa configuração psychologica do homem escolhido para, carrasco. Sua face é tambem uma reproducção bem definida da ferocidade do credo que elle adoptou.

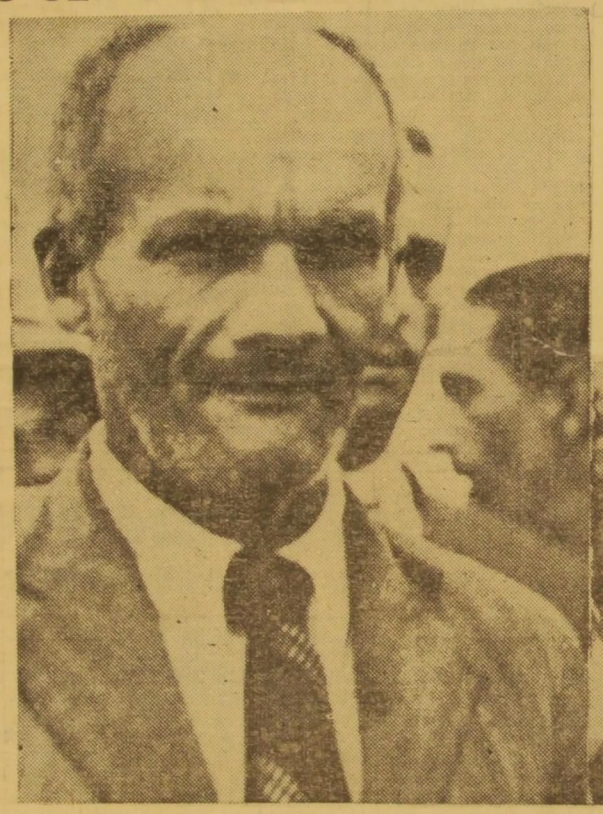
ANTENOR NOVAES.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal A PATRIA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Confessou!

«CABEÇAO» O CARRASCO VERMELHO NO SEU PRIMEIRO INTERROGATORIO, DECLAROU SER O EXECUTOR DAS SENTENÇAS DE MORTE LAVRADAS PELOS COMMUNISTAS



Ahi está o "Carrasco Vermelho" na primeira photographia obtida logo após o desembarque

A captura de Francisco Natividade Lyra, apontado como carrasco do partido communista, e autor do assassinio da infortunada Elza Fernandes, constitue um trabalho paciente e perseverante do capitão Felisberto Baptista, delegado especial de Segurança Politica e Social.

Desde á intentona revolucionaria dos communistas em Novembro de 1935, que as autoridades se desdobram em exaustivas investigações para identificar os adeptos do credo vermelho em actividade no Brasil.

A' frente de todas as investigações o delegado especial de Segurança Politica e Social ia aos poucos colhendo elementos preciosos para o golpe final nas actividades desses elementos.

AS ACTIVIDADES POLICIAES

Presos os chefes vermelhos Honorio de Freitas Guimarães, Lauro Reginaldo da Rocha e Eduardo Xavier, varios factos foram

(Conclue na 3.ª pag.)

Grupo feito após o desembarque, vendo-se Cabeção ao centro

Despreoccupado, esquecido do seu horrendo mister, Cabeção brinca com uma maçã...

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Confessou !

(Conclusão da 1ª pag.)

esclarecidos, apparecendo então a verdade em torno do trucidamento da joven communista desapparecida de modo impressionante e mysterioso.

Foram então, concentradas todas as forças policiaes para a captura de Francisco Lyra.

Innumeros telegrammas foram endereçados ás autoridades policiaes do interior e de todos os Estados, com os traços caracteristicos do verdugo e a sua photographia. Ao mesmo tempo, diligencias sobre diligencias eram levadas a effeito nesta capital, com o proposito da descoberta do paradeiro de "Cabeção".

Desdobrava-se a policia em diligencias quando de Belém, do Pará, veio informações de que o carrasco vermelho se encontrava naquella localidade, sua terra natal.

Solicitada a sua prisão, o chefe de investigações de Belém, capitão Melchiades Costa, iniciou serias investigações dentro em pouco coroadas de pleno exito.

Nas officinas da Port of Pará, em Vai-de-cans, villa situada a poucos kilometros da capital paraense, havia um carpinteiro que ali trabalhava e cujo nome coincidia com o individuo procurado — Francisco Lyra. Interrogado pelas autoridades, foi revelado que possuia tambem o nome de Natividade, e mais ainda, era conhecido entre os seus companheiros de trabalho por "Lyra Cabeção". A photographia publicada nos jornaes do Rio era em tudo semelhante ás feições do carpinteiro.

Este, no emtanto, negava firmemente que tomára parte no trucidamento de Elza Fernandes.

Certo porém, de que o individuo procurado pela policia carioca, era aquelle mesmo, foi elle incontinente preso e posto á disposição da Ordem Politica e Social.

A CHEGADA DO CARRASCO

O avião conduzindo "Cabeção", aterrisou hontem precisamente ás 16,20 horas no Aeroporto Santos Dumont.

Compacta massa popular aguardava nas immediações do desembarque a figura central do tenebroso feito communista.

Depois das formalidades legaes, escoltado por uma turma de investigadores, "Cabeção", sahe do apparelho.

Sua attitude era de uma calma imperturbavel ,tendo uma das mãos no bolso, e segurando com a outra o chapéo de palha, parecia não se preoccupar com o que em volta de si se passava.

Com a roupa em desalinho, tendo o paletot rasgado nas costas, e a cabeça já encanecida, Natividade Lyra — o "Cabeção", dava uma impressão bem differente do que na realidade é.

Com passos firmes ao lado dos investigadores caminhava para o automovel indifferente ao serviço dos photographos, e a tudo que se passava em redor.

De passagem por Pernambuco, ouvido pela imprensa local, o carrasco communista negou a autoria dos crimes de que é accusado. Nega, tambem, que estivesse no sul do paiz em 1932. Nega ser communista. Nega até o seu appellido e insiste em affirmar que não conhece os seus companheiros de ideologia que o denunciaram como carrasco de Elza Fernandes, e que jamais conheceu a sacrificada. Inquerido sobre os factos divulgados pela imprensa, "Cabeção", responde dissimulando. Ascrescenta que frequentava as sedes dos syndicatos e outras organizações operarias para "defender os direitos dos trabalhadores". Depois de referir-se com enthusiasmo á reivindicações da classe operaria, o que faz com certa facilidade de expressão, Natividade irrita-se por alguns momentos, dirigindo grosserias aos jornalistas, apontando-os como venaes.

CONFESSOU O CRIME

Francisco Natividade Lyra, logo depois de dar entrada na Policia Central, foi conduzido á presença do delegado especial de Segurança Politica e Social.

Interrogado habilmente por áquella autoridade, o carrasco do partido communista, confessou sem nenhuma coacção, a autoria da morte de Elza Fernandes, executada por determinação dos chefes vermelhos.

De posse da confissão do perverso criminoso, as autoridades prosegçuem em diligencias ligadas aos crimes hediondos praticados pelos communistas durante varios annos de criminosa actividade no Brasil.

DEPOIMENTO PRESTADO POR FRANCISCO MATIVIDADE LYRA, VULGO "CABEÇÃO", PERANTE O PESSOAL DA IMPRENSA

Ao ser interrogado disse que: — Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Seguarnça Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e Xaveir (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéia de se commetter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, a corda com a qual foi estrangulada Elza (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Coplo Caloni); que, em Janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro) á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Avelino Dehycola dos Santos), cita á rua Boco Mario Bastos, 48-A, proximo á Estrada de Camboata; que Elza (Elviar Copelo Caloni) durante cerca de seis ou oito dias, foi por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Dehycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham do que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegada á conclusão de que, realmente, Elza (Elviar Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Dehycola dos Santos), Bangu' (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Dehycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado á effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamnto seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, que servia para estender roupas; que ao cahir da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando, entretida, com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Dehycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde residia Elza (Elvira Copelo Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni),derrubou-a no chão, e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que auxiloiou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliavam nisso; que tem certeza, no entanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elviar Copelo Caloin); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala visinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante auxiliado por todos, com excepção de Xavir (Eeduardo Ribiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que, após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 (vinte e tres) ou zero hora; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelino Dehycola dos Santos, vulgo Tampinha que lhe é exhibida, constantemente do Archivo Geral da Delegacia Nacional de Segurança Politica e Social, Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Gallileu e Astianax Leonida Campos.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal CORREIO DA MANHÃ
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

"CABEÇÃO" CONFESSOU TUDO

Verdadeiro typo de delinquente vulgar, o carrasco de Elza Fernandes narrou friamente o crime

A chegada de Francisco Natividade Lyra, vindo da capital paraense de avião, despertou grande curiosidade popular. O aeroporto Santos Dumont, de onde elle desembarcou mais ou menos ás 4,30 da tarde, estava cercado de uma verdadeira multidão. Toda a gente queria ver o homem que servia de carrasco ao Partido Communista, o estrangulador de Elza Fernandes. O seu barbaro crime, praticado em circumstancias quasi incriveis, deu-lhe uma celebridade sombria, cercando-o de uma aureola de pavor e repulsa. As photographias estampadas nos jornaes destacavam certos detalhes impressionantes na sua estranha mascara physionomica. Por outro lado, a policia contribuiu para a propaganda do monstro, cercando de cuidados especiaes a sua viagem para esta capital.

Assim, o povo esperava ver um individuo de olhar duro, a faiscar odio, uma féra humana de andar pesado, cabeça baixa, testa sulcada de rugas verticaes, um desses typos que até de longe ameaçam a vida da gente. E as autoridades estavam certas de que iriam enfrentar um assassino inflexivel, teimoso, difficil de confessar o delicto. Entretanto, foi uma decepção geral.

Physicamente, "Cabeção" não é nada daquillo que se imaginava. A decepção começou ahi. Os curiosos que se agglomeravam encostados ao gradil externo do aeroporto não esconderam o seu desapontamento, quando viram aquelle typo vulgarissimo de baixa estatura, pobremente vestido de costume de casemira descolorida pelo longo uso, chapéo de palha muito surrado e grande de mais para a sua enorme cabeça, caminhando tranquillamente entre dois investigadores, atirando e aparando no ar uma maçã, como se tambem elle não fosse mais que um espectador em tudo aquillo. Sereno, indifferente ao que se passava em torno, "Cabeção" *saiu do aeroporto*, atravessou a onda popular e entrou no automovel da policia, rumando para o edificio da Chefatura.

Entre as autoridades, o executor de Elza Fernandes desmentiu completamente a impressão que se fazia do seu temperamento suppostamente rebelde. A's cinco horas, isto é, minutos depois de chegar a esta capital, o assassino fazia o seu depoimento, confessando tudo sem o menor esforço por parte da policia. Os representantes da imprensa assistiram ás suas declarações, feitas correntemente, como se o seu barbaro crime nada tivesse de extraordinario.

Interrogado porque negára o facto ás autoridades do Pará e de outros Estados em que passou, disse que aquellas não interessavam a verdade...

— E a caminho da Policia Central, no automovel, por que motivo V. sustentou que não matára Elza? — perguntaram-lhe.

— Ora, doutor, automovel não é delegacia...

E, assim, fazendo "blague", baseando-se numa logica individual e disparatada, Francisco Natividade Lyra contou tudo o que se passou em torno do tenebroso massacre da desgraçada amante de "Miranda".

IGNORANTE E INCONSCIENTE

"Cabeção", como acima accentuámos, é um typo vulgar de criminoso, no qual resaltam apenas os caracteristicos negativos da absoluta ignorancia e da tardeza mental bem proxima da imbecilidade. Um inconsciente, que não tem a menor noção intellectual da ideologia em que diz ter baseado o brutal assassinio de Elza. Um verdadeiro bruto, de que o Partido Communista Brasileiro se servia como machina de matar. Percebe-se que o seu curto raciocinio foi habilmente trabalhado pelos doutrinadores vermelhos, cuja missão de sangue precisava, naturalmente, de um instrumento para as acções mais infames. De communismo, elle só conhece a parte material, assim mesmo dentro de um ponto de vista singular da distribuição da riqueza. Para elle, o communismo transformaria os miseraveis em millionarios. E, como é pobre, ficaria rico no regimen que lhe ensinaram a adorar como um fanatico e a servir como um escravo animalizado.

Esta foi a maior decepção que o carrasco forneceu. Não gosta que lhe chamem "Cabeção". Tem, realmente, uma cabeça grande, com accentuada proeminencia do frontal. Mulato, com a fronte inteiramente descoberta pela calva, cabellos duros e grisalhos, olhos pardos, cavados, pouco distantes um do outro, palpebras avermelhadas. Olhar frio e inexpressivo, "Cabeção" é um homem que, não obstante os seus 58 annos, denota grande força muscular. Mãos grossas, dedos curtos e rombudos, tem varios signaes que a anthropologia aponta como indicios de tara criminosa.

O que mais surprehende e attesta o nivel baixo dos proceres do communismo no Brasil é o papel destacado que esse typo lombrosiano desempenhava no P. C. B. Era ouvido nas declações mais importantes, estava a par de todos os movimentos da propaganda e tambem dava as suas opiniões...

MATOU E NÃO SENTE REMORSO...

Francisco Lyra confirmou tudo o que os seus cumplices já declararam a respeito do assassinio de Elza e que já foi amplamente divulgado por este jornal. Esclareceu apenas alguns detalhes. Assim, por exemplo, disse que não tomou parte em nenhuma das reuniões do Partido, nas quaes se cogitou da supposta traição da joven amasante de "Miranda". Apenas compareceu, quando se discutiu a fórma da execução. Os companheiros escolheram o estrangulamento e elle concordou em pratical-o, como teria acceito qualquer outro processo. Elle mesmo cortou a corda, um fio forte que servia de varal, no quintal da casa da estrada de Camboatá. Ficou conhecendo a sua victima quando ella foi transferida para aquella casa. Combinado tudo, no momento determinado atirou a corda no pescoço da moça, apertou-a fortemente e, com violento empurrão, jogou a victima ao solo. Affirma que todos os outros presentes ajudaram-no a puxar o laço.

Nesse momento, uma testemunha pergunta:

— Mas ella não disse nada, quando V. lhe atou a corda ao pescoço?

"Cabeção" atirou um olhar zombeteiro ao autor da pergunta e respondeu, acompanhando as palavras com o gesto:

— Deixe-me apertar o seu pescoço com uma corda e quero ver se V. poderá dizer alguma coisa...

A preoccupação essencial do assassino é accentuar que não tem remorso, não tem arrependimento, não sente o menor constrangimento em narrar o crime nem tem o mais leve temor do que lhe possa acontecer.

— V. sabe que existe pena de morte no Brasil para casos como o seu?

"Cabeção" fez um gesto de enfado e, meio irritado:

— Que me importa lá a pena de morte... Se quizerem fuzilar-me agora mesmo estou prompto. Vinte ou trinta annos de cadeia, não estou ligando a coisa nenhuma.

Perguntaram-lhe se elle pensava acompanhar os communistas que renegaram o credo. A resposta foi um olhar fuzilante e um gesto de impaciencia...

Percebe-se o seu desprezo pelos que confessaram o monstruoso crime e a sua convicção de que Elza traira os companheiros. As autoridades affirmaram que elles tinham sacrificado uma innocente. Mas elle se exalta e diz que a moça agira a serviço da policia. Entretanto, toda a sua certeza reside na convicção dos cumplices que lhe affirmaram ser ella uma traidora...

Houve um momento em que chamaram Xavier para esclarecer um ponto do seu depoimento. Durante todo o tempo que seu companheiro permaneceu no gabinete policial, "Cabeção" não lhe dirigiu um olhar.

Todo o interrogatorio foi dirigido pelo delegado Collaço Veras, o qual fez questão de reler o depoimento na presença do assassino e dos representantes da imprensa.

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", ao desembarcar, hontem, nesta capital

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal CORREIO DA MANHÃ
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

30

ELZA

Chegou o "Cabeção". E todo o Brasil, ainda horrorizado pelas descobertas recentes da policia, lembra-se de uma cabecinha garota, de cabellos negros num gracioso tumulto de mocidade, olhos de jaboticaba e um sorriso vivo de quem, ainda ás portas da vida, muito esperava da vida.

De um dia para outro nasceram assim os dois symbolos que, juntos, completam a imagem do communismo no Brasil. Uma menina. Um "Cabeção". Ella, seduzida pelo mysterio, pelos passes secretos, pela aventura, deixou-se levar. Caminhou, coitadinha, direito á morte, pelas mãos impiedosas do carrasco. Mas por detraz deste, pobre diabo degenerado e primario, estava o odio gelado dos mandantes: os chefes. Imagina-se nelles uma inhibição feroz, um impulso (diremos freudiano ?) de destruição, de rancor contra tudo o que é harmonioso e risonho, e de que a mocidade de Elsa era um exemplo, talvez tanto mais irritante quanto suas idéas communistas não se estendiam a certas promiscuidades "camaradas"...

Instrumento desses chefes, a mão do carrasco — e ahi está o symbolo — parece que se estendia, enorme e brutal, sobre o Brasil. E como Elza, inconsciente e illudida, levada pelo mysterio e a aventura, uma parte — uma pequena parte, é verdade — de nossa mocidade caminhava para a morte moral e trabalhava para arrastar com ella toda uma Nação.

* * *

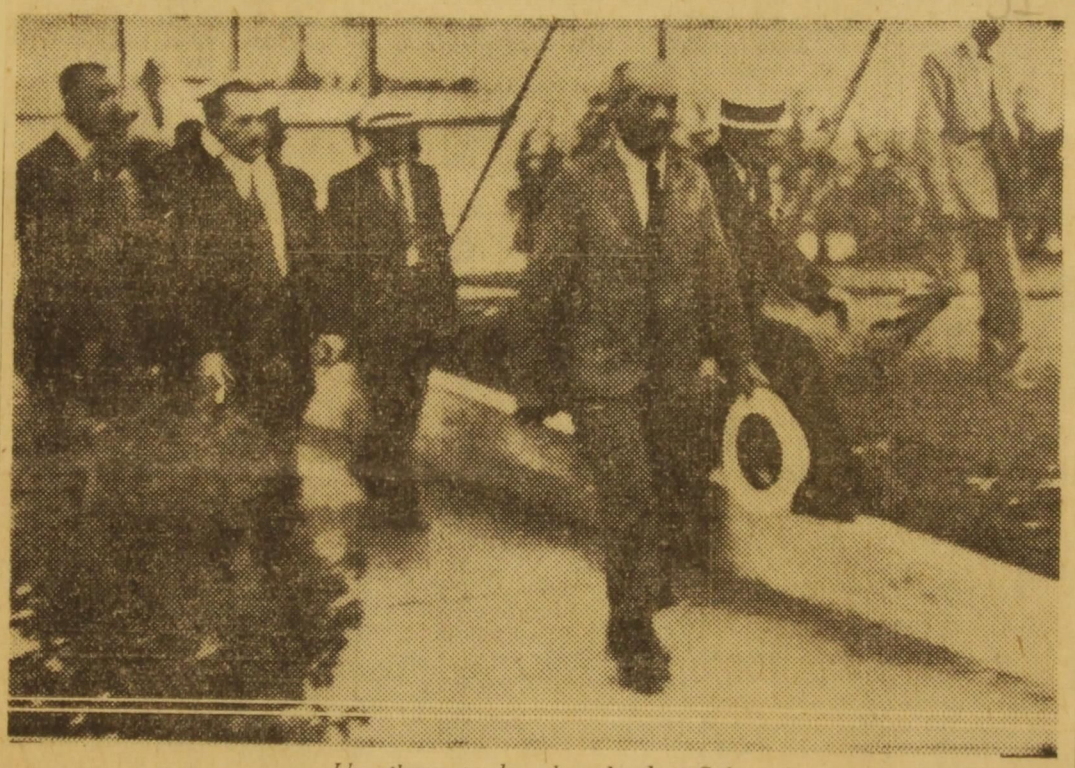
O assassinato de Elza Fernandes tomou proporções de tragedia: ella foi uma victima inconsciente, immolada para redimir definitivamente o Brasil do flagello communista.

Não terá sido em vão o Sacrificio!

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
CORREIO PORTUGUEZ
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

"MATEI UMA E MATAVA DEZ!..."

Confessou, ontem á tarde, depois de sua chegada á Policia Central, o terrivel carrasco vermelho



Um flagrante da chegada de "Cabeção"

Cercado de todas as garantias concedidas aos presos de grande responsabilidades, chegou, ontem, á tarde, procedente de Belém do Pará, onde foi preso pela policia de investigações da capital paraense, o terrivel executor das sentenças capitais do célebre "Tribunal Vermelho", do Partido Comunista do Brasil.

E' excusado detalhar, rememorando, todos os acontecimentos confessados pelos principais chefes da perigosa organização contra as instituições nacionais, pois, ainda, estão na memória de todos que acompanharam, através o noticiário dos jornais, o desenrolar das deligências e investigações em torno do desaparecimento da joven Elvira Copelo Caloni, mais conhecida nas hostes vermelhas pelo cognome de Elsa Fernandes, também chamada a "Garota", condenada a morte, como denunciadora das acções do Partido e seus mentores, por Luis Carlos Prestes, o Chefe supremo do P. C. B.

Descoberta toda a trama horripilante desse bárbaro trucidamento da inditosa comunista, jovem semi-analfabeta, de 16 anos de idade, com a confissão detalhada de Honório, Bangu' e Xavier, elementos graduados do extremismo vermelho, foi Francisco Natividade Lira, vulgo "Lira Cabeção", apontado como o frio e terrivel executor das sentenças capitais ordenadas pelo chefe supremo Luis Carlos Prestes e homologadas pelo "Tribunal do Partido", composto dos elementos acima declarados e Deicola dos Santos, além de outros. Preso, em Belém, "Lira Cabeção" foi conduzido de avião, aqui para a Rio de Janeiro, tendo sido levado para a Central, onde, a principio, negou o crime bárbaro que lhe era imputado, dizendo desconhecer os elementos que o acusavam.

CONFESSOU CALMAMENTE

Nada demoveu o perigoso corrasco vermelho até ser colocado á frente de Honório de Freitas Guimarãis, Secretário do P. C., que manteve suas declarações acusando-o de executor de Elsa Fernandes. Com a calma com que negava, "Lira Cabeção" confessou friamente, o seu crime. Deu todos os detalhes da bárbara cena do trucidamento da infortunada mocinha extremista e semi-analfabeta, declarando que cortara a corda de um varal nos fundos da casa de Deicola, executando as ordens que recebera sem remorso.

—— E' uma denunciadora de menos. Não tenho remorso. Matei uma e mataria dez, em beneficio do Partido...

— Terminou o homem de nervos de aço, que informou á reportagem ter completado 57 anos de idade, no dia 3 de dezembro do ano findo, pertencendo ao Partido Comunista desde 1926. Antes de ser recolhido ao xadrez da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, Lira informou que extranhou a viagem, pois o avião não é para operário navegar.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal O JORNAL
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

Flagrantes da chegada de "Cabeção", o carrasco da organização communista no Brasil e assassino de Elza Fernandes. Francisco Natividade Lyra saltou do avião sob intensa curiosidade popular. Vemol-o no "cliché": á esquerda, ao desembarcar, entre os investigadores; ao centro, focalizado quando encarava o reporter com uma expressão indefinivel, é, á, direita, finalmente, entrando no automovel da policia cercado pela multidão de populares que queria ver de perto o terrivel homem

A CONFISSÃO DO CARRASCO DO PARTIDO COMMUNISTA

Tendo negado durante vinte minutos deante do Delegado Especial de Segurança Politica e Social, "Cabeção" acabou narrando, perante autoridades e jornalistas, todos os detalhes do crime

"Automovel não é delegacia de policia" — Homem ousado e impertinente — O depoimento — "Abobora" prestará novas declarações

Entre os elementos do Partido Comm... ta Brasileiro, agora totalm... te desarticulado pelos auxiliares do capitão Baptista Pereira, delegado especial de Segurança Politica, o que mais attenção despertava era Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção".

Designado como carrasco do P. C. B., foi autor do barbaro crime de Elvira Copello Caloni — "Elza Fernandes", uma joven que havia abraçado o credo de Moscou e que, no Tribunal Vermelho havia sido condemnada á morte, após oito dias de severos interrogatorios, como delatora.

Francisco Natividade Lyra, como mandante de Honorio de Freitas Guimarães — "Abobora", Deycola e "Bangu", executou, summariamente, com auxilio dos mesmos, tendo em seguida fugido, o mesmo acontecendo aos outros elementos.

O crime foi esquecido, passando a ser relembrado com a prisão de diversos elementos do P. C. B.

Depois de intenso trabalho da Delegacia Especial, voltou á baila o julgamento de Elza Fernandes, da qual a propria policia, agora, tem em mãos o perigoso assassino e os seus coadjuvadores.

Natividade Lyra foi preso em Belém do Pará, á rua Boaventura Silva n. 812, e remettido, de avião, aqui para o Rio, tendo chegado hontem á tarde.

Do aeroporto "Santos Dumont" foi conduzido á Policia Central.

NO PALACIO DA RELAÇÃO

Ao sair do aeroporto, escoltado, Natividade Lyra foi immediatamente conduzido ao Palacio da rua da Relação.

Durante o trajecto que o automovel fazia, "Cabeção" negou-se a fazer qualquer commentario, tendo affirmado que o veiculo "não era uma delegacia de policia".

NEGANDO

Levado ao gabinete do capitão Felisberto Baptista Teixeira, Delegado Especial de Segurança Politica e Social, "Cabeção" manteve-se e mconstante negativa.

Affirmava de viva voz não que não era o matador e que não tivera tido participação no hediondo crime.

Nesta attitude ficou cerca de vinte minutos e, apesar dos esforços do Delegado Especial, afim de obter qualquer detalhe ou, no minimo, uma contradicção, continuou na sua negativa.

A CONFISSÃO PLENA

Porém, ao lhe serem lidos os depoimentos de Honorio de Freitas Guimarães e de Eduardo Ribeiro Xavier, aquelle "Martino" e este "Abobora" os quaes faziam referencias sobre a sua participação no mostruoso crime, confessou plenamente ter sido o carrasco da infeliz Elza Fernandes.

INSENSIVEL

Natividade Lyra, então, passou a contar todos os detalhes do barbaro crime, da joven Elvira Caloni. Mostrou-se insensivel, não tendo omittido um gesto siquer, reproduzindo em attitude o acto do estrangulamento.

Essa confissão foi feita na presença dos jornalistas, tendo sido o seu depoimento testemunhado por dois, que se encontravam na occasião.

A FIGURA DE "CABEÇÃO"

Entrarmos em detalhes sobre o truculamento de Elza Fernandes (Elvira Capello Colonio) traçaremos a figura de Natividade Lyra, elemento principal na participação do barbaro assassinio.

Com 37 annos de idade, apresenta ainda a compleição forte. Cabellos grisalhos, olhos pequenos, labios grossos, nariz chato. A cabeça é o seu traço caracteristico. Talvez dahi talvez tenha partido a sua alcunha de "Cabeção" dentro do P. C. B.

Ignorante, sem o mais leve senso de apprehensão, fala desordenadamente em um "paiz livre para "sel. vir" ao proletariado". Em seu espirito está inculcada uma certa orientação, da qual não se afasta, mantendo certa fidelidade do que se serviram diversos elementos para tornal-o mero instrumento.

Vaidoso ao extremo, conseguiu grangear posição no P. C. B., apesar de ser extremamente boçal, por ser um elemento que formou no referido partido desde 1926. Batalhando sempre pelo ideal (cuja palavra desconhece o seu fundo) — assim affirmou varias vezes — conseguiu ser membro destacado, gozando da intimidade de Honorio Guimarães, "Abobora" e Deycola, sendo que áquelle primeiro obedecia sem restricções. Era um instrumento e sabia desempenhar bem o seu papel.

Servil ao extremo, dada a sua ignorancia, tornou-se o carrasco do Partido, sendo confiadas a elle missões arriscadas e tambem as em que era necessario o emprego de sua insensibilidade, isto é, toda a razão de seu barbaro instincto. Era o verdadeiro carrasco do P. C. B.

Teve parte activa no estrangulamento de "Elza Fernandes", como veremos mais adeante, e agiu com todo o sangue frio e crueldade. Barbaro, monstruoso como autor, coadjuvado por todos os elementos que compunham a fina flor da mentalidade extraordinaria dos "salvadores do Brasil", que eram os extremistas, inculcados em sociedades avançadas, que não passavam de simples homens despidos de qualquer, sentimento mesmo o de forma atavica.

Eram uns deshumanos, uns selvagens, e queriam impôr com suas barbarias a "salvação de um paiz" onde a ordem e o trabalho marcham "pari-passu" em luta tremenda contra qualquer idéa extremista.

NÃO SE ARREPENDE

A confissão do carrasco é hedionda. Insensivel, não esconde detalhes. Precisa os elementos, o momento, e não sentiu nenhum constrangimento em matal-a, tendo affirmado que assim fizera porque Elza era um adeliatora e o castigo imposto pelo P. C. B. era a sua extinção sumaria.

Não titubeou em estrangular-a com pleno assentimento de seus "camaradas", que o auxiliaram naquella sinistro empreitada, que pode ser considerada como o mais tenebroso crime commettido em nosso paiz.

Não se arrepende de ter sido o autor do assassinio e confessa mesmo que, em sua vida nunca chorou, nem mesmo com a morte de sua mãe, a unica pessoa á qual dedicava e mais extremado affecto.

FUGIU PARA O PARA'

Após o assassinio, Natividade Lyra passou dois annos aqui no Rio de Janeiro, tendo se empregado em diversos logares, com nome supposto.

No dia 15 de maio de 1938, com uma requisição fornecida pelo Ministerio do Trabalho, embarcou para Belém do Pará, tendo usado o nome de Francisco Silva.

Confessou que, sem nenhum remorso, passou os quatro annos dois aqui no Rio e outros dois no Pará, onde o foram encontrar.

Na cidade de Belém, como carpinteiro naval, estava agindo ainda em nome do P. C. B., alliciando elementos. Porém, a sua ida áquelle cidade do norte, foi mais um motivo para afastal-o da capital, cujo receio do P. C. B. é que viriam a descobrir o hediondo crime.

Quanto ás suas possibilidades como alliciador eram nullas, pois todos sabiam, dentro do partido, que Natividade Lyra era um ignorante, um hoçal cuja finalidade era "simplesmente" um mandante, um instrumento, em summa, um carrasco.

O DEPOIMENTO PRESTADO PERANTE A REPORTAGEM

E' o seguinte, na integra, o depoimento de Natividade Lyra, prestado perante os jornalistas á policia carioca:

"Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por "Martins" (Honorio de Freitas Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Caloniio), negando, no emtanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinio por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinio de Elza (Elvira Cupello Caloniio), que a corda com a qual foi estrangulada Elza (Elvira Cupello Caloniio), servia para estender roupa, tendo sido cortada da arcore em que estava amarrada pelo declarante; que, a seguir, passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Caloniio); que em janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Cupello Caloniio) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sita á rua Becco Maria n. 48-A, proximo á estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Cupello Caloniio), durante cerca de 6 ou 8 dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização, que, uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que realmente Elza Elvira Cupello Caloniio) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangu (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante, que Elza (Elvira Cupello Caloniio) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia, Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), chegara á casa em que o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Caloniio), que debateram todos juntos o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, a que servia para estender roupa; que, ao cair da tarde, no momento combinado, que era quando Elza (Elvira Cupello Caloniio), estivesse conversando entretida com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copelo Caloni), estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia nas mãos, pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxilado nisso por todos os presentes, não se recordando bem, qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no emtanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por, todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, próximo a uma arvore; que, após isso regressou á casa, permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Cupello Caloniio), á noite, por volta de vinte e tres ou horas; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo "Tampinha", que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Galileu do "Diario Carioca" e Astinax Leonidas Campos, do "Jornal do Brasil".

TOMOU CHA' COM TORRADAS

O depoimento de Natividade Lyra, "Cabeção", foi de livre e expontanea vontade. Não houve qualquer coacção, tanto assim que ao mesio das declarações, foi-lhe offerecido qualquer coisa para comer, tendo pedido chá preto com torradas. O que desejava foi satisfeito, tanto que minutos depois, de um café das proximidades, lhe chegava ás mãos o que havia pedido.

CONTRADIZ CERTOS PORMENORES DO DEPOIMENTO DE XAVIER

Francisco Natividade Lyra, em suas declarações adeamt que Eduardo Ribeiro Xavier, "Abobora", não desmaiou, conforme este havia allegado, tendo até ajudado a eliminação de Elza Fernandes. Só se recorda que, tanto na sala onde a depositaram num sacco como ao cavarem a cóva, Xavier não appareceu.

DORMIU NA MESMA CASA

"Cabeção", de quando em vez era interrogado pela reportagem e dava algumas respostas. Assim é que lhe perguntaram se dormiu na casa onde occorreu o barbaro assassinio. Declarou que sim, tendo dormido outros dois mais. Deycola Santos é um que não se recorda, os quaes tambem tiveram parte activa no estrangulamento de Elza Fernandes.

NUMA SALA, INCOMMUNICAVEL

"Cabeção" foi collocado em uma sala da Secção de Segurança Social.

Essa medida da policia foi tomada em virtude da cega obediencia que o barbaro assassino devota a Honorio de Freitas Guimarães, pois um signal seu servirá para contradizer tão importante depoimento, feito de sua livre e expontanea vontade e perante os jornalistas.

NOVO DEPOIMENTO PARA XAVIER

Eduardo Xavier prestará novo depoimento, pois em suas declarações existem algumas contradicções, como seja o desmaio que affirmou ter tido quando Elza Fernandes era estrangulada.

Francisco Natividade Lyra, na Policia Central, quando conversava com o reporter que acabava de ouvir a sua confissão sobre o frio e cruel assassinio da communista Elza Fernandes

Compacta massa de curiosos aguardava a chegada do assassino de Elza Fernandes

O policiamento feito no Aeroporto Santos Dumont para o desembarque de Francisco Natividade Lyra — A calma do carrasco ao ser filmado - Brincava com uma maçã que sobrára do almoço — Directamente para a Policia Central onde friamente confessou todo o crime

O publico carioca aguardava com viva ansiedade o momento em que foi annunciada a prisão do carrasco da joven communista Elza Fernandes, em Belém do Pará, a sua chegada a esta capital, onde responderá pelos crimes commettidos a mando dos dirigentes do Partido Communista do Brasil.

Francisco Natividade Lyra — o "Cabeção" — tornou-se alvo da maior repulsa desde o instante em que foi dada á publicidade a morte em circumstanchas impressionantes de "Garota", a adolescente sacrificada em holocausto aos ideaes vermelhos.

Elza Fernandes, que fôra condemnada á morte epor Luiz Carlos Prestes, attraida por companheiros de credo foi, numa tarde, barbaramente sacrificada por "Cabeção", que se tornára carrasco official do Partido, praticando os maiores crimes.

Com a chegada de Francisco Natividade Lyr aao Rio de Janeiro, muitos outros casos até agora não esclarecidos até agora, o serão pelas autoridades da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, que não têm poupado esforços no sentido de apontar á sociedade e á justiça os verdugos vermelhos.

"Cabeção", que vem de confessar friamente todo o crime, foi passageiro de um avião, da linha da Panair, que chegou ao aeroporto Santos Dumont a' tarde de hontem.

ENORME MULTIDÃO AGUARDAVA O CARRASCO

Desde cedo enorme era a multidão de curiosos que aguardavam no aeroporto, anciosos, a chegada do carrasco do Partido Communista do Brasil.

Francisco Natividade Lyra, assim que deixaram o apparelho os 11 passageiros que nelle viajaram, assomou á portinhola, descendo.

A attenção geral para elle se convergia.

De todos os lados um sussurro ecoou dos labios de todos que ali se achavam. Alguns, não podendo se conter, exclamaram:

"Cabeção"! "Cabeção"!

Francisco Lyra, porém, não se perturbou. Desceu trazendo na mão uma maçã que lhe sobrara do almoço a bordo do "commodoro".

A primeira impressão era a de que "Cabeção", dada a "pose" de innocencia que fazia, seria incapaz de praticar tão nefando crime, qual o de truciadar estupidamente uma joven.

Horas após, porém, depois de ligeiro interrogatorio, Francisco Lyra, ao ser desmascarado pelos proprios cumplices, acabou confessando com os minimos detalhes a autoria do cruel assassinio de Elza Fernandes.

DEVIDAMENTE ESCOLTADO

"Cabeção" chegou de Belem do Pará escoltado pelo capitão Melchiades Costa e pelo investigador Orozimbo Martins.

Desde a Praça Marechal Ancora, ao largo do caes, muito para lá do Mercado Municipal, até o Aeroporto Santos Dumont, uma compacta massa popular se comprimia, procurando ver o carrasco.

Pessoas de diversas camadas sociaes disputavam um logar do qual pudessem melhor apreciar a physionomia de quem com tanto sangue frio exterminara uma adolescente, a mando de dirigentes de um partido politico.

Assim, cerca de 4.000 pessoas ali estavam desde muito cedo aguardando a amerissagem do possante apparelho da Panair.

O POLICIAMENTO A' CHEGADA

Um completo policiamento garantiu o perfeito desembarque do carrasco vermelho. Representando o capitão Felisberto Baptista Teixeira, delegado especial de Segurança Politica e Social actualmente respondendo pela chefia de Policia, recebeu a presa das mãos dos policiaes paraenses e o secretario da referida autoridade.

Diversas turmas de investigadores fizeram um perfeito trabalho de isolamento de local, não se registrando incidentes.

CHEGA FINALMENTE O AVIÃO

Exactamente ás 16.20 horas dava entrada no aeroporto o "baby-clipps" da Panair. Feita a amerissagem e as necessarias manobras o apparelho atracou ao fluctuador.

Primeiramente desembarcaram os passageiros. Em seguida o sr. Ciodomir Váras subiu á cabine do apparelho de onde minutos após descia em companhia de Francisco Natividade Lyra. Toda a multidão de curiosos movimentou quando deparou com a figura do carrasco, já fora do "baby-clipper".

"Cabeção", ainda na escadinha do avião tirou o chapéo de palhinha. Mal chegou em terra, foi mandado parar para que um cinematographista o filmasse, durante cerca de cinco minutos. Emquanto era filmado o carrasco vermelho não se mexeu e sua physionomia não se alterou.

Veiu depois, caminhando com passos seguros, em direcção ao edificio do aeroporto.

Mais adeante, parou e poseu para os photographos da imprensa. Trazia na mão, como já dissemos, uma maçã, com a qual brincava displicentemente. Até parecia que todo aquelle espectaculo não tinha por alvo sua pessoa.

COMO SE TRAJAVA O CARRASCO

Francisco Natividade Lyra, á chegada a esta capital, trajava um terno de casemira de côr verde garrafa, bastante usado. Sua camisa é de malha azul claro com pingos pretos e sua gravata de côr tambem preta. Calça botinas meio amarelladas e lustrosas com bastante uso. De tudo que trazia, sómente o chapéo de palha é novo.

"Cabeção" desembaraou com a barba por fazer, demonstrando que não tivera tempo, na capital paraense, para se preparar para tão longa viagem, a bordo de um avião de passageiros.

COM A PHYSIONOMIA CARREGADA

Bastante contrariado, pois trazia a physionomia carregada, "Cabeção" submettia-se aos desejos dos photographos que se encontravam no Aeroporto Santos Dumont. No resto lia-se a revolta intima que lhe causava aquella multidão de profissionaes da imprensa. Enorme era o esforço de Francisco Lyra para não demonstrar o que lhe ia no pensamento.

DIRECTAMENTE PARA A POLICIA CENTRAL

A massa popular que enchia as dependencias do aeroporto procurava a todo momento ver melhor o carrasco vermelho que pouco se demorou.

Mesmo a propria reportagem não lhe pôde arrancar palavra alli. E Francisco Natividade Lyra instantes depois caminhava para uma limousine azul da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. No veiculo tomou assento entre um investigador e o secretario do capitão Baptista Teixeira. Mal o carro poz-se em movimento confundindo-se á passagem pelas ruas cariocas com os demais vehiculos que áquella hora enchiam os logradouros publicos rumando directamente para a Policia Central na rua da Relação.

FALANDO AOS CONDUCTORES DO PRESO

Logo após o carrasco vermelho deixar as dependencias do aeroporto Santos Dumont, o reporter d'O JORNAL procurou ouvir o capitão Melchiades Costa e o investigador Orozimbo Martins, da policia paraense e que escoltaram devidamente "Cabeção" em sua viagem para esta capital.

Falando sobre a viagem o capitão Melchiades Costa declarou que a mesma transcorreu sem novidade. Apenas em Fortaleza não foram tomadas as precauções esperadas. Nos demais portos tudo transcorreu a contento.

Perguntado sobre o que tinha a dizer de Francisco Natividade Lyra, o chefe de investigações da Policia do Pará declarou:

— Esse homem é um elemento perigoso. E' um doutrinador. Tem labia e mostrou-se muito calmo durante a viagem, mas sei que é bastante turbulento e de genio irascivel. Disso as autoridades tiveram provas ainda na capital do Pará. Apesar de permanecer negando, tenho a certeza de que acabará por confessar todos os delictos commettidos.

Falando sobre a maçã que Cabeção trazia na mão, o capitão Melchiades Costa finalizou suas declarações dizendo que a mesma sobrara do seu almoço no avião.

GAZETA DE NOTICIAS

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

SERVIÇO DE RECORTES

Jornal

Localidade

Estado

Data 27 ABR 1940

33

Chegou hontem Lyra "Cabeção"

O ESTRANGULADOR DE ELZA FERNANDES CONFESSOU O SEU CRIME, MOMENTOS DEPOIS DE CHEGAR A' POLICIA CENTRAL

Vindo de avião, chegou, hontem, a esta Capital, Natividade Lyra, o "Cabeção", autor do barbaro trucidamento de Elza Fernandes.

"Cabeção" foi preso em Belém do Pará, onde se encontrava foragido.

Lyra "Cabeção", veiu preso, sob vigilancia, e aqui desembarcado, foi entregue ao Dr. Collaço Veras, secretario do Capitão Baptista Teixeira, Delegado Especial da Ordem Politica e Social, que, o fez remover para a Policia Central. Ali, pouco depois de haver chegado, "Cabeção" confessou todo o seu crime. Grande massa popular, movida pela curiosidade que a figura do "carrasco" despertou, occorreu ao Aeroporto Santos Dumont, afim de ver o trucidador, tendo sido preciso ás autoridades, estabelecerem cordão de isolamento.

COMO VIAJOU O CRIMINOSO

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", viajou de Belém do Pará, ao Rio de Janeiro, pelo hydro-avião da linha paraense da Panair do Brasil, que partiu daquella capital na quarta-feira pela manhã, pernoitando em Fortaleza, alcançando na quinta-feira Recife, onde tambem pernoitou, e desceu finalmente hontem, sexta-feira, ás 16,20 horas, no Aeroporto Santos Dumont.

A viagem foi feita nesse hydro-avião e não no "clipper" internacional, devido ao facto de estar o ultimo, que tambem partiu na quarta-feira de Belém, mas chegou ao Rio no dia immediato, completamente lotado, não sendo possivel assim accommodar o preso e os dois policiaes que o escoltaram num compartimento separado dos demais passageiros, de accordo com as praxes adoptadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "commodore" em que Natividade Lyra viajou de Belém a Fortaleza e ao Recife, como no "baby-clipper" em que completou a viagem do Recife aod Rio lde Janeiro, existem ao Rio de Janeiro, existem forma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940
34

"CABEÇÃO" CONFESSOU O MONSTRUOSO CRIME

O ESTRANGULAMENTO DE ELVIRA COPELO CALONI

Os termos do depoimento prestado por Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção"

Foi o seguinte o depoimento prestado hontem, logo que chegou a esta Capital, na Policia Cntral, por Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", o frio matador de Elvira Copelo Caloni:

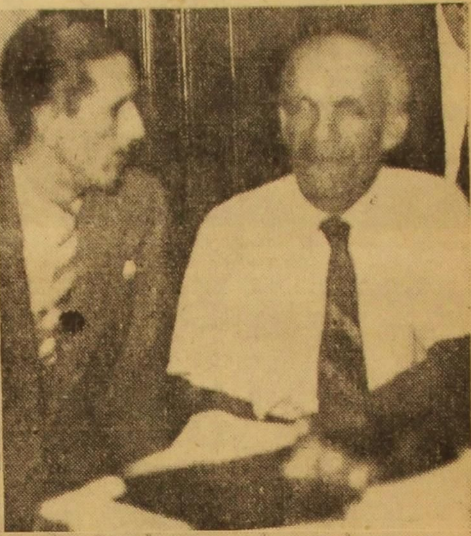
"Ao ser interrogado disse que: — Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinio por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinio de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, a corda com a qual foi estrangulada ELZA (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante; que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni): que, em janeiro de 1936 em dia que não se recorda precisamente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Avelino Dehycola dos Santos), sita á rua Bispo Maria Bastos, 48-A, proximo á Estrada de Camboatá; que ELZA (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de seis ou oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), BANGU (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que ELZA (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado á effeito o estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, a que servia para estender roupas; que ao cahir da tarde, no momento combinado, que era quando ELZA (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando, entretida com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) e TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde ELZA (Elvira Copelo Caloni) estava com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a córda que trazia na mão, pelo pescoço de ELZA (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no entanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cóva que prepararam, todos com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 (vinte e trez) ou zéro hora; que reconhece, nesto acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo TAMPINHA que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Galileu e Astianax Leonida Campos".

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal DIARIO DE NOTICIAS
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

«Matei sim, mas elles me ajudaram!»

Impressionante, a confissão do carrasco "Lyra Cabeção" — Não está arrependido, não sente remorsos e conta tudo com uma calma e frieza desconcertantes — A chegada, hontem, de avião, do verdugo vermelho. O seu typo de sertanejo e a multidão de curiosos que compareceu ao aeroporto Santos Dumont

A INTEGRA DO DEPOIMENTO DO MONSTRUOSO ASSASSINO



Ao alto — Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", falando ao reporter do DIARIO DE NOTICIAS; em baixo e ao lado — Dois flagrantes do carrasco vermelho, escoltado por policiaes, quando descia do avião da Panair que o trouxe de Belém do Pará

Chegou preso, hontem, a esta capital conforme estava annunciado, o communista Francisco Natividade Lyra, vulgo "Lyra Cabeção", accusado de ter assassinado a infortunada Elza Fernandes, sentenciada á morte por um "tribunal Vermelho", composto dos extremistas Honorio de Freitas Guimarães, Deycola dos Santos, Lauro Reginaldo da Rocha e Eduardo Xavier, o 'Abobora".

O episodio sangrento e brutal já é do conhecimento dos leitores do DIARIO DE NOTICIAS, através de detalhadas reportagens sobre as ultimas actividades dos adeptos do credo de Moscou em territorio nacional.

Elvira Cupello Calonio, nome verdadeiro de Elza Fernandes, julgada como trahidora pelos membros do Partido Communista Brasileiro, foi attrahida a uma casa situada em local ermo na Estrada do Gamboatá e ali enforcada barbara e friamente por "Lyra Cabeção", o carrasco vermelho, deante do tribunal de assassinos.

NEGATIVAS E DESPISTAMENTOS

O matador da infeliz "Garota" — appellido da pobre moça — conforme noticiámos, foi preso em Belem do Pará, em virtude de ter sido reconhecido pelas photographias referentes ao caso, publicadas em toda a imprensa carioca. Detido nas officinas da "Port of Pará", onde trabalhava como carpinteiro naval, Francisco Natividade Lyra foi recolhido á Policia Central daquella capital, onde ficou preso á disposição da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social.

Interrogado, nessa occasião, pelo capitão Melchiades da Costa, chefe do Gabinete de Investigações da Policia local, negou firmemente que fosse o matador de Elza, chegando ao ponto de declarar não professar idéas communistas.

— Nunca pertenci ao P. C. B.. Não conheço nem nunca ouvi falar em Elza Fernandes!...

VEIU DE AVIÃO

Dois dias depois da sua prisão; Lyra Cabeção; em virtude de uma solicitação do capitão Felisberto Baptista Teixeira, chefe de Policia interino, foi embarcado para esta capital em um avião da "Panair", sendo escoltado pelo capitão Melchiades da Costa e pelo investigador paraense Orozimbo.

Hontem, precisamente ás 16,20 horas, o hydro-avião P. P.-Pan, daquella empresa de navegação aerea, após a sua viagem normal de quarenta e oito horas, chegou a esta capital conduzindo o perigoso extremista, tendo atracado, em seguida, na Estação de Hydros do Aeroporto Santos Dumont.

SEMPRE NEGANDO

Cerca de duas dezenas de investigadores, chefiados pelo secretario da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, aguardavam o preso, emquanto uma verdadeira multidão de curiosos estacionava em frente ao ancoradouro, anciosa por ver de perto o carrasco vermelho.

O desembarque de "Cabeção" fez-se na mais perfeita ordem. Depois de terem deixado o avião todos os passageiros, o dr. Clodomir Véras, acompanhado de dois detectives, penetou no interior do apparelho, e, após recebel-o das mãos dos policias paraenses que o escoltaram durante toda a viagem, fel-o descer á sua frente, conduzindo-o, em seguida, a um automovel, em meio da grande curiosidade popular.

TYPO CLASSICO DE SERTANEJO

Durante o trajecto do fluctuante da "Panair" ao automovel que o conduziu á Policia Central, Francisco Natividade Lyra teve que parar varias vezes, afim de pousar para os photographos e cinematographistas.

Vestia uma calça bastante usada e curta, um paletot de casemira surrado e trazia um chapéo de palha, ainda novo. Em uma das mãos tinha uma maçã.

O seu typo lembra um verdadeiro sertanejo. De compleição robusta, estatura mediana e cabeça fóra do commum, Natividade Lyra, apesar dos seus 57 annos de idade, demonstra ser dotado de grande vigor physico.

Submetteu-se a tudo que lhe foi exigido, não revelando contrariedade, senão surpresa, pela grande curiosidade de que estava seu alvo.

NA POLICIA CENTRAL

Ao chegar á Chefatura de Policia, "Cabeção" foi, incontinenti, levado á presença do capitão Baptista Teixeira, em cujo gabinete passou, desde logo, a ser interrogado.

Persistia em declarar:

— Nada sei; não sou communista e nem conheço Elza Fernandes!...

A CONFISSÃO

Pouco depois, porém, o carrasco vermelho resolveu fazer a confissão impressionante. Inteirando-se do que a seu respeito haviam declarado Honorio, "Bangú" e "Abobora", não pôde mais esconder a culpa do crime monstruoso.

— Matei, sim, mas elles me ajudaram!...

E então, Francisco Natividade Lyra passa a detalhar o trucidamento da infortunada "garota", confessando tudo com uma calma e frieza desconcertantes.

HONORIO FEZ A COVA

— Antes de mais nada, devo salientar — iniciou "Cabeção" — que ao contrario do que declarou a policia, Xavier, o "Abobora", foi quem conduziu Elza, de Campo Grande para a casa de Deycola, na Estrada do Camboatá. A sua sentença de morte, então, já estava lavrada. Com a chegada da "garota", reunimo-nos no Becco Maria Bastos, somente para discutir os ultimos detalhes da execução.

Uma vez estabelecido que a eliminação de Elza se desse por estrangulamento, apanhei uma corda que servia de varal de estender roupa no quintal e com ella enforquei-a, aproveitando o momento em que ella servia café aos presentes. Isto feito, o seu corpo foi mettido violentamente num sacco de aniagem, a seguir, enterrado numa cova feita por mim, Honorio e Deycola, em baixo de uma mangueira.

ACAREADOS

Obtida a confissão de Natividade Lyra, as autoridades da D. E. S. P. S. resolveram acareal-o com Honorio e Xavier afim de esclarecer os pontos obscuros verificados nos depoimentos anteriores.

Honorio havia negado que tivesse auxiliado "Cabeção" em sua tarefa sinistra e Xavier asseverava que Elza fôra sequestrada em Campo Grande, pelo proprio Carrasco.

Com a acareação ficou provado que Honorio e Xavier mentiram, sendo verdadeiras as affirmativas de Francisco Natividade.

"MATARIA OUTRA, SE FOSSE PRECISO"!

Falando á reportagem do DIARIO DE NOTICIAS, hontem, á noite, depois de ter confessado calma e friamente o estrangulamento de Elza Fernandes, Francisco Natividade Lyra declarou que era communista desde 1926, quando foi preso pela primeira vez.

Disse que não está arrependido por se ter tornado assassino, achando que as suas convicções valem tanto para elle quanto a sua propria vida.

— Se fosse preciso, mataria outra Elza Fernandes!...

Referindo-se á viagem de avião, que realizou pela primeira vez, o carrasco vermelho assim se manifestou:

— Não é isso o que desejo. Avião não é meio de transporte para proletario. A minha maior aspiração seria morar na Russia.

Interrogado sobre o que pensava a respeito de Honorio, "Bangú" e Abobora, "Cabeção" frizou colerico:

— São uns covardes. Se fosse eu o primeiro a ser preso, não confessaria nem que me ameaçassem de fuzilamento. Elles renegaram a ideologia que abraçaram. não é Pois eu não renego coisa alguma!

VIAJOU SEPARADO DOS PASSAGEIROS

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", viajou de Belém do Pará ao Rio de Janeiro pelo hydro-avião da linha paraense da Panair do Brasil, que partiu daquella capital na quarta-feira pela manhã, pernoitando em Fortaleza, alcançando na quinta-feira Recife, onde tambem pernoitou, e desceu finalmente hontem, sexta-feita, ás 16.20 horas, no Aeroporto Santos Dumont.

A viagem foi feita nesse hydro-avião e não no "clipper" internacional, devido ao facto de estar o ultimo, que tambem partiu na quarta-feira de Belém mas chegou ao Rio no dia immediato, completamente lotado, não sendo possivel assim accommodar o preso e os dois policiaes que o escoltaram num compartimento separado dos demais passageiros, de accordo com as praxes adoptadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "commodore" em que Natividade Lyra viajou de Belém a Fortaleza e ao Recife, como no "baby-clipper" em que completou a viagem do Recife ao Rio de Janeiro, existem compartimentos separados de fórma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

O DEPOIMENTO DE "LYRA CABEÇAO"

Foi o seguinte, na integra, o depoimento de Francisco Natividade Lyra prestado, hontem, na Policia Central: "Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Coloni), negando, no emtanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, a corda com a qual foi estrangulada ELZA (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, em janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos), sita á rua Becco Maria Bastos, 48-A, proximo á estrada de Camboatá; que ELZA (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de seis ou oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), BANGU' (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que ELZA (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado á effeito o estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, a que servia para estender roupas; que ao cahir da tarde, no momento combinado, que era quando ELZA (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando, entretida, com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) e TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde ELZA (Elvira Copelo Caloni) estava com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de ELZA (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram; que tem certeza, no emtanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala visinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez meter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fraturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cóva que prepararam, todos com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 (vinte e tres) ou zero hora; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelio Deycola dos Santos, vulgo TAMPINHA que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social".

GAZETA DE NOTICIAS

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DIVISÃO DE IMPRENSA

SERVIÇO DE RECORTES

Jornal .....

Localidade .....

Estado .....

Data 27 ABR 1940

36

TOPICOS

36

O communismo é uma ideologia criminosa

O *Brasil, graças á orientação politica do Presidente Getulio Vargas, foi o pioneiro, na America, desse movimento de legitima defesa da Patria, extinguindo, no territorio nacional, as actividades communistas.*

Fundado num internacionalismo sem objectivos moraes, verdadeira confederação de trahidores, o communismo desfraldava um estandarte unico, desapparecidas fronteiras para melhor articulação dos elementos da sua ignominiosa doutrina de assaltos.

Sobre mentiras e falhas democraticas, e entre homens e situações ingenuas e dubias, em ambientes desertos de convicções e de espirito publico — eis que se fez partido politico no Brasil, um ajuntamento illicito de individuos cujas credenciaes nunca foram conhecidas, e quando o foram, revelaram-se nas façanhas dos Cabeções e dos seus execrandos "camaradas".

Agora que a França, a Inglaterra e outras grandes democracias vão enxergando melhor, o olho de Moscou, fitemos a figura do Presidente do Brasil como, de facto, um predestinado para o combate decisivo aos inimigos da Patria.

Muita gente vê o mysticismo como a força creadora do prestigio do Presidente Getulio Vargas.

Não ha nada de mysterioso nisto.

O que ha é simplesmente isto: os brasileiros sabem da sua obra, salvando o Brasil da Desordem e do Crime.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

Jornal DIARIO CARIOCA
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

37

'Fui eu Mesmo Quem Estrangulou a Garota!'

O Carrasco Confessou o Seu Hediondo Crime

SENSACIONAL ENTREVISTA DE 'CABEÇÃO' AO DIARIO CARIOCA

(Reportagem na 8.ª Pagina)

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", ao desembarcar, hontem, do avião que o trouxe a esta capital

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

'CABEÇÃO' DESCREVEU MINUCIOSAMENTE O MONSTRUOSO CRIME

'Matei-a Com a Serenidade Com que Se Mata Uma Cobra Venenosa' -- Declara Friamente o Estrangulador

COMO O CARRASCO DO PARTIDO COMMUNISTA RELATOU AO "DIARIO CARIOCA" A DANTESCA SCENA DA EXECUÇÃO DE ELZA, A "GAROTA"

A chegada hontem, a esta capital de Francisco Natividade Lyra, conhecido nas hostes vermelhas pelo vulgo de "Cabeção", constituiu um verdadeiro acontecimento, na vida tumultuosa da cidade.

Desde muito antes da chegada do "Baby-Clipper", da Panair, em cujo bordo viajava o carrasco official do Partido Communista, consideravel massa de curiosos se apinhava no aeroporto Santos Dumont, ansiosa de conhecer a figura sinistra do estrangulador da joven Elza Fernandes.

Para conter a multidão que a todo momento ameaçava invadir o recinto destinado á saida de passageiros, tornou-se necessario estabelecer-se um cordão de isolamento, o que foi feito por uma turma de trinta investigadores, da Ordem Politica e Social, sob a chefia do sr. Clodomir Collaço Véras, secretario da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social.

Amerissa o Avião

Precisamente ás 16 horas e 20 minutos, amerissava o "Baby-Clipper". Os ultimos passageiros a deixar o apparelho foram Francisco Natividade Lyra e os dois policiaes paráenses que o escoltaVam.

Todos quantos accorreram ao aeroporto ficaram pasmos com a calma, a frieza e petulancia do facinora.

O carrasco do Partido Communista do Brasil desembarcou sózinho, olhando com desdem os curiosos. Natividade Lyra fazia mesmo alarde de seu menosprezo pela curiosidade de que era alvo.

Quem o olhasse firmemente, teria, sem demorado exame, a certeza — que logo depois se concretizou — de que ali estava, realmente, o desalmado e brutal assassino da infeliz Elza Fernandes. Tudo assim o denunciava: o olhar penetrante, a face bronzea e soturna, o craneo quasi disforme, o physico forte e sem linha.

Minutos depois, na Policia Central, Natividade Lyra confirmava tudo quanto de horrorozo delle se pudesse pensar.

Rumo ao Palacio da Relação

Natividade Lyra, após posar para os photographos, o que fez de bom humor, foi mettido num auto e conduzido para a Policia Central, entrando ali entre alas de policiaes. Immediatamente foi elle levado á presença do capitão Felisberto Baptista Teixeira, Delegado Especial da Segurança Politica e Social, que o interrogou sobre a sua participação na morte de Elsa Fernandes.

CONFESSOU !

Ao contrario do que se esperava, o hediondo matador da infeliz amante do secretario geral do P. C. B. não negou a sua responsabilidade no drama do casebre da estrada de Camboatá. Tudo confessou, descendo aos minimos detalhes da tragedia. Começou dizendo:

— Fui eu mesmo quem estrangulou a garota !

Essa confissão foi feita com a maior calma desse mundo, sem denotar nenhum indicio de remorso.

Traidora do Partido

Foi com cynismo revoltante que "Cabeção" descreveu a scena pavorosa do trucidamento de Elza Fernandes.

Segundo a versão por elle apresentada, a joven communista, inquerida pelo Tribunal Vermelho, confessára que, de facto, havia denunciado á policia certos elementos de destaque no Partido. Elza fôra fraca e, por isso, precisava desapparecer.

Sua vida representava uma ameaça permanente á liberdade dos companheiros e á segurança do Partido.

Estrangulada !

Condemnada a morte, restava apenas estabelecer-se o processo que deveria ser empregado na sua execução. Depois de apresentadas varias suggestões, decidiram pelo estrangulamento. Coube-lhe, a elle, a missão de executar o crime. Faltava, porém, uma corda. Lembrou-se de que, no quintal havia uma que servia de varal para estender roupa. Cortou-a e guardou-a comsigo.

Emquanto se preparava a execução, Elza era entretida, na cozinha, por Xavier.

Tudo prompto, a condemnada foi chamada por Honorio e, á sua entrada na sala, "Cabeção", num salto felino, laçou-a pelo pescoço. O resto da execução teve o auxilio dos demais presentes, isto é, de Honorio, Xavier e Deycola.

Posta no Saco

Terminada a tarefa sinistra cuidaram os hediondos "juizes" de dar destino aos despojos da victima. Resolveram, então, collocal-a dentro de um saco de aninhagem. Para isso, entretanto, era necessario adaptar o cadaver ao envolucro, tendo participado dessa monstruosa tarefa todos os presentes, menos Xavier, quebrando-lhes as pernas.

O Enterramento

A seguir os assassinos dirigiram-se para os fundos do quintal e ali abriram cóva, na qual depositaram o corpo da infeliz mocinha.

Feito isso, regressaram á casa e não mais commentaram o facto.

"Cabeção" Fala aos Jornalistas

Depois de prestar declarações em cartorio, Francisco Natividade Lyra mantem animada palestra com os presentes e responde ás perguntas do DIARIO CARIOCA.

Perguntado se não sentia remorso em ter estrangulado uma mocinha de 17 annos, Lyra "Cabeção" esboça um sorriso satanico e respondeu:

— Remorso? Eu não conheço essa coisa. Estrangulei a menina sem sentir a menor emoção. Matei-a com a mesma serenidade de com que mataria uma cobra venenosa. Os communistas são assim. Não sentem a consciencia pesada quando eliminam um traidor do Partido. E, após uma pausa, num arremesso de fanatico, como quem repete um discurso decorado:

— A menina foi a causadora da prisão de innumeros companheiros e, como tal, precisava morrer. A liberdade de milhares de camaradas não podia ficar condicionada á leviandade e á fraqueza de um elemento falso. Ademais, eu tenho pelo meu Partido verdadeira veneração. Obedeço-o cegamente e o collocaria acima da minha propria vida.

— Quer dizer que você era capaz de praticar outros assassinios como este? — perguntámos.

E Natividade Lyra, com o sorriso perverso a bailar-lhe nos labios:

— Mataria, sim. E mataria tantos quantos fossem os traidores.

— Por que mutilaram, entretanto, a pobre menina?

— Essa historia de mutilação é falsa. O que houve foi o seguinte: na hora de metter o cadaver no saco, supponho que, em coisequencia da violencia que usamos, tivessem sido fracturados alguns ossos.

— Em que época você entrou para o Partido, "Cabeção"?

— Sou communista ha muitos annos. Entrei, porém, para o Partido, em 1926. Desde então, apesar de não ser membro de destaque na organização vermelha, sempre participei das reuniões mais importantes do Partido.

— Por que razão, você ao ser preso no Pará, proclamou-se innocente na morte de Elza Fernandes?

— Conveniencias. A minha confissão não interessava á policia paráense.

— Mas você, no bilhete que escreveu á sua irmã, disse que tinha fé em Deus que voltaria, breve, á sua terra, livre das accusações que lhe moviam seus inimigos occultos. E' de estranhar essa referencia a Deus num communista... Será que você acredita em Deus "Cabeção"?

— Escrevi aquillo por bobagem — respondeu sorrindo, o estrangulador. Mesmo porque seria immensamente ridiculo para mim esperar alguma coisa de Deus.

— No automovel que o conduziu á Policia, você tambem negou tivesse sido o autor do estrangulamento da "Garota"?

— A minha negativa justifica-se. Logo que tomei o carro notei que o mesmo não era da Policia. E por isso nada quiz dizer.

— Qual a sua impressão da sua viagem aérea?

O reporter do DIARIO CARIOCA ouve a narração do horrendo crime feita friamente por "Cabeção"

— Bôa. Apenas vi-me na contingencia de me transformar em dois dias em burguez.

— Em burguez?

— Em burguez, sim. As viagens de avião não são compativeis com o proletario. São meios de conducção apropriados aos burguezes.

— "Cabeção", voltemos, agora, ao caso da Elza, interrompemos nós.

Acariado Com Honorio e Xavier

Nessa altura deram entrada na sala, onde se encontrava Natividade em palestra com o reporter, Honorio de Freitas Guimarães, que presidira, como é sabido, a reunião do Tribunal Vermelho e Eduardo Ribeiro Xavier, cumplice e testemunha do horrendo crime. Vinham acompanhados de dois investigadores, que o apresentaram ao delegado Baptista Teixeira. Esta autoridade dirigiu-se, então, a Honorio, extranhando que este, em suas declarações, houvesse dito não ter assistido ao acto da execução, nem tomado parte no enterramento dos despojos da victima.

O ex-secretario geral do Partido Communista empallideceu e hesitou em responder promptamente á pergunta. "Cabeção", entretanto, fixou-o duramente por alguns segundos a espera de uma contestação. Por fim, com um sorriso sarcastico exclamou:

— Então, camarada, você não ajudou a estrangular, a ensaccar e a enterrar a "Garota"?

A custo, o chefe vermelho pronunciou apenas duas palavras:

— Ajudei, sim.

E foi só.

Xavier Quasi Desmaia

Posto frente a frente com "Cabeção", Eduardo Xavier empallideceu subitamente, leva a mão ao peito e parece prestes a desmaiar.

O capitão Baptista pergunta-lhe:

— E' verdade, tudo isso, Xavier?

— E' facto, balbucia o "Abobora". Mas eu só o soube depois. Não presenciei toda a execução porque soffri uma syncope no momento em que a "Garota" ia ser morta.

Natividade Lyra, o carrasco cuja frieza continua a impressionar os presentes, confirma promptamente a declaração de Xavier.

O delegado deu-se por satisfeito com o resultado da acareação, ordenando aos investigadores que recolhessem os dois membros do Tribunal Vermelho.

Nunca Confessaria

Só, com o reporter e o delegado Baptista Teixeira, declarou Lyra "Cabeção":

— Estou confessando tudo porque os orientadores do Partido, que foram presos antes de mim, já falaram. Eu jámais confessaria se não fosse assim. acontecesse o que acontecesse.

A Calma do Criminoso

O que mais impressionou a todos os que ouviram a confissão do assassino de Elza Fernandes, foi a revoltante frieza com que elle se referia aos detalhes mais horripilantes da execução privada.

A certa altura de sua minuciosa descripção, chegou a collocar as mãos sobre o pescoço do reporter do DIARIO CARIOCA, afim de explicar como caiu sobre a sua victima indefesa. E, narrando o modo porque conseguiu, com ajuda dos comparsas collocar dentro do sacco de aninhagem o corpo de Elza, usou dessa expressão: "a menina foi então pegada pelos bracinhos, arrastada para o quarto e mettida no sacco".

Lia, Assiduamente, o Noticiario

Francisco Natividade Lyra declarou ainda ao reporter, que acompanhára tranquillamente o noticiario dos jornaes sobre o seu crime. Não lhe impressionaram os relatos que se faziam do caso e as consequencias das prisões de communistas effectuadas.

Affirmou que, antes da imprensa tratar do assumpto, nunca tivera occasião de pensar longamente no delicto horrivel que praticára.

Na sua alma devassada pelo materialismo não havia logar para o arrependimento.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

JORNAL DO COMMERCIO
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

39

Como se realizou a viagem de "Cabeção"

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", viajou de Belém ao Rio de Janeiro pelo hydro-avião da linha paraense da Panair do Brasil, que partiu daquella capital na quarta-feira, pela manhã, pernoitando em Fortaleza, alcançando na quinta-feira Recife, onde tambem pernoitou, e desceu finalmente hontem, sexta-feira, ás 16.20 horas, no Aeroporto Santos Dumont.

A viagem foi feita nesse hydro-avião e não no "clipper" internacional, devido ao facto de estar o ultimo, que tambem partiu na quarta-feira de Belém mas chegou ao Rio no dia immediato, completamente lotado, não sendo possivel assim accommodar o preso e os dois policiaes que o escoltaram num compartimento separado dos demais passageiros, de accordo com as praxes adoptadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "commodore" em que Natividade Lyra viajou de Belém a Fortaleza e ao Recife, como no "baby-clipper" em que completou a viagem do Recife ao Rio de Janeiro, existem compartimentos separados de forma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

39

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
JORNAL DO COMMERCIO
Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

ACTIVIDADES COMMUNISTAS

A CHEGADA DE "CABEÇÃO" A ESTA CAPITAL — A CONFISSÃO DO ASSASSINO DE ELZA FERNANDES

Em avião da Panair, procedente de Belem, chegou hontem, ás 16.30, a esta Capital, Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", apontado pelos seus companheiros communistas como sendo o carrasco de Elza Fernandes.

O desembarque de Francisco Natividade Lyra ao Aeroporto Santos Dumont attrahiu ao local grande quantidade de curiosos.

Devido, porém, ás determinações baixadas pelo Sr. Capitão Baptista Teixeira, Delegado Especial de Ordem Politica e Social, estabeleceu-se no local um cordão de isolamento.

O serviço, de rigorosa vigilancia no Aeroporto, esteve a cargo do detetive Affonso Cunha. Uma turma de 20 investigadores da Delegacia Especial de Ordem Politica e Social, sob a direcção do Dr. Clodomir Collaço Véras, Secretario daquella Delegacia, achava-se no local.

"Cabeção" desembarcou em rigorosa incommunicabilidade, sendo a seguir transportado para a séde da Policia Central.

Em frente ao edificio da Policia Central estacionavam muitos curiosos, desejosos de vêr de perto o assassino de Elza Fernandes. A multidão augmentava de momento a momento, de maneira que a vigilancia no local foi muito severa.

Todas as scenas do desembarque, desde a chegada do avião da Panair ao Aeroporto, até o desembarque de "Cabeção", foram filmadas por dois operadores cinematographicos do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Francisco Natividade Lyra fez toda a viagem apparentando a maior tranquillidade e mantendo-se silencioso, mal respondendo ás perguntas que lhe eram feitas por varios representantes da imprensa.

As diligencias levadas a effeito pela Delegacia Especial de Segurança Politica e Social foram coroadas de todo o exito.

Os tres chefes communistas, Honorio de Freitas Guimarães, Lauro Reginaldo da Rocha e Eduardo Ribeiro Xavier, presos, confessaram minuciosamente as suas actividades communistas de maneira que a Policia concentrou os seus cuidados em effectuar a prisão de Francisco Natividade Lyra, o que se deu em Belem. Foram, como dissemos, diligencias habilmente traçadas, orientadas e concatenadas e que tiveram brilhante desfecho.

O depoimento de Cabeção

Logo após a sua chegada á Policia Central, Francisco Natividade Lyra, "Cabeção", prestou, perante as autoridades policiaes e jornalistas, o seguinte depoimento:

"Ao ser interrogado disse que: — Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), negando, no emtanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, a corda com a qual foi estrangulada Elza (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante, que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de Elza ((Elvira Copelo Caloni); que, em Janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, Elza (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Dehycola dos Santos), sita á rua Becco Maria Bastos, 48-A, proximo á Estrada de Camboatá; que Elza (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de seis ou oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por Tampinha (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os "in" dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, Elza (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), Bangú (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que Elza (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de Tampinha (Adelino Deysola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante cortou, para esse fim, e que servia para estender roupas; que ao cahir da tarde, no momento combinado que era quando Elza (Elvira Sopelo Caloni) estivesse conversando, entretida, com Martins (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), e Tampinha (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde Elza (Elvira Copelo Caloni) estava com Martins (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de Elza (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no emtanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de Elza (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez meter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram tivessem sido fracturado ossos; que, a seguir o declarante, auxiliado por todos, com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cóva que prepararam, todos com excepção de Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que, após isso regressou á casa, permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que Martins (Honorio de Freitas Guimarães), Xavier (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de Elza (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 (vinte e tres) ou zero hora; que reconhece, neste acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo Tampinha que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Galileu e Astianax Leonida Campos".

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal GAZETA DE NOTICIAS
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

"CABEÇÃO" CONFESSOU O MONSTRUOSO CRIME

O ESTRANGULAMENTO DE ELVIRA COPELO CALONI

Os termos do depoimento prestado por Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção"

Foi o seguinte o depoimento prestado hontem, logo que chegou a esta Capital, na Policia Cntral, por Francisco Natividade Lyra, vulgo "Cabeção", o frio matador de Elvira Copelo Caloni:

"Ao ser interrogado disse que: — Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni), negando, no entanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commetter o assassinio por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinio de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, a corda com a qual foi estrangulada ELZA (Elvira Copelo Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada do arvore em que estava amarrada pelo declarante; que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni): que, em janeiro de 1936 em dia que não se recorda precisamente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi conduzida por XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Avelino Dehycola dos Santos), sita á rua Bruno Maria Bastos, 48-A, proximo á Estrada de Camboatá; que ELZA (Elvira Copelo Caloni) durante cerca de seis ou oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos) sobre a desconfiança que os dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, ELZA (Elvira Copelo Caloni) era culpada, ficou decidido, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), BANGU (Lauro Reginaldo da Rocha), e o declarante que ELZA (Elvira Copelo Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado á effeito o estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que debateram todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda; que o declarante comprou, para esse fim, a que servia para estender roupas; que ao cahir da tarde, no momento combinado, que era quando ELZA (Elvira Copelo Caloni) estivesse conversando, entretida com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) e TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde ELZA (Elvira Copelo Caloni) estava com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a córda que trazia na mão, pelo pescoço de ELZA (Elvira Copelo Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no entanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni); que, depois, o corpo de ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez metter á força num sacco de aniagem, suppondo que em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cóva que prepararam, todos com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo no mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de ELZA (Elvira Copelo Caloni), á noite, por volta de 23 (vinte e trez) ou zéro hora; que reconhece, nesto acto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo TAMPINHA que lhe é exhibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Funchal Galileu e Astianax Leonida Campos".

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES
Jornal O IMPARCIAL
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940
42

"PARECE QUE EU SOU UM SANTO"

FRANCISCO LYRA DESLUMBROU-SE ANTE A MULTIDÃO DE CURIOSOS — DE UMA FRIEZA GLACIAL E REVOLTANTE — RAPIDA, COMO A MATANÇA DA JOVEN COMMUNISTA, A CONFISSÃO EXPONTANEA DO CARRASCO VERMELHO

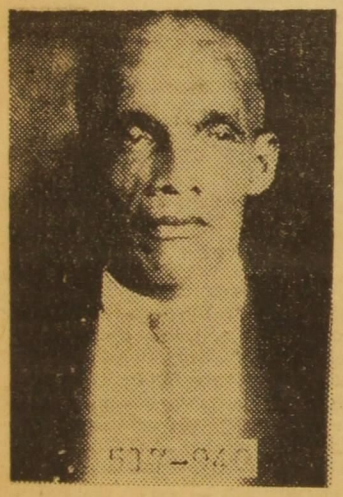
Estão de parabens o Chefe de Policia, major Filinto Muller, o Delegado Especial, capitão Felisberto Baptista Teixeira e todos os seus auxiliares, notadamente os chefes de secção, com o resultado das diligencias que redundaram com a prisão dos mais notaveis elementos do Partido Communista Brasileiro, e com a descoberta dos segredos e aventuras sanguinarias dos adeptos do criminoso credo.

Faltava, para melhor coroar a obra da Policia, a captura de Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", que exercia as funcções de carrasco official do Partido, e onde se salientou pela sua fereza de verdugo.

E' digna tambem de registro a acção decisiva da Policia paraense, attendendo á solicitação de seus collegas do Districto Federal e conseguindo em pouco tempo descobrir e prender, em Val de Cães, o frio matador de Elza Fernandes (Elvira Cupello Calonio) tendo elle se mantido numa obstinada proclamação de innocencia, mesmo até á hora do embarque.

A VIAGEM

Francisco Nactividade Lyra, o "Cabeção", viajou de Belém do Pará ao Rio de Janeiro pelo hydro-avião da linha paraense



Francisco Natividade Lyra

da Panair do Brasil, que partiu daquella capital na quarta-feira pela manhã, pernoitando em Fortaleza, alcançando na quinta-feira Recife, onde tambem pernoitou. e desceu finalmente hontem, sexta-feira, ás 16,20 horas, no Aeroporto Santos Dumont.

A viagem foi feita nesse hydro-avião e não no "clipper" internacional, devido ao facto de estar o ultimo, que tambem partiu na quarta-feira de Belem mas chegou ao Rio no dia immediato, completamente lotado. não sendo possivel assim accommodar o preso e os dois policiaes que o escoltaram num comparrimento separado dos demais passageiros, de accordo com as praxes adoptadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "commodore" em que Nactividade Lyra viajou de Belem a Fortaleza e ao Recife, como no "baby-clipper" em que completou a viagem do Recife ao Rio de Janeiro, existem comportimentos separados de forma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

ASPECTO DO DESEMBARQUE

Tendo os jornaes noticiado a hora da chegada de Francisco Lyra, muito antes compareceu ao Aeroporto Santos Dumont, e localidades adjacentes, uma compacta multidão de curiosos, para assistir ao desembarque do perigoso individuo. Guardas e soldados e investigadores estavam a postos. para isolar os circumstantes e evitar uma possivel manifestação de lynchamento.

"Cabeção" desceu do apparelho como se nada lhe houvesse acontecido. Deslumbrou-se, porém, ante a mole humana que encheu os seus olhos parados e endurecidos. De uma frieza irritante, ainda sorriu diante do povo, e tomou assento no carro, ao lado dos policiaes, rumando. com uma escolta de investigadores da Delegacia Especial de Segurança. para a Chefactura de Policia.

"PARECE QUE SOU UM SANTO"

Quando Francisco Lyra chegou ao Palacio da rua da Relação, encontrou o mesmo ambiente de curiosidade publica. Longe de se emocionar, o carrasco vermelho exhibiu uma attitude de indifferença. fez desenvolver o busto. ergueu a cabeça. olhou em derredor e, quando já no recimpto da Chefactura. disse aos policiaes:

— "Parece que eu sou um santo".

CONFISSÃO RAPIDA

Conduzido á Delegacia Especial, Francisco Lyra foi submettido a diplomatico interrogatorio, confessando-se logo criminoso.

TYPO VULGAR

Não ha nada de interessante em Francisco Lyra, para um estudo psychologico. E' um homem apenas servil, ignorante, de uma boçalidade estupefaciente. Um criminoso vulgar, insensivel, desses que matam apenas para cumprir ordem. Obsecado pela idéa communista, servia de instrumento para as mais infames torpezas dos chefes supremos, aos ques se curvava submisso e de bom gosto. "Cabeção" decepcionou a quantos o aguardavam, julgando ser elle um outro typo, a quem se teria de lidar com bastante perspicacia e argucia superior.

Respondia ás perguntos, uma

A "Garota" assassinada

vezes calmo, outras vezes fazendo gestos e simulando neurasthenia, mas nunca com o fito de esconder o seu instincto perverso.

Tão tacanho de mentalidade quanto de espirito impressionavel á subserviencia.

Dahi attender sempre e se desempenhar de qualquer compromisso, comtanto viesse a determinação dos membros do Partido de que era um dos sequazes.

O DEPOIMENTO

Em presença dos jornalistas, o matador de Elza Fernandes, a "Garota", disse que:

— Após ouvir a leitura dos depoimentos prestados nesta Delegacia Especial de Segurança Politica e Social, por MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) confirma tudo que, nos referidos depoimentos, é dito sobre sua actuação na preparação e na execução do acto de estrangulamento de ELZA (Elvira Copello Caloni), negando, no emtanto, que tivesse sido exclusivamente sua a idéa de se commeter o assassinato por meio de um estrangulamento por corda, esclarecendo que essa decisão foi tomada por todos, em uma das reuniões que tiveram antes do assassinato de ELZA (Elvira Copello Caloni); que, a corda com a qual foi estrangulada ELZA (Elvira Copello Caloni) servia para estender roupa, tendo sido cortada da arvore em que estava amarrada pelo declarante; que, a seguir passa a relatar, em detalhes, como se deu a preparação e a execução do estrangulamento de ELZA (Elvira Copello Caloni); que, em Janeiro de 1936, em dia que não se recorda precisamente, ELZA (Elvira Copello Caloni) foi conduzida por XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) á casa na qual o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Dehycola dos Santos), sita á Rua Becco Maria Bastos, 48-A, proximo á Estrada de Camboatá; que ELZA (Elvira Copello Caloni) durante cerca de seis ou oito dias foi, por diversas vezes, interrogada por TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos) sobre a desconfiança que os "in" dirigentes do Partido Communista tinham de que tivesse sido ella a autora de denuncias feitas á Policia e que redundaram na prisão de alguns membros da organização; que uma vez terminado o interrogatorio e tendo os membros do Secretariado Nacional do Partido Communista chegado á conclusão de que, realmente, ELZA (Elvira Copello Caloni) era culpada, ficou decidido, por dia MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), BANGU' (Lauro Reginaldo da Rocha) e o declarante que ELZA (Elvira Copello Caloni) seria assassinada para o bem do Partido; que certo dia ARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) chegaram á casa onde o declarante residia em companhia de TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), tendo ficado resolvido que nesse dia seria levado a effeito o estrangulamento de ELZA (Elvira Copello Caloni); que debateram todos juntos, o meio pelo qual o estrangulamento seria realizado, ficando decidido que seria usada uma corda, para esse fim, que servia para estender roupas; que ao cair da tarde, no momento combindo, que era quando ELZA (Elvira Copello Caloni) estivesse conversando, entretida, com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), o declarante, seguido de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) e TAMPINHA (Adelino Deycola dos Santos), entrou na sala dos fundos da casa, onde ELZA (Elvira Copello Caloni) estava com MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães) e, passando a corda que trazia na mão, pelo pescoço de ELZA (Elvira Copello Caloni), derrubou-a no chão e estrangulou-a por suffocação completa, sendo auxiliado nisso por todos os presentes, não se recordando bem qual o que segurava a victima ou quaes os que a seguravam, nem qual o que o auxiliou a apertar a corda ou quaes os que o auxiliaram nisso; que tem certeza, no emtanto de que todos os presentes que são os já referidos, tiveram participação no acto de estrangulamento de ELZA (Elvira Copello Caloni); que depois o corpo de ELZA (Elvira Copelo Caloni) foi carregado para uma sala vizinha onde o declarante, auxiliado tambem por todos os presentes, o fez meter á força num sacco de aniagem, suppondo que, em consequencia da violencia que usaram, tivessem sido fracturados ossos; que, a seguir, o declarante, auxiliado por todos, com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), procedeu o enterramento do corpo, em uma cova que prepararam, todos com excepção de XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier), no fundo do quintal da casa, proximo a uma arvore; que após isso regressou á casa permanecendo na mesma por alguns dias, depois se mudando; que sabe que MARTINS (Honorio de Freitas Guimarães), XAVIER (Eduardo Ribeiro Xavier) deixaram a casa referida no mesmo dia do estrangulamento de ELZA (Elvira Copello Caloni), á noite por volta de 23 (vinte e tres) ou zero hora; que reconhece, nesse ácto, a photographia de Adelino Deycola dos Santos, vulgo TAMPINHA que lhe é exibida, constante do Archivo Geral da Delegacia Especial de Segurança Politica e Social. Assignaram como testemunhas os jornalistas: João Sunchal Galileu e Astianax Leonida Campos.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE IMPRENSA
SERVIÇO DE RECORTES

GAZETA DE NOTICIAS

Jornal
Localidade
Estado
Data 27 ABR 1940

43

Chegou hontem Lyra "Cabeção"

O ESTRANGULADOR DE ELZA FERNANDES CONFESSOU O SEU CRIME, MOMENTOS DEPOIS DE CHEGAR A' POLICIA CENTRAL

Vindo de avião, chegou, hontem, a esta Capital, Natividade Lyra, o "Cabeção", autor do barbaro trucidamento de Elza Fernandes.

"Cabeção" foi preso em Belém do Pará, onde se encontrava foragido.

Lyra "Cabeção", veiu preso, sob vigilancia, e aqui desembarcado, foi entregue ao Dr. Collaço Veras, secretario do Capitão Baptista Teixeira, Delegado Especial da Ordem Politica e Social, que, o fez remover para a Policia Central. Ali, pouco depois de haver chegado, "Cabeção" confessou todo o seu crime. Grande massa popular, movida pela curiosidade que a figura do "carrasco" despertou, occorreu ao Aeroporto Santos Dumont, afim de ver o trucidador, tendo sido preciso ás autoridades, estabelecerem cordão de isolamento.

COMO VIAJOU O CRIMINOSO

Francisco Natividade Lyra, o "Cabeção", viajou de Belém do Pará, ao Rio de Janeiro, pelo hydro-avião da linha paraense da Panair do Brasil, que partiu daquella capital na quarta-feira pela manhã, pernoitando em Fortaleza, alcançando na quinta-feira Recife, onde tambem pernoitou, e desceu finalmente hontem, sexta-feira, ás 16,20 horas, no Aeroporto Santos Dumont.

A viagem foi feita nesse hydro-avião e não no "clipper" internacional, devido ao facto de estar o ultimo, que tambem partiu na quarta-feira de Belém, mas chegou ao Rio no dia immediato, completamente lotado, não sendo possivel assim accommodar o preso e os dois policiaes que o escoltaram num compartimento separado dos demais passageiros, de accordo com as praxes adoptadas pelas companhias Panair do Brasil e Pan American Airways.

Tanto no "commodore" em que Natividade Lyra viajou de Belém a Fortaleza e ao Recife, como no "baby-clipper" em que completou a viagem do Recife aod Rio lde Janeiro, existem ao Rio de Janeiro, existem forma que foi facil fazer com que os demais passageiros não fossem molestados com a sua presença.

O trabalho é o único instrumento capaz de conduzir-nos á grandeza que aspiramos, e, portanto, reservamos-lhe um lugar de honra e faremos tudo para estimulá-lo, protegê-lo, garantí-lo em seus direitos.

Possuimos já uma legislação que garante ás classes trabalhadoras plenos direitos, porém, queremos aperfeiçoá-la e completá-la ainda mais.

Getulio Vargas.

INSTAURADO EM BENEFÍCIO DO POVO E PARA ENGRANDECIMENTO NACIONAL, O REGIME DE 10 DE NOVEMBRO EXIGE DESINTERÊSSE, ABNEGAÇÃO E SACRIFÍCIO. NÃO CONSTITÚI UMA EXPERIÊNCIA, NEM É UMA SITUAÇÃO TRANSITÓRIA. HÁ DE PERDURAR PARA RESOLVER, DE FÓRMA DEFINITIVA, OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO PROGRESSO DO PAÍS.

GETULIO VARGAS